



Mulheres no ambiente público:

o vestuário como forma de discurso



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESIGN

**Mulheres no ambiente público: o vestuário como forma
de discurso**

Karla Beatriz Barbosa de Oliveira

- JULHO 2019 -

KARLA BEATRIZ BARBOSA DE OLIVEIRA

Mulheres no ambiente público: o vestuário como forma de discurso

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design, Área de concentração: Design, Cultura e Sociedade da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Design.

Orientador: Prof. Dr. Shirley Gomes.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BOL48m Barbosa de Oliveira, Karla Beatriz
Mulheres no ambiente público: o vestuário como forma de discurso / Karla Beatriz Barbosa de Oliveira; orientador Shirley Gomes Queiroz . -- Brasília, 2019.
138 p.

Dissertação (Mestrado - Mestrado em Design) --
Universidade de Brasília, 2019.

1. vestuário. 2. política. 3. gênero. 4. mulher pública.
5. representação. I. Gomes Queiroz , Shirley , orient. II.
Título.

KARLA BEATRIZ BARBOSA DE OLIVEIRA

**MULHERES NO AMBIENTE PÚBLICO: O VESTUÁRIO COMO
FORMA DE DISCURSO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Design do Instituto de Artes da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Design.

Aprovada em 02/07/2019

BANCA EXAMINADORA



Shirley Gomes Queiroz - DIN/UnB



Adair Marques Filho - UFG



Marisa Cobbe Maass - DIN/UnB

A Deus, Nossa Senhora, Santo Antônio e à vó Ana

AGRADECIMENTO

Agradeço aos meus pais, que sempre me deram suporte e apoio, seja econômico ou emocional, para lutar por meus objetivos.

Aos meus irmãos Léo e Samuel, por caminharem ao meu lado. A Querida (Anna), por ser minha revisora oficial e para a Xuxu (Lud), por desenvolver toda a parte gráfica da dissertação, além de toda paciência, companheirismo e carinho em todos os momentos da vida.

A Joana que em uma festa estranha com gente esquisita passou musicalmente pela minha vida e me apresentou umas das coisas mais importantes para si, sua mãe Manuela. Nem todos os toddynhos do mundo seriam suficientes para agradecê-la. A minha luz portuguesa Manuela Hasse que me ofereceu além de direções bibliográficas, palavras amigas e incentivadoras.

A Morgana Batista por ter mergulhado nas cores para ilustrar meu estudo.

Aos meus amigos pra toda vida, por acompanharem cada nova decisão e me incentivarem todos os dias, com o brilho nos olhos necessários em dias ruins, pelas risadas e choros sem hora marcada, pelas fugas estratégicas em meio ao caos.

As integrantes do grupo “Faz a kondo, miga!”, que dividiram risos e choros, mandando embora o que não nos faz feliz nesta caminhada.

Ao Rodrigo, nosso anjo e a própria solução para qualquer problema que tivéssemos no mestrado.

As minhas entrevistadas que se dispuseram em meio a correria diária responder aos meus questionamentos e me ensinaram mais sobre o mundo e o feminino.

Aos professores do mestrado em Design, que contribuíram para meu crescimento acadêmico, em especial a minha orientadora Shirley Gomes. Aos membros da banca, Adair Marques, que me acompanha desde a graduação em design de moda e a Marisa Mass, por toda disponibilidade.

Aos professores da faculdade de Comunicação da UnB por não terem medidos esforços para me auxiliar na transição da graduação para o mestrado, e por acreditarem em meu projeto, me incentivando a cada nova etapa.

“Todo mundo sabe que as roupas constituem um fenômeno social: mudanças no vestuário são mudanças sociais. E mais, diz-se que transformações políticas e sociais refletem-se no vestuário; mas, como os ternos masculinos permanecem os mesmos por duzentos anos, continuidade deve ilustrar alguma coisa.” - Anne Hollander.

RESUMO

O presente estudo buscou levantar a forma de representação de gênero corrente na escolha do vestuário de mulheres dentro do ambiente público. A pesquisa partiu da concepção histórica de diferenciação entre masculino e feminino, caracterizando as diferenças e destacando como o vestuário é um item essencial quanto ao norteamo das relações femininas nesse ambiente, que se contextualiza por relações de força e poder. Duas etapas foram utilizadas para a coleta de dados: a análise de três mulheres de destaque no cenário político mundial - Angela Merkel, Michelle Bachelet e Thereza May - e um questionário para confrontação de ideias dentro de um grupo focal, mulheres em cargos políticos, evidenciando os formatos e as opções das roupas das participantes, bem como as justificativas para tais escolhas. Por conseguinte, o estudo aponta que a preferência acompanha a classificação hierárquica, os estereótipos masculinos para a representação da mulher ou mesmo a aceitação no universo da política. Essas relações vinculam cada distinção a sua competência de atuação no segmento público e estabelecem ligação intrínseca entre a predileção das roupas e o exercício da profissão, além da percepção da realidade da masculinização objetivando aceitação.

Palavras-chave: vestuário, política, gênero, mulher pública, representação.

ABSTRACT

The present study had as objective to raise the form of gender representation in choosing women clothing within the public sector. From the historic design of differentiation between male and female this research appeared, characterizing the differences and showing how clothing is an essential way to lead the female relation in this environment framed in strength and power context. Two steps were used for data collection: analysis of top three women within world political scene - Angela Merkel, Michelle Bachelet and Thereza May - besides a questionnaire designated to compare ideas inside a group, women in political positions, highlighting clothing formats and options and the their reasons. Therefore, the study reveals that the preference accompanies the hierarchical classification, gender stereotypes for women's representation or even acceptance on political universe. These relations bind every distinction to the operation level in public segment and establish intrinsic link between clothing predilection and exercise of the profession, besides the perception of reality of masculinisation aiming acceptance.

Keywords: clothing, politics, gender, public woman, representation

SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
1.1 Problema de pesquisa.....	17
1.2 Objetivo.....	17
1.3 Objetivo específico.....	18
1.4 Justificativa.....	18
1.5 Metodologia.....	19
1.6 Estrutura da pesquisa.....	33
2. Gênero e política.....	36
2.1 O público e o privado na política.....	39
2.2 Corpo, padrões e conduta: gênero constituído pela repetição.....	43
2.3 Imagem, identidade e reputação na política.....	49
3. Vestuário, gênero e cidade: diálogos possíveis.....	54
3.1 Vestuário: percepção de leituras e falas.....	58
3.2 Mulher na política: sua vida como representação de gênero.....	62
3.2.1 Representações de gênero recorrentes na política.....	65
3.2.2 Roupas como representação de gênero na política.....	68
3.3 Mulheres vestidas na política.....	74
3.3.1 Angela Merkel: a mulher mais poderosa do mundo.....	78
3.3.2 Michelle Bachelet: resiliência política.....	76
3.3.3 Theresa May: política fashion.....	92
4. Percepções: roupa, ambiente e realidade	98
4.1 Descrição de processo.....	102
4.2 Alcance e direção dos questionários.....	103
4.2.1 Categoria A – O ato de vestir.....	104
4.2.2 Categoria B – roupa: público x privado.....	106
4.2.3 Categoria C – masculino e feminino.....	113
4.2.4 Categoria D – Grades e contenções no vestir.....	118

4.3 Personalidades e questionários: refletindo inferências e correlações.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	130
APÊNDICE.....	135

LISTA DE FIGURA

Figura 1 – Eixos temáticos

Figura 2 – Conexão eixos temáticos

Figura 3 – Vestuário em palavras

Figura 4 – Gênero em palavras

Figura 5 – Política em palavras

Figura 6 – Intersecção entre os eixos temáticos

Figura 7 – Fluxograma eixos temáticos

Figura 8 – Representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica

Figura 9 – Representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica

Figura 10 – Representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica

Figura 11 – Mapa mental com autores escolhidos para o desenvolvimento da pesquisa

Figura 12 – Angela Merkel

Figura 13 – Michelle Bachelet

Figura 14 – Theresa May

Figura 15 – Angela Merkel com seus trajes tradicionais

Figura 16 – Angela Merkel com membros da família real

Figura 17 – Angela Merkel e Christine Lagarde

Figura 18 – Inauguração da Ópera de Oslo

Figura 19 – Festival de Bayeuth em 2018

Figura 20 – Angela Merkel em visita oficial ao Brasil

Figura 21 – Angela Merkel em campanha

Figura 22 – Ilustração Angela Merkel e paleta de cores

- Figura 23 – Michelle Bachelet e Cristina Kirchner
- Figura 24 – Michelle Bachelet e Angela Merkel
- Figura 25 – Michelle Bachelet na primeira posse
- Figura 26 – Michelle Bachelet na segunda posse
- Figura 27 – Michelle Bachelet e Pepe Mujica
- Figura 28 – Michelle Bachelet em evento oficial
- Figura 29 – Michelle Bachelet em visita a África
- Figura 30 – Michele Bachelet discursando em evento
- Figura 31 – Ilustração Michelle Bachelet e paleta de cores
- Figura 32 – Theresa May usa acessórios extravagantes
- Figura 33 – Peças extravagantes e coloridas
- Figura 34 – Detalhes mais ousados
- Figura 35 – Em audiência com a rainha da Inglaterra
- Figura 36 – Theresa May em evento oficial
- Figura 37 – Theresa May em casamento real
- Figura 38 – Em encontro de líderes
- Figura 39 – Theresa May em casamento real
- Figura 40 – Ilustração Theresa May e paleta de cores

INTRODUÇÃO

Em um cenário histórico, historiográfico e midiático, é possível observar que no processo de comunicação, a mensagem visual interfere diretamente nas ações no ambiente político. Dentre as observações, podemos ressaltar como o discurso identitário, constituído pelo vestuário, interfere na trajetória política de mulheres em cargos eletivos no poder executivo, já que as roupas são instrumentos históricos para análise de desenvolvimento do design, que refletem ainda a cultura das aparências e da política.

Ao considerar que os trajes são consolidações das expressões ou mesmo do cotidiano social e se formalizam no espaço por atividades dialéticas, ou seja, pela forma de condensar dados comunicativos sobre determinada sociedade, temos a moda como produto ou mesmo processo.

É com base nesta ideia que se torna possível compreender que a moda e, em um sentido mais restrito, as roupas, materializam os acontecimentos de um mundo civilizado, social e cultural no qual estão inseridos. Cada escolha se adequa de forma originária à função primária de pudor, conforto e mesmo de proteção. Vale ressaltar que o traje transpõe esse exercício primário de cobrir o corpo, mas se torna um recurso que expressa a identidade e cultura do indivíduo e do coletivo. É também por meio dos trajes que se torna possível a observação da relação social, seu processo de controle e o exercício de estratificação social, pela valoração ou respeito frente aos outros e aos acontecimentos, controlando a conduta de quem os veste.

Assim, a imagem constituída pelas escolhas de cada vestimenta carrega ideias, valores, normas e consolida a linguagem que conduz a aceitação do indivíduo, por seus significados. Essa formulação é uma representação - sistema de classificação e pertencimento - revelando a realidade e o gênero de quem as porta. Como sugere Eco (1989), o portador das roupas é também um portador de discurso, de história, de ideologia.

Como o traje, o gênero é reflexo de construções sociais e culturais. É possível perceber que no âmbito da moda sempre foi recorrente a divisão entre masculino e feminino, o sistema binário, como inicialmente ocorria no gênero.

Ao avançar nos sistemas representativos e discursivos, o gênero ampliou seus tópicos de classificação e, assim, atualmente, temos mais de trinta nomenclaturas reconhecidas¹, Caparica (2018), como aprovado pela Comissão de direitos humanos de Nova York dos Estados Unidos, Catraca Livre (2016).

Ao observar as questões de gênero pela roupa, ficam evidentes que elas são construções imagéticas e representativas do público e privado, atribuídas pelo sistema estrutural de uma cidade e, em determinadas sociedades, produzem uma identidade de gênero, que reafirma de forma contínua os discursos sobre processos sociais e históricos. Estes discursos são impostos, controlados na maior parte das vezes, pela determinação corporal.

Nesses processos complexos e interconectados é que se reconhecem as formações de linguagem, identidades, aceitação e mesmo a estruturação da reputação, representados visualmente pelas roupas. Diante desta realidade, as roupas assumem um papel de protagonista na distinção de gênero, mediante os discursos que retratam o masculino e o feminino, na imagem política, e incorporam sentidos claros para a fala e exercício de sua função.

Esta dissertação apresenta uma reflexão sobre a roupa como forma de representação de gênero a partir de um discurso feminino no ambiente político. Não se busca uma análise sociológica, mas uma abordagem focada no discurso feminino, investigando como as mulheres recorrem ao traje, no exercício de sua função, para se expressar. O estudo aborda as mulheres em cargos eletivos no poder executivo, ou seja, uma nova perspectiva para esta ambiência. Como objeto de estudo, tomou-se como ponto de partida o vestuário de três representantes políticas desta nova realidade; Michelle Bachelet², Angela Merkel³ e Theresa May⁴, contextualizando as suas vivências em cada cultura, suas possíveis similaridades e diferenças.

¹ Disponível em: < <https://www.hypeness.com.br/2016/06/nova-york-agora-reconhece-31-diferentes-tipos-de-genero/> > acessado em 07 jul 2018 as 17h12

² Verónica Michelle Bachelet Jeria (29 de setembro de 1951) é ex-presidente do Chile pelo Partido Democrata Cristão, tendo atuado no cargo por dois períodos: entre os anos de 2006 e 2010 e, posteriormente, entre 2014 e 2018. Antes de exercer a presidência, trabalhou como ministra da defesa do governo de Ricardo Lagos. Deve-se destacar também que Bachelet foi a primeira encarregada da ONU Mulheres.

Com isso, foi possível perceber que homens e mulheres têm suas colocações diferenciadas, sejam pelas roupas ou mesmo ocupações, sendo relevante a essência de cada sexo. Os lados biológicos, masculinos e femininos, como se verá, se mostram distintos e capazes de serem apontados como seres antagônicos, mas indissociáveis, como discorre a historiadora Joan Scott (1995).

1.1 Problema de pesquisa

A pesquisa é centrada na relação de vestuário, gênero e política, principalmente, buscando mostrar a percepção de como a indumentária é usada para delimitar as representações de gênero no campo político. Dentre os fatores que determinaram a escolha do problema de pesquisa está a busca por aprofundar os estudos sobre como as roupas servem de instrumento de comunicação e fortalecimento, mais especificamente no cenário político, de forma a estruturar uma percepção de como acontecem as representações visuais neste ambiente. O que nos interessa descobrir é: **como as mulheres recorrem às roupas para se imporem no ambiente político e até que ponto as roupas são elementos de auto representação?**

1.2 Objetivo

O objetivo dessa pesquisa é **investigar a representação de gênero na política pelas roupas de personagens femininas, suas ocorrências e a**

³ Angela Merkel (17 de julho de 1954) é a atual chanceler da Alemanha, ocupando este cargo desde 2005, pelo partido União Demócrata-Cristã. Ingressou na vida política durante o período de reunificação da Alemanha, tendo sido eleita como membro do Parlamento Alemão em 1990.

⁴ Atual primeira-ministra do Reino Unido, Theresa Mary May (1 de outubro de 1956) é membro do Partido Conservador britânico e foi escolhida para o cargo em julho de 2016 como sucessora do ex-primeiro-ministro David Cameron que renunciou ao cargo após o resultado do referendo para a saída do Reino Unido da União Europeia (Brexit). Antes disso, já havia atuado como membro do Parlamento Britânico e ministra do Interior durante o governo Cameron.

construção de subjetividades - ou seja - considerar o mundo percebido e valorizado por meio das escolhas, em seu discurso.

1.3 Objetivo específico

1. Compreender quais as representações de gênero estão inseridas no cenário político;
2. Perceber como são feitas as escolhas de indumentária e, por consequência, de discurso identitário em cada escolha de roupas;
3. Determinar de que forma a roupa pode interferir na receptividade dentro da política;
4. Explorar e responder como os candidatos utilizam conceitos de poder pela roupa para estreitar o relacionamento com seu eleitor.

1.4 Justificativa

Ao observar a trajetória das mulheres nas sociedades é possível perceber que os movimentos sociais, culturais, políticos, econômicos, estéticos são meios que tendem a orientar seu comportamento, limitações e possibilidades, incluindo a escolha de suas roupas. Essas observações levam-nos, principalmente, ao questionamento da necessidade de mudança para que se possa não só adequar-se ao que o ambiente e as convenções exigem, mas também para servir de sustentação de uma imagem de força e poder.

Os fatos históricos são formas de contextualizar os comportamentos do indivíduo, são mudanças capazes de mostrar que dentro do processo histórico acontecem os papéis sociais e, que estes são delimitados de forma bem clara entre homens e mulheres, destacando, assim, a separação entre gêneros. Essa forma de distinção fica mais evidente, de forma visual, pelo desenvolvimento das roupas.

Partindo dessa observação entre homens e mulheres, é possível perceber que a roupa é um agente articulador das perspectivas sociais, econômicas e políticas, sendo possível vislumbrar que existem concepções de

hierarquias, definições de papéis e que ela influencia nas formas de posicionamento de poder, inclusive no ambiente político.

Com base nessas considerações se estruturou o interesse pelo tema da pesquisa, consolidando outros dois trabalhos que abordavam roupa e política, intitulados “*A roupa da presidente: uma análise de comunicação pelas vestes*” e “*Digite m.o.d.a e “confirma”: personal branding como processo de escolha na política*”, apresentados para obtenção dos títulos de bacharelado em jornalismo e publicidade que, respectivamente, apontaram que as escolhas das roupas na política são formas de informação, de construção imagética, de identidades e atributos de gênero para o público.

Em um primeiro olhar, considerou-se a importância dessas observações, e foi possível perceber que a relação entre moda e política permitiria novos questionamentos e estudos, como delinear as formas de representação de gênero pelas escolhas, assim, mostrando que o vestuário é um agente articulador dessas diferenciações e que ele influencia nas formas de posicionamento de poder no ambiente político. Esse estudo apresenta, ainda, como se percebe, a construção do discurso identitário feminino na política.

Assim, a pesquisa se justifica, especialmente, em razão das alternâncias de posicionamentos das mulheres dentro do cenário político e do claro controle social, cultural, econômico, de gênero neste ambiente, além de uma perspectiva constitutiva de discurso identitário pelas roupas. Consolidando os conceitos de gênero, design e moda (vestuário) para explicar que, “A moda ‘dele-para- ela’, os ternos com cortes masculinos e a aparência masculina em geral podem fazer com que algumas de nós (mulheres) se sintam mais fortes e poderosas.” (FISCHER-MIRKIN, 2001, p. 19).

1.5 Metodologia

A pesquisa científica acontece na busca de respostas racionais para questionamentos subjetivos sobre o tema. É importante percebermos que as respostas não são absolutas, mas podem ser aperfeiçoadas a cada nova hipótese e são ligadas à compreensão de teorias que refutem ou atestem os

questionamentos, com o intuito de fugir dos conceitos do conhecimento popular.

É o que nos apresenta Lakatos e Marconi (2007, p. 77), afirmando que o conhecimento sistematiza as ideias, tornando-os conexos e afastando a possibilidade de dispersão, que pode ser verificável, não sendo limitado ao cotidiano de quem pesquisa e não é algo definitivo, absoluto ou final, pois podem ser reformuladas ou corrigidas.

Seguindo este raciocínio, Foucault (1982) nos apresenta a ideia de que todo lugar ou momento nos mostra uma verdade para ser dita, vista e questionada. Esse movimento formula inquietações que são expostas por novas questões, novas perspectivas, mesmo em outro ângulo, e nos orientam de forma a percebermos que determinada verdade está presente em todos os lugares com suas nuances e especificidades. Os acontecimentos e processos permitem que surjam várias questões sobre um mesmo tema, com as mesmas etapas para completar o método: observar/experimentar, analisar, formular uma hipótese ou problema, experimentar ou testar, sintetizar e, por fim, generalizar.

Nesta perspectiva, o método de pesquisa adotado pode ser classificado como exploratório, apesar de apresentar pontos explicativos, pois o estudo foi fundamentado com o objetivo de elucidar o porquê dos acontecimentos, por meio de registros, análises, classificações e interpretações. Mas a estrutura principal é centrada na exploração de informações que possam expor a questão central do estudo, que é como a roupa no ambiente político serve de instrumento documental para expressar discursos de identidade e do feminino na política.

O estudo foi estruturado na intenção de apontar observações e novos conhecimentos sobre a relação da roupa e gênero dentro do cenário político. A finalidade da pesquisa é mostrar que essa ocorrência tem por base três eixos temáticos: vestuário, gênero e política. Esses eixos foram pouco explorados em pesquisas acadêmicas e se formulam pela complexidade que envolve os acontecimentos na sociedade e seus sistemas.

Para potencializar a possibilidade desta análise foram elaboradas estruturas visuais, gráficos de associações e fluxogramas, que condensam a sistematização e raciocínio desta pesquisa. A primeira imagem apresenta a possibilidade de associações entre os eixos temáticos, pensadas de forma que tornem perceptíveis as individualidades que se apresentam por cada eixo, mas também, a estrutura coletiva, induzindo as intersecções entre os temas.

Na figura 1, temos a representação dos eixos temáticos, cada tema apresentando suas particularidades, mas se interligam na ideia de explicar o indivíduo. Assim, ao conectar os temas, poderemos apontar que as escolhas retratam a realidade dentro de um contexto histórico, cultural ou mesmo social. O que motivou a escolha desta tríade foi à intenção de mostrar o movimento de interligação sistemática e indissociável entre eles.

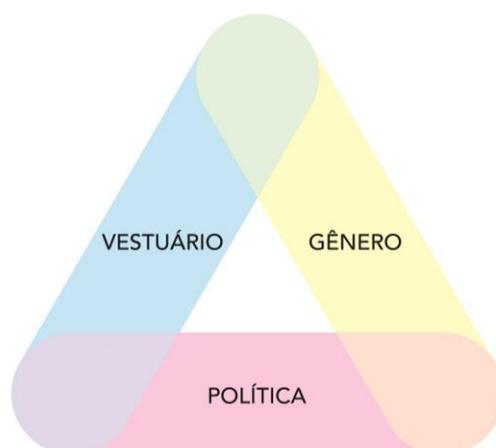


Figura 1 – Eixos temáticos

Fonte: elaborado pela autora

Ao delimitarmos os temas para a análise consideramos elementos que tornassem viáveis a explicação de cada tema, suas várias perspectivas e significados, considerando, ainda, que cada cor tem uma função, uma atribuição, um discurso.

Em um segundo momento, após encontrar os eixos temáticos, busca-se compreender cada área, fazendo um levantamento de palavras-chave que

consigam conceituar e formular um raciocínio linear que viabilize o estudo. Na figura 2, a escolha de representar de forma gráfica a conexão dos eixos temáticos - que não são lineares, se conectam e se reformulam, como uma ideia sistêmica de palavras que formaliza - partiu da ideia de explicar como foi elaborado o raciocínio da pesquisa, mostrando o que cada tema teria de contribuição para o desenvolvimento deste estudo.

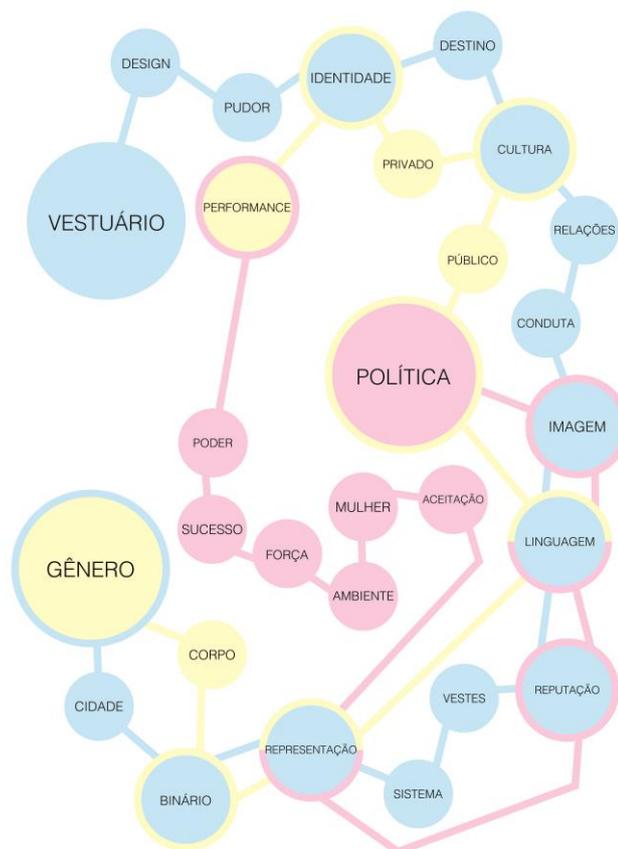


Figura 2 – Conexão eixos temáticos

Fonte: elaborado pela autora

No levantamento do conteúdo bibliográfico escolheu-se salientar as intersecções basilares entre os eixos temáticos e selecionar palavras representativas que caracterizassem as conexões, não equivalendo a um elemento em si da pesquisa, mas um instrumento para explicar essa ideia.

A figura 3, que apresenta o eixo vestuário, nada mais é que o desmembrar da figura três, apresentando como pode ter sido explicada de

forma sequencial o tema vestuário⁵. Vestuário foi a primeira conexão linear-celular pensada sobre os temas, por isso, tem uma forma menos orgânica e disforme. Construiu-se de forma linear a escolha de 17 palavras coordenadoras dos pensamentos.

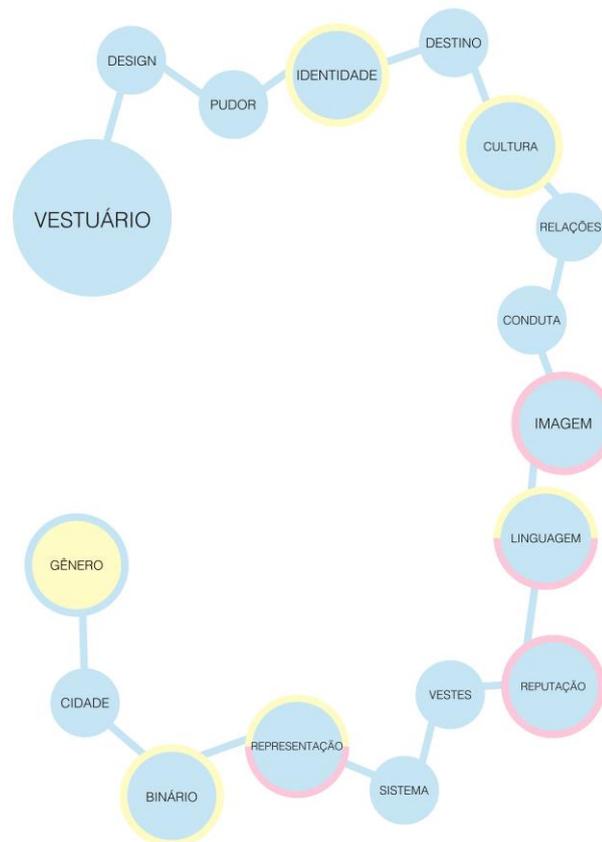


Figura 3 – Vestuário em palavras

Fonte: elaborado pela autora

Seguindo o mesmo raciocínio do tema vestuário, a quinta e a sexta figuras foram desenvolvidas com palavras que determinam recorrência dos pensamentos que englobam os temas gênero e política, respectivamente, para auxiliar na solução da questão central do estudo, mas mostram uma forma

⁵ O termo será tratado ao longo do estudo e com mais detalhes no capítulo 3, mas adianto a definição feita em dicionário: Vestuário, ves-tu-á-ri-o (sm) 1. Conjunto de peças de roupa disponíveis; roupa, traje, veste. 2. POR EXT Conjunto das roupas que formam um traje e também seus acessórios ou complementos. 3. FIG Maneira de vestir-se ou de arrumar-se. (Michaelis - Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, online).

mais orgânica e disforme, por já estarem deslocando as palavras que aparecem em outros temas.

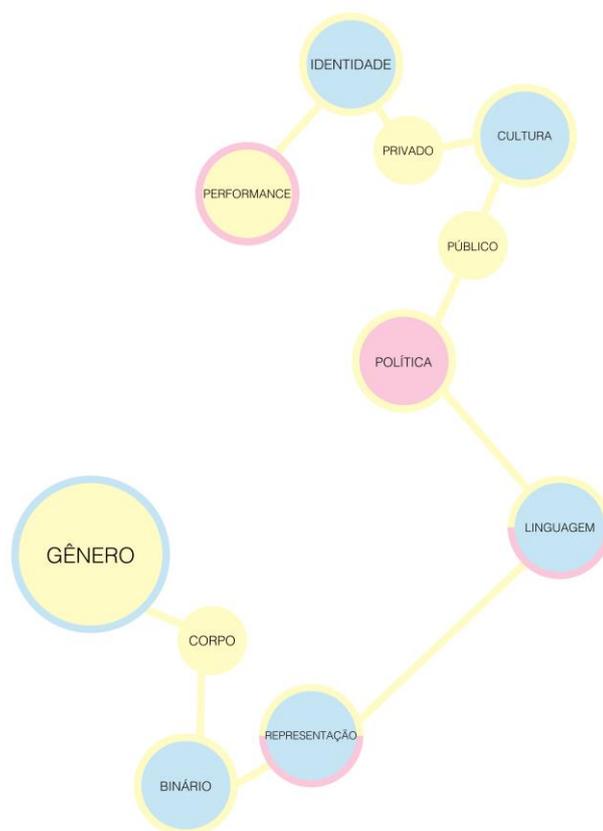


Figura 4 – Gênero em palavras

Fonte: elaborado pela autora

Na ilustração que apresenta o eixo temático de gênero⁶, figura 4, foram escolhidas 10 palavras. Essas palavras destacam os conceitos que formalizam as ideias que a academia apresenta sobre o tema. Esse levantamento permitiu perceber que existem palavras que são associáveis ao tema vestuário e

⁶ O termo será tratado ao longo do estudo e com mais detalhes no capítulo 2, mas adianto a definição feita em dicionário: gê-ne-ro s.m.1 Conceito de ordem geral que abrange todas as características ou propriedades comuns que especificam determinado grupo ou classe de seres ou de objetos, estabelece a distinção, baseada na oposição entre masculino, feminino e neutro, animado e inanimado, (Michaelis - Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, online)

política.

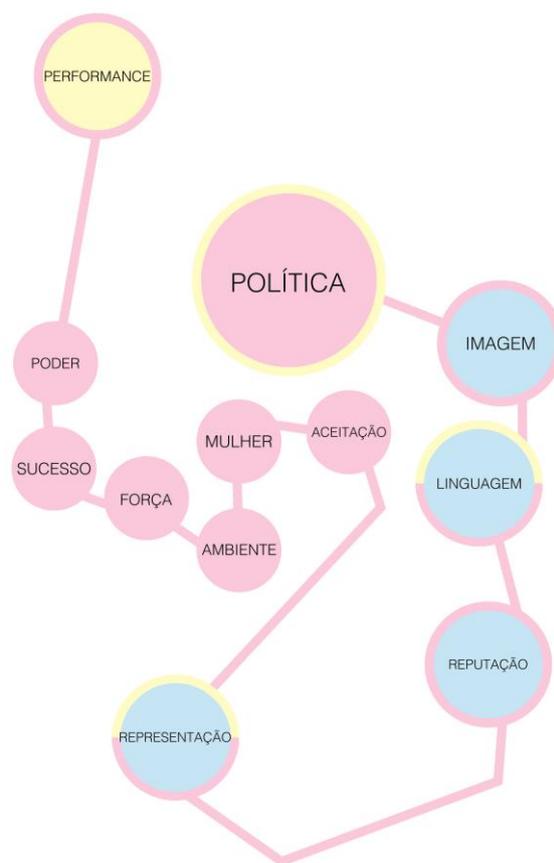


Figura 5 – Política em palavras

Fonte: elaborado pela autora

A figura 5 apresenta o terceiro eixo temático, política⁷, e a escolha de 11 palavras que direcionam o raciocínio que fundamentará o estudo. Como nos eixos anteriores foram levantadas palavras que já haviam sido percebidas nos temas já apresentados. Essas recorrências são importantes para explicar a

⁷ O termo será tratado ao longo do estudo e com mais detalhes no capítulo 2, mas adianto a definição feita em dicionário: po-lí-ti-ca s.f. 1 Arte ou ciência de governar. 2 Arte ou ciência da organização, direção e administração de nações ou Estados: “Poucos dias depois do teatro e do café, um rapaz, nosso amigo comum, conhecido de Raul, dos bancos da praça do Ferreira, onde discutiam furiosamente arte e política, amigo meu dos bondes e das avenidas, nos apresentou um ao outro” (RQ). (Michaelis - Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, online)

questão central do estudo. É preciso perceber que as imagens escolhidas têm uma forma orgânica para que seja possível um encaixe entre os temas e, assim, conectar os três temas por palavras que se apresentam de forma recorrente.

A figura 6 apresenta a intersecção dos eixos temáticos com a análise das palavras, o encontro de termos conexos entre os temas e a forma gráfica do pensamento elaborado para explicar o estudo. Recaiímos, novamente, na imagem da tríade, mas complementando-a, em cada vértice, com a palavra que é conexa entre dois temas e, no centro, a palavra que aparece nos três eixos.



Figura 6 – Intersecção dos eixos temáticos

Fonte: elaborado pela autora

Vale ressaltar que a palavra representação aparece na conexão entre todos os eixos, o que nos leva a destacar que seria o cerne estrutural do estudo, ou seja, explicitar que estes eixos sintetizam a ideia ou a imagem que concebemos ou compreendemos do mundo ou de alguma coisa, neste caso, o da mulher e das relações de gênero no ambiente político através de suas roupas.

A relação intrínseca entre mais de uma palavra por eixo é perceptível, mas foi preciso direcionar o pensamento e escolher uma palavra com força

precípua para que pudéssemos levantar respostas aos questionamentos centrais do estudo, como apresentado.

Seguindo a estrutura pensada para o estudo foi elaborado um fluxograma dos eixos temáticos (figura 7) com base na tríade, que explica a seleção direcional das discussões do porquê da metodologia e estas escolhas, mostrando que existe uma dinâmica que converge para a questão central do estudo, na qual busca-se imprimir de forma sistemática a ideia de que as roupas são formas de contextualização de discurso de gênero e poder, seja em forma de produto ou pelo processo de escolha no ambiente político.

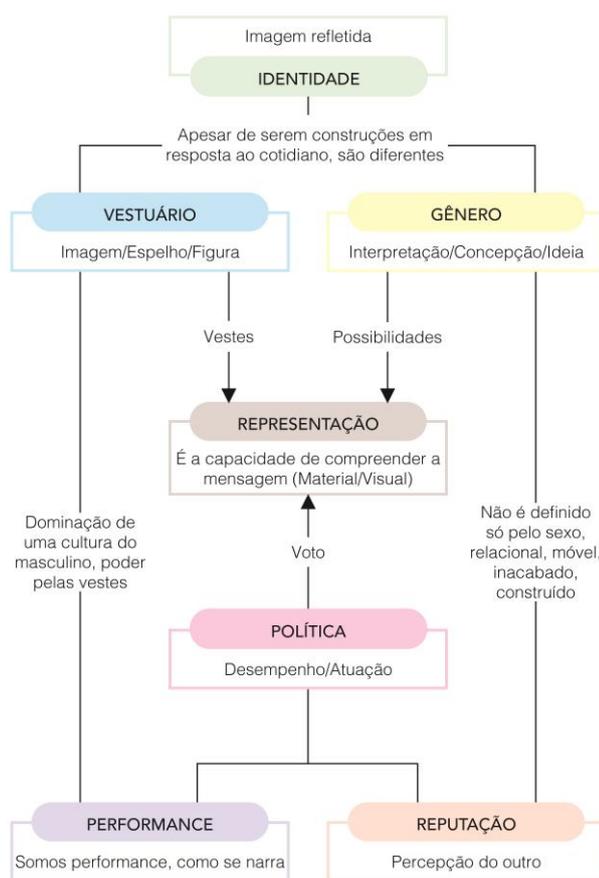


Figura 7 – Fluxograma dos eixos temáticos

Fonte: elaborado pela autora

Já os fluxogramas 8 e 9, que tratam a representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica, surgiram da necessidade em abordar os temas política e gênero, além de investigar se

existe uma relação intrínseca entre os eixos e, ainda, se essas áreas são sustentadas pelos acontecimentos e movimentos sociais, históricos, temporais, culturais e mesmo os imagéticos, interferindo na estruturação e representação dos papéis do indivíduo.



Figura 8 – Representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica

Fonte: elaborado pela autora⁸

A figura 8 - a representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica - apresenta de forma vertical a ideia conceitual e histórica do público e do privado; dois lados que foram construídos de forma desconexa e pelo controle do comportamento do indivíduo em sociedade. Esses conceitos são essenciais para a estrutura deste trabalho, por demarcar o

⁸ Legenda para os fluxogramas:

Seta – um único sentido

Traço – caminho de mão dupla

feminino e o masculino da mulher e do homem, além de suas incorrências, e definição de papéis, destacando que o indivíduo é consequência da história e suas mudanças, associando as possibilidades presentes às respostas que foram dadas ao passado.

Afinal, o papel público que sempre foi destinado ao homem, o provedor, tem ganhado a presença feminina desde que ela conquistou o direito de trabalhar e ter um papel dissociado de sua única função anteriormente fixado, a de mãe, educadora e do lar, sentenciada ao privado.

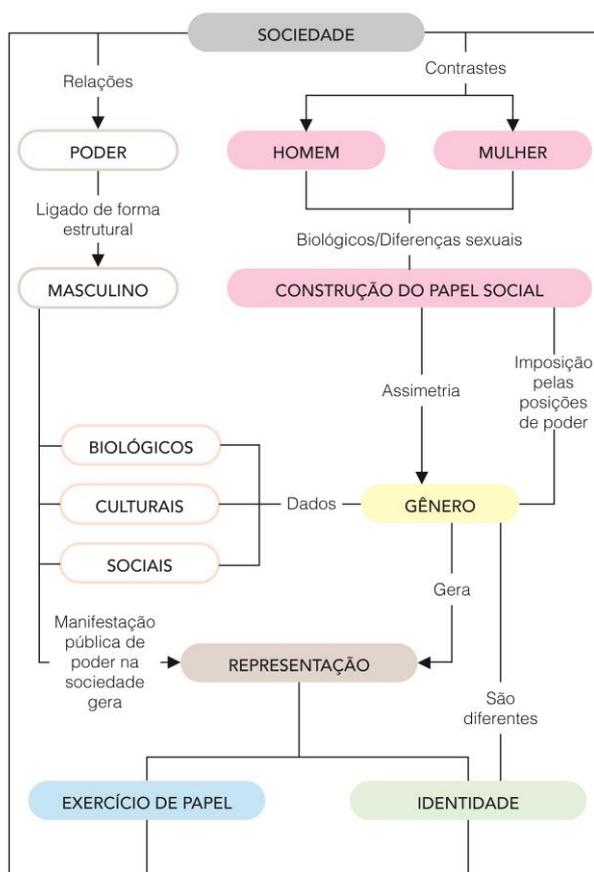


Figura 9 – Representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação

Fonte: elaborado pela autora⁹

Já na figura 9, a representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica estrutura a formação da sociedade,

⁹ Legenda para os fluxogramas:
 Seta – um único sentido
 Traço – caminho de mão dupla

incluindo as relações de poder, centradas no masculino e suas formas de controle. Esse esquema apresenta o cenário em sociedade, destacando as relações e os contrastes ocasionais e, ainda, as diferenças do papel do homem e da mulher, inclusive as relações de gênero. O ponto central desta estrutura é explicitar a representação ou representações e como elas são constituídas com uma diversidade de fatores externos.

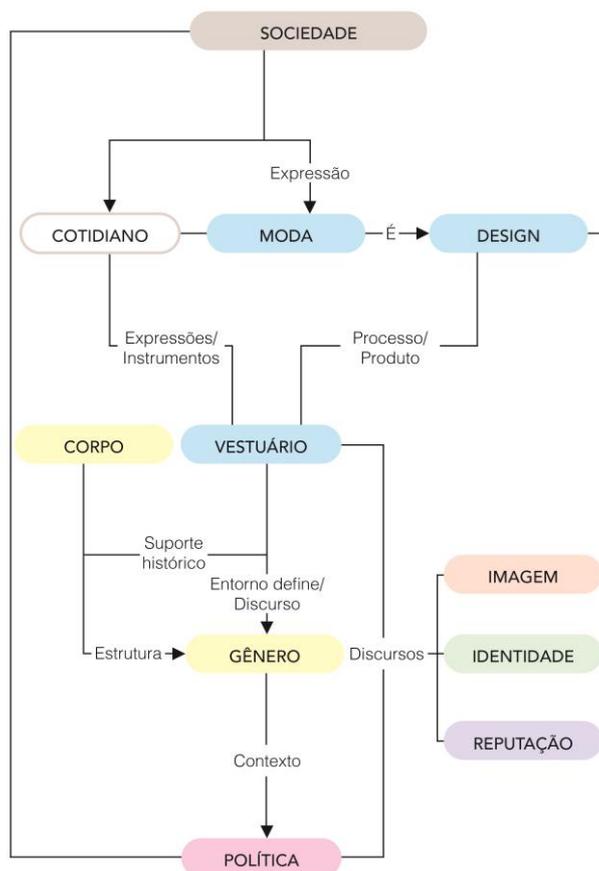


Figura 10 – Representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica

Fonte: Elaborado pela autora¹⁰

Já o fluxograma 10 - representação visual dos conceitos que serão abordados na fundamentação teórica - em consonância com as outras bases estruturais visuais apresentadas até aqui, permitirá uma investigação que

¹⁰ Legenda para os fluxogramas:
Seta – um único sentido
Traço – caminho de mão dupla

consiga direcionar os capítulos 3 e 4, assim, formalizando a ideia central da pesquisa. Se em um primeiro momento foi apresentado o panorama de dois eixos temáticos, política e gênero, com este panorama é possível mostrar que o vestuário, considerando o discurso construído, reflete de forma visual o contexto da participação das mulheres no campo político, identificando como destaque a classificação por gênero em busca de um poder efetivado pela dominação cultural.

O fluxograma foi elaborado em busca de respostas para as questões que sustentam a elaboração do capítulo 2, pois a pesquisa ainda não pode ser concluída e prossegue, inclusive respondendo: como a roupa tem ganhado predominância na escolha de postura e discurso no ambiente político? Poderíamos apontar integração entre o vestuário e a política como atividades ao mesmo tempo individual e coletiva? O cargo eletivo feminino exige uma nova postura e escolha de roupas, como ocorre esse processo?

Essas questões recaem na busca da questão central do trabalho, assim, fica evidente que as estruturas são importantes para descobrir: **como as mulheres recorrem às roupas para se impor no ambiente político e até que ponto as roupas são elementos de auto representação?**

A fim de explicar todas as conexões possíveis, com base nos eixos temáticos, foi elaborado um mapa mental, em formato espiral¹¹, com as palavras que formalizam os conceitos e apresentado os autores escolhidos para fundamentar a pesquisa e mesmo a metodologia. A escolha do formato de uma espiral também serve para mostrar a relação intrínseca entre os eixos

¹¹ Espiral (es-pi-ral) Que tem forma de espira ou de caracol; espiralado. Sf 1 GEOM Curva plana gerada por um ponto móvel que faz uma ou mais voltas em torno de um ponto fixo dele se afastando ou aproximando gradualmente conforme uma lei determinada. 2 Qualquer coisa que tenha forma ou lembre uma espiral. 3 Cada uma das voltas de uma espiral ou de objeto com esse formato; espira. 4 MED V dispositivo intrauterino (DIU). 5 Dispositivo constituído de substância em espiral, que ao ser aceso desprende uma fumaça para espantar mosquitos, muriçocas, pernilongos etc. 6 Mola de aço bem fina colocada no centro do volante de um relógio. 7 BOT Denominação empregada no lugar de helicoidal para se referir à disposição das folhas no caule ou das flores no receptáculo. 8 FIG Movimento de ascensão, difícil ou impossível de controlar. (Michaelis - Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, online)

descrição dos perfis das três personalidades escolhidas - Angela Merkel, Michelle Bachelet e Thereza May - que serviram para estruturar o *corpus* da pesquisa e destacaram que as roupas são expressões visuais de controle no ambiente profissional.

O intuito do questionário foi aplicá-lo em um grupo de mulheres que estão em posição de destaque no ambiente profissional. A meta foi entrevistar pelo menos 10 mulheres investidas em cargos de liderança, com características de poder e política, como: CEO de empresa governamental, lobista, gerente executiva de empresa pública ou privada, candidata política ou funcionária dos Poderes legislativo, executivo ou judiciário.

O questionário buscou compreender se existe um comportamento replicado entre o que essas mulheres vivenciam e a análise de imagens escolhidas das chefes de governo, além de compreender até que ponto elas se sentem obrigadas a seguir uma convenção para exercer o cargo, usando determinado vestuário e, assim, impor sua identidade, enquanto exercem um papel de poder. Delimitar, ainda, até que ponto é um controle pessoal ou um controle da sociedade. Vale lembrar, que é uma análise observacional do comportamento de forma a encontrar respostas morais pelas roupas.

1.6 Estrutura da pesquisa

Assim, a ideia deste estudo foi elaborar informações sobre o design, estruturado pelas roupas e seu discurso, e as questões de gênero dentro da política, fomentando a ideia de que os eixos temáticos têm papel fundamental nesses discursos, influenciando as vivências de forma coletiva e individual.

Ao pensar na abordagem, é perceptível que a melhor opção foi explorar o vínculo do mundo político e as escolhas das roupas como reflexo de gênero e construção de poder. O estudo não foi centrado em números, mas na busca de significados que possam consolidar o objetivo central, por meio da pesquisa bibliográfica, aumentando a possibilidade de compreensão do tema e direcionando o assunto deste trabalho para estudos de caso centrados na

análise de mulheres em cargos de poder, principalmente na política e, em suas formas de vestir como construção de um discurso de gênero.

Para a solução do problema proposto na pesquisa foi feita uma observação direta do fenômeno por materiais visuais que possam auxiliar na classificação ou até na forma de identificar a ocorrência de discurso de gênero. Assim, foram feitos recortes temporais e seleção de imagens que possam permitir a categorização do fenômeno, recaindo em períodos de evidência de cada uma das personagens observadas, percebendo que a escolha das roupas tem uma relação direta com a classificação ou mesmo com o discurso de gênero entre homens e mulheres na política.

Como destacado anteriormente, além de constatar que existem formas de conexão clara entre os eixos direcionais, design, vestuário, gênero e política e que as principais características e relações intrínsecas entre esses eixos destacam as observações de subjetividades desenvolvidas pelas mulheres no ambiente político, o estudo evidencia a análise das roupas escolhidas pelo indivíduo em conexão com o entorno, ou seja, como o indivíduo está inserido em determinados contextos e as reflexões ao que lhe foi exigido. Neste caso, foi preciso compreender que este objeto e seus processos são responsáveis pelas associações de gênero no cenário político. Com base nestes aspectos foi possível estruturar o estudo em capítulos e, dessa maneira, nortear a pesquisa e a dissertação do tema.

O capítulo 2, intitulado gênero e política, situa as relações entre essas duas temáticas - diferenças e possíveis semelhanças - abarcando o que é e como ocorre a representação de gênero no cenário político. A ideia é recorrer a conceitos que possam contribuir para que se tenha um embasamento teórico e conseguir retratar o panorama de gênero na política, como o ser público e privado; corpo, padrões e formas de conduta; além de imagem, identidade e reputação.

O capítulo 3, intitulado vestuário, gênero e cidade: diálogos possíveis consideram os conceitos de gênero e suas formas de representação, que incluem formação da identidade ou exercício de papel, é possível perceber que o gênero é resultado de um processo social, mas está relacionado às

diferenças sexuais ou físicas, incluindo sua forma de representação. A identidade também. Com isso, é preciso mostrar que a cidade ou sociedade são variáveis na construção desses diálogos.

Já o capítulo 4, intitulado como Percepções: roupa, ambiente e realidade, apresenta discussão e análise de resultados dos questionários, com base na parte teórica e, tendo em vista o objetivo geral de investigar a representação de gênero na política pelas roupas de personagens femininas, suas ocorrências e a construção de subjetividades e do discurso, o quarto capítulo propõe a aplicação de questionário, levantamento de resultados e conexão com a parte teórica.

Capítulo 2 - Gênero e política

“Gênero é uma construção social que faz parte da cultura e não da biologia. As possibilidades são inúmeras. Que tipo de futuro aguarda o ser humano em relação a esses costumes? Vamos continuar chamando determinadas coisas femininas e masculinas?” Laerte Coutinho.

As relações sociais, culturais e políticas podem ser consideradas formas de concretização de um sistema de identificação coletiva ou de uma personalidade pública instituída pelas formas de assimilação do espaço, mesmo com tentativas de mudar esse modo social. Assim, é notório que as atitudes, os modos, a percepção, o conjunto de valores e as condutas são capazes de delinear uma situação específica em um recorte de tempo.

O pensar, o sentir e o comportamento sempre são formas de discursar sobre o presente ou mesmo o futuro centrado no indivíduo, como o que acontece na construção de uma imagem ou personalidade dentro da política. A personalidade é uma das formas de definir o ser, como exposto em: “Personalidade (per.so.na.li.da.de) s.f. 1. Conjunto de caracteres de cada pessoa que a distinguem das outras. 2. Pessoa que se destaca na sociedade: *O senador é uma personalidade.*” (Dicionário escolar da Língua Portuguesa, 2008, p. 979). Podemos ainda destacar que o conceito tem um apelo social e psicológico, como vemos em:

“Personalidade” tem inúmeros significados: popular, legal, gramatical, ético, religioso, econômico e psicológico. Entretanto, na essência de todos esses diferentes significados há um sentimento comum: uma pessoa é importante e singular. Desse modo, a palavra dá direção e energia para o vago desejo humano de individualidade. [...] personalidade é a organização dinâmica de traços, no seu interior do eu, que determina o único modo de o indivíduo desempenhar seus papéis sociais. (SMITH, 1977, p.8)

Na estruturação da personalidade há possibilidade, inclusive, de estabilizar os papéis na sociedade, observados os comportamentos, atitudes e modos de refletir os acontecimentos. As construções sociais, a possibilidade de

vínculo entre os aspectos estruturais ou biológicos e o desenvolvimento da personalidade, além das mudanças ocasionais, são formas de esclarecer as complexidades na atualidade, as relações do indivíduo e a cultura.

Não podemos desconsiderar que existe uma aproximação da relação entre cultura e personalidade, acreditando-se que existe uma estrutura básica de personalidade formulada pela cultura, sendo algo que ao mesmo tempo se formula de maneira coletiva e individual e, ainda, demonstra um modo de controle.

O controle acende a ideia de que existe uma correlação entre o indivíduo e a vigilância, como nos apresentou Deleuze (1992), ao citar que existem meios de confinamentos; inclusive entre os regimes e processos, por fim, apontando que existem novas forças que regem as relações entre os indivíduos, que são a sociedade de controle, como quando afirma que:

Não se deve perguntar qual é o regime mais duro, ou mais tolerável, pois são em cada um deles que se enfrentam as liberações e as sujeições. Por exemplo, na crise do hospital como meio de confinamento, a setorização, aos hospitais-dias, o atendimento à domicílio puderam marcar de início novas liberdades, mas também passaram a integrar mecanismos de controle que rivalizam com os mais duros confinamentos (DELEUZE, 1992, p.2)

O confinamento não deixa de constituir o controle e os contrastes marcados entre papéis sexuais e culturas diferentes. Essas ideias se assemelham ao que podemos colocar como a caracterização do comportamento do cenário profissional e político, ao salientar e descrever com realidade a recorrência de uma supremacia masculina nestas relações.

As relações sociais e as de poder construídas entre homens e mulheres explicitam claramente as desigualdades. Elas estão bem presentes na construção social do papel tanto do homem quanto da mulher, sendo reflexo das diferenças sexuais, percebidos, inclusive, no decorrer da história.

Essas relações ainda esclarecem que a personalidade formula e é formulada pela representação e participação do indivíduo na sociedade e pode ser agente, inclusive, na assimetria de gênero. Consideramos que gênero é a

estruturação social que permite ao indivíduo o exercício de uma alocação ou papel na sociedade e que esta dinâmica é imposta e acontece, principalmente, pelas posições de poder:

"O gênero é uma possibilidade de interpretação. O que gênero é, o que as mulheres e os homens são, e os tipos de relações que acontecem entre eles não são simples elaborações de dados biológicos, mas em grande medida, produtos de processos culturais e sociais" (MATTOS, 1999 p.46)

Vale ressaltar que este controle é rígido na definição de identidade individual. Identidade é diferente de papel de gênero; ela é a resposta, conexão, significado e posicionamento do indivíduo que estabelece uma postura como reflexo de imposições e conceitos, sejam eles históricos, temporais e sociais. Afinal, as relações sociais são formas claras para compreendermos o que seria destacado pelo gênero, ainda capacitando as falas destacadas por simbolismos, determinando o comportamento do indivíduo ou determinado grupo:

...os conceitos normativos que põem em evidência as interpretações do sentido dos símbolos, que esforçam para limitar e conter suas possibilidades metafóricas. Estes conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária, que afirma de maneira categórica e sem equívocos o sentido do masculino e do feminino. (SCOTT, 1995, p.14)

É necessário perceber que existe uma forma de estruturar as relações, de transformar as vivências do indivíduo de forma organizada por padrões:

...refere-se à institucionalização social das diferenças sexuais; é um conceito usado por aqueles que entendem não apenas a desigualdade sexual, mas muitas das diferenciações sexuais como socialmente construídas. (OKIN, 2008, apud SILVA, VENTURA E KRITSCH, 2009, p.54)

Ao considerar os conceitos de gênero e suas formas de representação, que incluem formação da identidade ou exercício de papel, é possível perceber

que o gênero é resultado de um processo social, mas está relacionado às diferenças sexuais. A identidade é processo.

A determinação do papel expõe a condição de que a desigualdade é evidente na estrutura das sociedades, pois coloca a mulher e o homem em patamares distintos e esses padrões são reproduzidos em diferentes épocas.

Isso mostra que existe diferença entre identidade e papel de gênero. A identidade caracterizaria a maneira como a pessoa se reconhece: homem, mulher ou nenhum deles. Já o exercício do papel está no padrão de comportamento masculino e feminino, de forma bem definida. Baseado em como a sociedade comumente espera que homens e mulheres se comportem. O papel do homem e da mulher, importante destacar, é constituído culturalmente e pode mudar conforme a sociedade e o tempo, mas existe uma percepção quase uniforme de como ocorre o comportamento e alocação, inclusive na política.

2.1. O público e o privado na política

Quanto mais completamente a sociedade moderna rejeita a distinção entre aquilo que é particular e aquilo que é público, entre o que somente pode vicejar encobertamente e aquilo que precisa ser exibido a todos à plena luz do mundo público, ou seja, quanto mais ela introduz entre o privado e o público uma esfera social na qual o privado é transformado em público e vice-versa, mais difíceis torna as coisas para suas crianças, que pedem, por natureza, a segurança do ocultamento para que não haja distúrbios em seu amadurecimento". (ARENDETT, 1978, p. 238)

A possibilidade e o comportamento contemporâneo centram-se em significados mais voláteis e, a perda de seu sentido original acaba por não permitir as diferenciações necessárias para a compreensão de seu real sentido. O “público” e “privado” tornam-se qualquer coisa.

A percepção destas esferas se faz por o indivíduo viver em comunidade, pela necessidade de se organizar de forma política; assim, as relações são centradas em achar respostas para a existência humana, não só centrada em

sua vida particular, mas consciente de que existem outras formas de associação, pautada na ação e no discurso. Vejamos:

a dicotomia entre público e privado é utilizada para referir-se à diferenciação tanto 1) entre o Estado e a sociedade (propriedade pública e privada) quanto 2) entre a vida não-doméstica ('pública') e a vida doméstica. Nessas dicotomias, o Estado representa o público, enquanto tanto a família quanto a vida íntima e doméstica são ditas privadas. A diferença entre estes dois usos, aponta Okin, consiste no fato de que o domínio socioeconômico intermediário – aquilo que Hegel denominou de “sociedade civil” – é incluído, na primeira dicotomia, na categoria de “privado”, enquanto na segunda é considerado “público” (SILVA, VENTURA E KRITSCH, 2009, p.65)

Enquanto o passado era pautado no abismo entre os polos, hoje a distância ainda é presente, mas diminuiu. Essa distância pode ser observada pela compreensão de que o público ou privado está na necessidade de mostrar que essa relação é diretamente relacionada ao exercício ou mesmo presença do feminino e masculino, da preservação de alocações por definições biológicas em todas as esferas, o que auxilia no processo de alocação de cada indivíduo dentro da sociedade e o que pode mostrar como é feito inclusive no cenário político. Mesmo que existam tentativas de mudanças ao logo do tempo, o exercício de papel de gênero é uma forma de construção social.

Os homens são vistos como, sobretudo, ligados às ocupações da esfera da vida econômica e política e responsáveis por elas, enquanto as mulheres seriam responsáveis pelas ocupações da esfera privada da domesticidade e reprodução. As mulheres têm sido vistas como “naturalmente” inadequadas à esfera pública, dependentes dos homens e subordinadas à família (OKIN, 2008, *apud* SILVA, VENTURA E KRITSCH, 2009, p.66)

A divisão do trabalho e da organização da sociedade, inclusive a brasileira, acontece pela reprodução de padrões, não apenas em ambiente familiar. A assiduidade na educação feminina é direcionada para ocupar os espaços domésticos, para sua representação reprodutiva, para atividades sem remuneração, para o afeto, isto é, o privado. A política, formas de organização da sociedade, das regras, o tal ambiente público, é para os homens.

Por isso, o exemplo mais perceptível destas mudanças ou dinamismo é o indivíduo na política. Afinal, as definições da relação entre público-privado na contemporaneidade estão centradas no gênero, suas representações e formas de controle. A recorrência de setorização e permissão de seu exercício rege a vida do ser em sociedade e a mantém adequada ao sistema de controle. Afinal,

A esfera privada, feminina (natural) e a esfera pública, masculina (civil) são contrárias, mas uma adquire significado a partir da outra, e o sentido de liberdade civil da vida pública é ressaltado quando ele é contraposto à sujeição natural que caracteriza o domínio privado. (Pateman,1993 *apud* BIROLI, 2010, p.48)

Ele sempre no espaço público, ela em sua maioria no privado. A relação público-privado mostra que sempre existe uma personalidade mais agressiva e dominante, que é associada principalmente às diferenças sociais e supremacia masculina. Esta manifestação de dominância é mais clara e se encontra principalmente na esfera política e econômica, como forma de controle.

O controle pode ser percebido pela consciência visual formulada para compreender melhor as estruturas e escolhas do indivíduo, permitindo, ainda, apreender que os padrões são recorrentes e controladores dentro de determinada cultura. Ou seja, por arquétipos e estereótipos consolidamos a ideia de personificação individual frente aos acontecimentos e funções exercidas na sociedade.

Para a personalização do indivíduo, exaltando variáveis que exprimem a fala ou o silêncio pelas roupas, temos a ideia do arquétipo, que controlam o consciente coletivo. Divide-se, inicialmente, em masculino e feminino e no ambiente público é estrutural, destacando aspectos dessas divisões.

O inconsciente coletivo é uma figuração do mundo, representando a um só tempo a sedimentação multimilenar da experiência. Com o correr do tempo, foram-se definindo certos traços nessa figuração. São os denominados arquétipos ou dominantes – os dominadores, ou deuses, isto é, configurações das leis dominantes e dos princípios que se repetem com regularidade à medida que se sucedem as figurações, as quais são continuamente revividas pela alma. (JUNG, 1987,p.86)

Salientamos que a percepção desses arquétipos é por vezes feita de forma indireta, o que mostra o enraizamento dos padrões e aceitações da imagem e símbolos que fazem esta estruturação, ou seja, o julgamento ainda destaca o estereótipo definido pela articulação social, inclusive no vestir, ressaltando as projeções e apropriações para cada função. É o que destaca Pereira (2002, p.45) ao definir que “as crenças sobre atributos típicos de um grupo, que contêm informações não apenas sobre esses atributos, como também sobre o grau com que tais atributos são compartilhados”.

Assim, considerar estereótipo em um panorama delimitado é a compreensão de uma informação pública e compartilhada por determinado núcleo social; no caso, o de exercício de função codificada por gênero em um ambiente público. Nesta construção, a ideia de condução social por estruturas formuladas por pensamentos, referenciadas por linguagem visual e imagens impositivas destaca protocolos imagéticos do masculino e feminino, suas possibilidades de permear os acontecimentos na sociedade, “ou seja, a palavra e a sua circulação contam mais do que o espaço material. É ela que modela a esfera pública, que tece a opinião pública.” (Perrot, 1998, p.55)

As observações entre as possibilidades e obrigações que permeiam o masculino e feminino, podem discorrer sobre os controles passados e os atuais, afetando a forma de perceber o que foi alterado ou não pelas modificações em sociedade, validando como as mulheres poderiam circular pelas ruas; suas roupas, seu gestual, sistemas de conduta e leis de controle, como destacou Perrot

[...] Balzac, em *La femme comme il faut* (A mulher decente), retrata ironia o espartilho de suas obrigações, as horas convenientes para sair, os lugares a evitar, os gestos a rejeitar. Principalmente uma moça que, nos meios abastados, não poderia sair sem capuz, deve andar devagar, sem erguer a voz nem os olhos, sob o risco de cruzar o olhar de um homem. A mulher casada é mais livre e, mais ainda, a mulher ‘de certa idade’; sem a atração sexual, sua deambulação importa menos. O mesmo acontece com a mulher do povo, a mais ‘pública’ de todas. (PERROT, 1998,p.46)

Observar a tradição é vislumbrar a existência de uma associação entre a ausência de igualdade entre os sexos na política, que é construída por papel de gênero tradicional, com comportamentos de controle que associam a mulher à casa e o homem ao espaço público. É o que conceitua,

[...] O espaço público é hoje mais um lugar de circulação do que de troca. Instáveis, os grupos nele se dissolvem rapidamente. O gozo da privacidade, graças a melhores condições de habitação – mais da metade dos trabalhadores são hoje proprietários de sua casa -, reforçou-se. A distância entre o trabalho e a residência, o desenvolvimento dos lazeres e o poder da televisão favoreceram o recolhimento na intimidade. (PERROT, 1998, p.49)

A perspectiva mostra que as mudanças em escala na sociedade, inclusive atualmente, são constituídas pelo prolongamento entre os espaços público e privado e tornam explícita a relação intrínseca entre os mesmos. Não se dissocia a mulher pública, da mulher privada.

2.2. Corpo, padrões e conduta: gênero constituído pela repetição

O momento que se esgarça está preso a um tecido de lembranças; o que está indo se enlaça ao que já foi; fio solto que a memória se esforça por resgatar do sumidouro do esquecimento. Davi Arrigucci Jr

Ao observar a construção social e a delimitação de alocações no ambiente público e privado, e seus alongamentos, salientamos que o corpo, por suas características biologicamente estruturais, fortalece as segregações. A sexualidade dita o corpo e seus significados. Nele e por ele, o indivíduo estrutura sua vivência social, sua valorização ou desvalorização visual de gênero, sendo o masculino mais valorizado frente ao feminino, neste ambiente há destaque única e exclusivamente pelo sexo. O corpo masculino caracterizado por ser viril, controlador, superior, individual. Já o feminino,

controlado, maternal, particular e moldado para atender um ideal coletivo. Como nos apresenta Hime:

[...] em nossa sociedade ter um corpo de mulher implica em responder a uma série de apelos que o ideário da cultura estabeleceu, isto é, o corpo deve ser dócil, desejante e harmonioso e a sexualidade, sadia. O corpo feminino inscreve-se, dessa forma, em um sistema pautado pela subordinação, por meio de práticas sexuais normativas. (HIME, 2008, p.190)

A sociedade coordena o gênero e o corpo desde o nascimento, interferindo diretamente nas atividades desempenhadas, por suas associações, ao classificar pelo lado biológico e natural da mulher, que normalmente são privadas e não públicas. Já as dissociações passam pelas possibilidades de transposição de alocações definidas, como ainda nos apresenta Hime:

Nas sociedades de dominação patriarcal há um controle sobre o corpo feminino não só em relação à sua capacidade reprodutiva, mas também à atratividade: homens e mulheres podem dar e receber prazer com seus corpos, mas apenas o feminino é considerado objeto sexual, portanto desfrutável, devassável. O corpo feminino se constitui um bem, fonte de prazer para si e para o outro, mas torna-se vulnerável ao abuso e à violência física, social e moral. (HIME, 2008, p.192)

Corroborando com este raciocínio, Butler ressalta que a mulher ao considerar todas as regras, lapida suas vontades conforme os ritos sociais, sendo e agindo, de acordo com o comportamento exigido para aquele sexo. Isso ocorre tal como a estruturação da linguagem, que é a forma de construir o corpo; se considerar ele, o corpo, não apenas como um organismo, mas também, composto por adereços e gestos que o formatam, assim:

O corpo está fora de si mesmo, no mundo dos outros, em um tempo e um espaço que não controla, e ele não apenas existe no vetor dessas relações, mas também é esse próprio vetor. Nesse sentido, o corpo não pertence a si mesmo. O corpo, em minha opinião, é onde encontramos uma variedade de perspectivas que podem ou não ser as nossas. O modo como sou apreendido, e como sou mantido, depende fundamentalmente das redes sociais e políticas em que esse corpo vive, de como sou considerado e tratado, de como essa

consideração e esse tratamento possibilitam essa vida ou não tornam essa vida vivível. (BUTLER, 2015, p.85)

Ao considerar que o corpo é resultado do meio, conforme alocação vivida ressalta-se que pelo sexo se inviabilizou e ainda inviabiliza as possibilidades do indivíduo, majoritariamente, da mulher. A percepção sobre o sexo por diferentes situações é uma construção social.

Por natureza, os corpos não são por si mesmos uma garantia de verdadeira ordem sexual. Nossos corpos são o teatro de auto representações e de autoconstruções de ordem sexual, e a (re) construção de sua própria aparência é o reflexo das características de uma cultura e de uma história específica a cada indivíduo, pois toda diferença de identidade oferece uma superfície visível ao olhar social (GOLDENBERG, 2002, p.105)

Ainda assim, argumentamos que o sexo biológico é também uma classificação social, não se misturando ao que consideramos por gênero, mas que evidencia a reprodução da engrenagem patriarcal, com sua forma opressiva de controle de ações, definindo o dominante e o subordinado, e não apenas um motivo de derivação. Gênero é imaginário e simbólico. Corpo é real e biológico; é sexo. A percepção e a maneira como lidam com ele é algo construído socialmente.

[...] acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seu lugar quase predeterminados, até em seus detalhes. Paralelamente, existe um discurso dos ofícios que faz a linguagem do trabalho uma das mais sexuadas possíveis. (PERROT, 1988, p.178)

Um corpo sexuado é agente público, além de se tornar um representante de gênero, de ideais e ideias. Não se tornar invisível o sexo do corpo, mas ele é alicerce para aceitação no ambiente público, caracterizador de todas as alocações. É neste momento que repensamos a visualidade do corpo, que acaba sendo um sistema de identificação coletiva ou mesmo de uma personalidade pública instituída pelas formas de assimilação do espaço. Espaço que determina o corpo, que vira um instrumento de descrição, inclusive, das mudanças impostas pelo tempo ao coletivo.

Por meio de uma série de formas e ações simbólicas que modelam o corpo e suas práticas cotidianas, as distinções entre dois tipos opostos ou complementares de anatomia transformaram-se assim em noções de feminilidade e masculinidade que são os códigos de um sistema peculiar de valores culturais. (GOLDENBERG, 2002, p.104)

Não há igualdade entre homens e mulheres ao considerar os corpos. Existem sentenças evidentes de que a percepção do biológico é intrínseco ao social e estipula divisões, não sendo possível colocar que há uma naturalização da mulher no ambiente público, pois ela ocorre de forma descontínua, em situações de substituição dos homens, evidenciadas por acontecimentos históricos como, guerras e mortes. Este pensamento traz à tona as críticas que reforçam a minimização da capacidade das mulheres em alcançar posição de destaque no ambiente público ao mesmo tempo em que as rebate, pois estas demonstram grande força e vestem a grande concorrência em profissões de destaque sem se fazer por seus dotes corporais, como afirma FREIRE (2002, p.70).

“A distinção entre público e privado implica uma segregação sexual crescente do espaço. Uma das suas chaves talvez seja a definição do espaço público como espaço político reservado aos homens”. (PERROT, 1988, p.218). E continua apontando um comportamento contundente e tradicional na sociedade de que, “Através da coisa pública, dos assuntos políticos, desenhasse um mundo da sociabilidade masculina... de onde as mulheres são excluídas”. (PERROT, 1988, p.218)

O ambiente público destaca a divisão profissional. O corpo é item que descreve esse ambiente, a organização política, social, econômica ou religiosa. O que se observa é que essas organizações ainda são sentenciadas pelos homens e sua dominação e liderança. O corpo vincula o significado, juntamente com a raça, etnia, classe, poder econômico, entre outros.

O corpo, ainda serve de controle do indivíduo, incluindo a integridade física e sua pré-disposição à determinada vivência, questionando as categorias do universo político ou público e destacando que existe uma diferença entre cargo político e fazer política. Um depende do outro, mas o fazer está definido pelas escolhas.

O corpo é um corpo coberto por signos distintos, um corpo que, apesar de aparentemente mais livre por seu maior desnudamento e exposição pública, é, na verdade, muito mais constrangido por regras sociais interiorizadas pelos seus portadores. (GOLDENBERG, 2002, P. 38)

Os espaços somente são tomados pela mulher com resistências, que resultam no surgimento de críticas inclusive de abandono de filhos e do curso natural em ser esposa, mãe e educadora. Para conquistar o ambiente público é necessário transformações, como disciplinar os corpos e comportamentos femininos¹² para que eles consigam se adequar aos espaços que lhe serão ou são permitidos.

Ao abordar as construções corporais da feminilidade e da masculinidade, mostrei de que modo essa estetização da ideologia de gênero divide os corpos em dois: as partes superiores (braços, ombros, peitorais) representam os atributos da virilidade, enquanto as partes inferiores (quadris, nádegas, pernas) encarnam os atributos da feminilidade. (GOLDENBERG, 2002, p.104)

O sexo é uma forma de libertar, mas também, de aprisionar o indivíduo, o que implica nas escolhas e vontades frente à sociedade que, mesmo com tantas transformações, continua imperando com designações anteriormente impostas. Se pensarmos neste sentido e considerarmos o vestir, o corpo masculino tem uma disposição inflexível, coordenada e continuamente controlada pelo outro, impedindo dispersões de roteiros elaborados previamente, não se aceitando possibilidade de inserção de peças de vestuário do universo feminino, sem que com isso seja referido a ele uma fragilidade imperativa.

Já as representações do feminino formaram-se de forma mais irregular, tendo seu posicionamento destacado pela autonomia de escolhas e, em determinado momento, houve a negação do que desejaram lhe impor, inclusive no vestir, rompendo as grades de contenção do público e do privado, a fim de evidenciar o poder à tradição esperada.

¹² Para compreender melhor o disciplinar é necessário que se compreenda que existem regras explícitas ou não que coordenam as escolhas, inclusive de interferências nos corpos para cada situação. Desde o uso de peças com linhas retas e estruturadas para adequação aos ambientes tipicamente masculinos, como as orientações de mulheres que buscam outro tipo de objetivo, seja pela exploração do seu corpo feminino, como dietas, tratamentos, exercícios e roupas para explorar seu lado sensual. O disciplinar está diretamente ligado ao controle do corpo e sua forma de exposição para o outro.

O corpo masculino é, no meu entender, objeto de uma rígida censura e controle social. A relação de recusa do homem à moda, desencadeada num determinado período histórico, revela uma dimensão repressora, de obediência a regras, por meio da interiorização de uma estrutura proibitiva. A padronização do traje masculino indica menos uma autonomia do que uma prisão, menos um “corpo para si” do que um “corpo para outro”. Receoso do não reconhecimento social, o homem passou a ter horror ao espelho; ou melhor, o espelho dos homens são os próprios homens (GOLDENBERG, 2002, p. 409)

A roupa é uma camada colocada para complementar a comunicação feita pelo corpo. Ao inserir peças distintas de seu universo, a mulher explora a ideia de que o ambiente público não se fez de forma transitória, e mostra a continuidade de que ele é controlado por um viés masculino, mas com coordenação feminina, considerando as noções de indivíduo, de espaço público, de autonomia, de igualdade, de justiça e de democracia. “Ao mesmo tempo, vê-se a extrema importância da indumentária, demarcação social e sexual, e a razão pela qual, quando as mulheres querem sair de sua condição feminina, algumas se vestem de homem...”, (PERROT, 1988, p.219).

A igualdade de gênero é mais ou menos uma abominação, porque o gênero é um conjunto de estereótipos que servem para perpetuar padrões de opressão e dominação pelo sexo. Este controle e percepção de que o corpo pode modificar sua alocação evidenciada pelas composições visuais possibilita, mas também, torna a mulher refém de controles histórico-sociais que representam a vontade de mantê-la no ambiente privado. Destaca-se que o escolher a roupa é suportar e portar o que a sociedade apresenta e controla.

[...] o suporte das peças do vestuário e dos acessórios é o nosso próprio corpo. Cada corpo humano é um suporte privilegiado, porque está aí, pronto para portar (ou para usar) qualquer coisa. Nosso corpo ao mesmo tempo serve de estrutura e alma (no sentido de dar ‘alma’) à imagem que criamos sobre ele. (OLIVEIRA, 2007, p.42)

Por fim, a identificação no coletivo, ainda hoje, recai na resposta em assimilação do espaço e do tempo, evidenciando que existem controles, como por exemplo, as leis, explícitas ou de forma tácita de conduta, formalizando os

arquétipos e estereótipos de forma institucionalizada na política e percebida visualmente pelo vestuário.

2.3. Imagem, identidade e reputação na política

Quem, em prol da sua boa reputação, não se sacrificou já uma vez - a si próprio? Friedrich Nietzsche

Na estrutura de uma sociedade é possível perceber que existem mecanismos que formulam padrões imagéticos, estes sendo capazes de fomentar controles capazes de direcionar de forma individual os ideais, mas com amplitude coletiva, o que conhecemos como comportamento adaptativo e coordenando-o com a cultura das aparências.

Essa cultura enfatiza que a construção das identidades dos sujeitos e as relações de gênero são formuladas e expandidas por imagens e pelo imaginário, pontuando, inclusive, que por esta interdisciplinaridade, as representações são capazes de informar os valores, dados, falas e apropriações que movimentam sua vivência cotidiana.

Como aponta Lipovetsky (1989), a formulação da sociedade de imagens frisou que as relações humanas são centradas em trocas simbólicas e tais transferências fortalecem as interações entre o ambiente interno e externo, constroem significados e auxiliam nas interpretações de credibilidade.

Perceber esta dinâmica é se aproximar do pensamento que norteia as inquietações da vida humana e consolida a relação da aparência, na qual o indivíduo é mecanismo de exibição e determinante do comportamento e formulação da identidade. Esta dinâmica mostra a complexidade, sucessão de variações e inovações da expressividade dos hábitos dos indivíduos em conexão com o coletivo.

As questões que envolvem a imagem evidenciam as noções de visibilidade, percepção e reconhecimento dentro da sociedade, permeadas

pelas elaborações estéticas e políticas, destacando as formas estagnadas de leituras, discursos e perspectivas, o que possibilita o questionamento dessas ocorrências e da produção de repertórios, além de apontar sua força de comunicação.

É preciso compreender que esse processo de absorver os acontecimentos, transformá-los e replicá-los são o que a corrente considera a elaboração da identidade. É perceptível que os autores, ao tratar identidade, conseguem não se limitar ou mesmo serem refreados por grades de contenção ao definir suas ideias. Eles mostram que as relações humanas se tornaram mais flexíveis e próximas de cada vivência de seu cotidiano. Para Laraia (2002, p. 45) compreender a identidade é apreender a ideia de que sua formulação é dada por um processo e reflete os conhecimentos e experiências adquiridas pelas vivências anteriores e pela socialização do ser, como resultado da cultura, como nos apresenta. Já para Berger (1986, p.113), identidade “não é uma coisa pré-existente; é atribuída em atos de reconhecimento social. Somos aquilo que os outros creem que sejamos (...) eu como o reflexo de um espelho.”.

Como visto, esse conceito não é difundido de forma isolada, tendo ainda como precursor destes estudos Hall (2005, 11-12), que coloca que a identidade é algo formulado em questão de tempo e por processos muitas vezes inconscientes, não sendo inato, o que geraria um constante processo e formulação entre o mundo pessoal e o público.

Assim, considerando essa corrente, fica evidente que o processo de formação da identidade está diretamente ligado ao que consideramos a formulação do comportamento humano, seja público ou privado, caracterizada por várias nuances, sejam econômicas, sociais, políticas ou psicológicas. Não se pode, assim, chamar identidade de algo estruturado, mas um reflexo do dia a dia do ser cultural em eterna condensação de ideias, por vezes, em imagens.

Ao combinar a ideia de elaboração individual pela imagem e identidade é possível chegar ao resultado e compreensão de como é formulada a memória, a percepção ou mesmo a expressão do ser dentro da sociedade de imagens. Isso ocorre, sobretudo, pelo que conhecemos por reputação, como respostas e

construções destas formulações, que sintetizam o indivíduo como reflexo do meio em que vive. Para isso, apreende-se de reputação:

reputação, s.f. 1. Conceito (bom ou mau) em que uma pessoa é tida em seu meio social ou junto à opinião pública: Sua reputação não é das melhores entre seus pares. 2. Prestígio, renome, consideração, fama: Ganhou reputação como analista político. (Dicionário escolar da Língua Portuguesa, 2008, p. 1111).

É o que defende Flynn (2007) quando coloca que a reputação está ligada ao outro, à leitura ou opinião do outros, ou seja, é preciso perceber que o conceito ganha força ao compreendermos que a relação entre um emissor e um receptor, por estímulos, destaca que a reputação se tornou relevante para a compreensão do estudo da imagem individual, da identidade refletida.

Ao sermos controlados por um sistema formulado por freios e contrapesos, temos a estruturação do que consideramos por reputação, que é a forma de compatibilizar o que é expresso ao que é compreendido pelo outro. Essa engrenagem está diretamente associada ao julgamento social, que se torna um dos meios de aceitação ou rejeição do posicionamento da pessoa dentro da sociedade. Esse posicionamento é, também, uma forma de se comunicar, rejeitando ou aceitando o processo de segregação que é imposto, compondo um rótulo pessoal, uma imagem de confiança consagrada pela opinião pública.

A associação de características do indivíduo, inclusive as formuladas pela delimitação de sua imagem e identidade, legitima o ser e sua reputação. São elas que capacitam as falas, sua forma de portar, vestir, refletem suas conquistas materiais e, ainda assim, funcionam como forma de certificar as suas ações e comportamento, simulando a forma de se comunicar com o mundo e para o mundo, por meio de seus sistemas, inclusive pela moda.

Como a identidade, a reputação é uma resposta de combinações e confrontos entre as realizações pessoais com os fatos ou acontecimentos em suas vivências, além da forma de postular uma perspectiva idealizada, ressaltando seu arquétipo, por imagens e decisões capazes de discorrer sua potencialidade imagética.

Para Dowlling (2001), essa dinâmica é o que capacita os controles feitos pelo julgamento de valores e se projetam nas escolhas e nas imagens estruturadas de forma perfeita, que carregam tópicos como a realização, autenticidade, integridade e honestidade, frisando a similaridade do indivíduo às organizações. Esse conceito reforça que a repetição de interações, diálogos e compreensões de mensagens são formas de sistematizar a reputação de forma evidente e capaz de estabelecer uma continuidade da postura e de aquisição do que foi proposto.

Complementando essa propositura, Monneyron (2007) nos apresenta que essa dinâmica é uma sequência que permite o reconhecimento social e nada mais é que o reflexo de atos, formulado pelo tempo, de forma inconsciente, mas que não se estabiliza. Mostra-se como uma eterna formulação de fala, de discurso, de crença, de sistematização empresarial de escolhas com o intuito de atingir o escopo, o de ter a melhor aparência frente ao outro.

Assim, podemos perceber que imagem, identidade e reputação são formas reflexivas do cotidiano do indivíduo frente às possibilidades coletivas e que as mudanças na aparência são motes para aqueles que estão inseridos no âmbito político. Essa dinâmica possibilita a compreensão de que existe a construção de uma conexão entre a imagem do indivíduo e a política, assemelhando-se à ideia de empresarização da vida.

Essa forma apresentada pode ser percebida pelo que expõe Ehrenberg (2010, p.160), quando afirma que “O desenvolvimento da empresa passa pelo desenvolvimento do indivíduo”, destacando que as garantias ou estruturas são formas de tornar o indivíduo cada vez mais dependente de um método, de uma crença e de que o sucesso está diretamente voltado à identidade que ele conseguiu construir e o levou as suas aspirações políticas.

A conexão entre vida e empresa, nos aponta para um processo formalizado nas ideias e nos costumes ditados pela necessidade de conhecermos cada vez mais possibilidades para que sejam alicerces de falas e conquistas individuais, mas com alcance coletivo. Isso coloca o indivíduo como

um agente da formalização do discurso da sociedade contemporânea na qual está inserido.

Este discurso privilegia a cultura, a ideologia a serem seguidos, os simbolismos e linguagens que são capazes de sintetizar o momento vivenciado, desde a formalização das instituições até as participações do sujeito neste processo, exigindo que ele se coloque com destaque frente às possibilidades.

Vale lembrar que este processo, mesmo dentro do ambiente político, é reflexo do progresso do capitalismo e as escolhas individuais estão direcionadas para o alcance de um sucesso que se consolida pela formalização dos projetos individuais, orientados pela ordem de discurso de sucesso e projeção de poder. Ou seja, eles escolhem e constroem suas imagens para que se destaquem frente aos outros.

Essas percepções auxiliam, ainda, na compreensão de como as experiências evidenciadas fazem com que a construção de registros imagéticos seja destacada no universo político, trazendo consigo cargas emocionais e materiais capazes de formular o que compreendemos por reputação. A reputação, assim, configura-se como engrenagem e sistema de controle das relações sociais, tanto no ambiente público ou no privado, delimitando as vivências e legitimando o ser político.

Capítulo 3 – Vestuário, gênero e cidade: diálogos possíveis

É que o mundo de fora também tem o seu 'dentro', daí a pergunta, daí os equívocos. O mundo de fora também é íntimo. Quem o trata com cerimônia e não o mistura a si mesmo não o vive e é quem realmente o considera 'estranho' e 'de fora'. A palavra 'dicotomia' é uma das mais secas do dicionário. Clarice Lispector

A impermanência, as possibilidades de tessituras, os controles, as construções por processos e sentidos, inclusive pelas relações sociais e estéticas, de normas, costumes e condutas são variáveis que conectam vestuário, gênero e cidade. São a forma de perceber como as pessoas constroem respostas às vivências, ao seu cotidiano, mesmo por condições impostas pelo mundo social.

É por esta perspectiva que Lipovetsky (1989, p.12) explicita a moda como sistema e não apenas pelo uso das roupas, mas torna um dos princípios que organizam a coletividade, comandando a sociedade, o fetichismo e as mudanças voláteis e constitutivas de expressões. Ainda aponta que a escolha do vestuário é constituída por vínculos entre a economia, a cultura, a estrutura da sociedade, a política, a estética e discurso da realidade.

A moda não está ligada a um objeto determinado, mas é, em primeiro lugar, um dispositivo social caracterizado por uma temporalidade breve, por reviravoltas mais ou menos fantasiosas, podendo, por isso, afetar esferas muito diversas da vida coletiva (1989, p.25)

E ainda aponta que é:

uma forma específica de mudança social, independente de qualquer objeto particular, antes de tudo, é um mecanismo social caracterizado por um intervalo de tempo particularmente breve e por mudanças mais ou menos ditadas pelo capricho, que lhe permitem afetar esferas muito diversas da vida coletiva... é um mecanismo social geral (LIPOVETSKY, 1989, p. 13)

Ao observar o vestuário como uma estrutura sistemática da sociedade, podemos recorrer à ideia explicitada por SOUZA (1987, p.29), que o coloca como um todo indissolúvel, servindo de estrutura social que maximiza a clareza de divisão de classes, além da necessidade de afirmação individual e, também, de membro do grupo. Por ser linguagem, ele exprime ideias e sentimentos.

Vale salientar outros pontos importantes sobre o vestuário, um sistema frívolo, amplamente constituído por aspectos psicológicos, ideológicos, controle, por vezes opressivo e de submissão, mas que não se prende apenas como um sistema de limitações de classes, ficando esta visivelmente expressa pelas roupas. E moda não é só vestir, mas um meio de expressão, de se posicionar.

O vestuário é a demonstração da realidade social e histórica constituída por convenções a qual todos estão submetidos com o objetivo claro de comunicar. Essa estruturação de pensamentos evidencia que a roupa se tornou um bem simbólico, um produto ou mesmo um processo gerado pela lógica identitária e discursiva de um determinado corte de espaço e tempo.

Salienta-se, assim, que pensar as roupas e seus contextos ressalta que sua manifestação “É um desses espelhos onde se torna visível àquilo que faz nosso destino histórico mais singular: a negação do poder imemorial do passado tradicional, a febre moderna das novidades, a celebração do presente social.” (LIPOVETSKY, 1989, p.10).

Os significados são negociados e construídos no discurso, mudados pela cultura, pelo contexto social e dinâmicas que fortalecem a ideia de que ela surge da necessidade e se formaliza em respostas, evidenciando inclusive diferentes aspectos comunicacionais e mutáveis, como cores, materiais e formas, contextos, dentre outros.

Essas mutações e respostas são formas de contextualizações de identidades. É o que nos apresenta Lipovetsky (1989, p.17), quando destaca que a escolha das roupas existe e se formaliza pelas mutações, não apenas nas escolhas particulares, mas inserida em um processo ou sociedade do espetáculo pela sedução, conciliando o lado lúdico, mas sem esquecer o

domínio político. A política ligada não só ao exercício da função de político, mas na vivência em sociedade e em consonância com as engrenagens que a regem.

São estes mecanismos sociais que controlam e organizam os seres no individual e no coletivo, suas ações, escolhas. Os controles se estendem na formação de cidades, expressão de gênero e escolha das roupas. Para compreender essas interconexões seria necessário perceber que a participação é um processo contínuo de escolhas dependentes e influenciadas por contextos, não sendo mecânicos, como Crane (2006, p.12) nos indica, afirmando que a moda e as escolhas do vestuário são possibilidades de compreendermos que existe uma sociedade surgindo e outra imergindo, juntamente com ideais e valores.

E para vislumbrar a personificação de determinado período, recorreremos ao controle da cidade, como discorre Castilho e Martins (2005, p.39), quando apresenta a ideia de que o indivíduo tem uma natureza social que rege seu comportamento, personalidade e, inclusive, a definição de suas necessidades. Nessa busca, formula-se a comunicação, a linguagem e mesmo o discurso, tudo sendo processando continuamente por diversas estruturas.

Nessa diversidade, pode-se salientar que o indivíduo é reflexo da cidade e esta demarca o caminho percorrido pelo vestuário, condicionando e sendo condicionado por parâmetros, comportamentos, vínculos e construtos que permitem inclusive que o gênero seja identificado e representado.

Essa 'internalização' do exterior no sujeito, e essa 'externalização' do interior, através da ação no mundo social (como discutida antes), constituem a descrição sociológica primária do sujeito moderno e estão compreendidas na teoria da socialização. (HALL, 2005, p.31).

Ao considerar os conceitos de gênero e suas formas de representação, que incluem formação da identidade ou exercício de papel, é possível perceber

que o gênero é resultado de um processo social, mas muitas vezes está associado de forma explícita às diferenças sexuais. A identidade não, como nos apresenta Hall (2004). Já Lauretis (1994, p.212) aponta que as representações de gênero são posições sociais associadas a significados com poder de diferenciar, considerando o masculino e o feminino como totalidade de atribuições sociais. E ainda afirma que “A construção de gênero é tanto o produto como o processo de sua representação.”.

Com isso, é preciso mostrar que a cidade ou a sociedade são variáveis na construção desses diálogos, destacando de forma explícita que existe uma conexão entre o ambiente e a representação que se espera. Desse modo, a esfera privada ou doméstica torna-se a narrativa da família, da sexualidade e do afeto: o feminino. O masculino está para o público; o lado laboral e produtivo.

As cidades revelam os corpos de seus moradores. Mais do que isso, elas afetam os corpos que as constroem e guardam, em seu modo de ser e de aparecer, os traços desta afecção. Há um trânsito ininterrupto entre os corpos e o espaço urbano, há um prolongamento infinito, e em via dupla, entre o gesto humano e a marca “em concreto” de suas ambições e de seus receios. (SANT’ANNA, 1995 a, p.17)

É impossível dissociar a dinâmica das cidades, suas transformações, seus discursos de alocações de homens e mulheres, que são distintas das formas de comportamento, inclusive a corporal, das formas concretas de expressões e representações de valores, como apresenta Perrot (1998, p.7), discorrendo que “no espaço público, aquele da cidade, homens e mulheres situam-se nas duas extremidades da escala de valores.”

Tendo conhecimento destas diferenças, destacando a divisão e cada conquista dos papéis em sociedade; no ambiente público ou privado, político ou pessoal, de forma racional, temos as tarefas, os pensamentos, as profissões e os espaços ocupados de forma clara, resultado da performance interventora na composição das cidades, a localização “[...] das mulheres, pois só nessa dualidade se pode entender o lugar delas, nessa relação dinâmica, amorosa ou

indiferente, desejante ou conflituosa. O espaço ao mesmo tempo a regula e a exprime, a torna visível.” (PERROT, 1998, p.8),

Partindo dessas premissas, podemos aproximar os conceitos difundidos por Lauretis (1994) e Cardoso (2016), que apresentam conceitos de gênero e suas tecnologias ou instrumentos e design, ou seja, o gênero e o vestuário são produtos e processos tanto da representação quanto da auto representação.

3.1. Vestuário: percepção de leituras e discursos

A roupa não é só cartão de visita, é carta aberta para ser lida até por analfabetos. Carlos Drummond de Andrade

A roupa faz parte de uma atividade social e isso faz com que seja também comunicação. A vestimenta é reflexo das ocorrências sociais e culturais de determinado grupo dentro de um recorte de tempo. Dentre suas funções, a roupa permite um julgamento e cria informações para o indivíduo ou para o grupo, uma mensagem pública. Partindo desse conceito é que chegamos à ideia de identificação ou mesmo personificação do discurso, inclusive encontrando arquétipos e estereótipos construtores destas ações.

O modo de atribuir um sentido para as roupas é uma maneira contínua de o indivíduo encontrar formas de materializar sua história ou vivência, mesmo que por imagens. Não podemos desconsiderar quaisquer mudanças que ocorreram ou foram materializadas pelas indumentárias.

Reconstruir as mudanças da natureza da moda e nos critérios que orientam as escolhas de vestuário é um modo de entender as diferenças entre o tipo de sociedade que está aos poucos desaparecendo e o que está lentamente emergindo. Por um lado as roupas da moda personificam os ideais e valores hegemônicos de um período determinado. Por outro, escolhas de vestuário refletem a forma pelas quais os membros de grupos sociais e agrupamentos de diversos níveis sociais veem a si mesmos em relação aos valores dominantes. (CRANE, 2006, p.12)

Os processos, sejam por domínios políticos, culturais ou valores tem como resposta a efetivação de uma imagem. A composição imagética do indivíduo pelo vestuário é, também, uma forma de significar e servir de locução entre os seres. Por meio da personificação conseguimos definir o ser, sua alocação social e suas roupas. É a forma de materializar determinado período da história de um local, de uma cultura, de um ser. Não são raros os relatos em materiais históricos que enfatizem a importância das indumentárias. (Lipovetsky, 1989).

Afinal, o ato de vestir é representar. É forma de mediar as relações sociais. É modo de comunicar. É a forma de refletir o indivíduo. É a maneira escolhida para carregar e expor as informações coletadas do mundo, além de revelar suas necessidades. Para Lurie (1997), não se pode ignorar a roupa como uma forma de necessidade básica. Seja a de proteção ou fisiológica, como quando se usa um casaco em dias de frio; segurança, capa de chuva e botas; sociais, o vestido de noiva; admiração, a beca de formatura; autorrealização, uma peça de alta-costura.

Ao considerar essas funções das roupas é possível compreender que inicialmente ela surgiu pelo pudor. Quando se fala de pudor, ele seria uma necessidade e a roupa a resposta. Valendo, ainda, pensar que nos escritos bíblicos e, em suas primeiras reflexões sobre o ser, acentua a necessidade de cobrir o corpo, Moratori (2002). Em cada trecho destes escritos são compreensíveis a busca pelo recato ou pela moralidade frente aos seus iguais. É neste momento, que se percebem as primeiras formas de diferenciação entre os seres, além de forma de proteção e adornar os corpos pelo ato de cobrir-se.

Contrapondo esta ideia, de que o vestir é para unicamente pudor e proteção, temos exemplos de sociedades que não se utilizam de trajes, mas adornam seus corpos com pinturas e, estas são as possibilidades de significação. Assim, ressaltamos esta função e como o adorno produz significados, independentemente, de serem roupas. Cada ato de adornar tem sentido psicológico e social, explicando a expressividade da humanidade.

A história do vestuário aponta, ainda, para uma nova possibilidade de atribuição no decurso do tempo, onde a roupa perde sua função de proteger ou

de apenas suprir necessidades e ganha destaque no cotidiano do indivíduo, como forma de compor uma manifestação de ideias, mensagens e visualidades. É o que apresenta Barthes (2005, p.259), ao discorrer que ao ser um objeto, é ao “mesmo tempo histórico e sociológico”.

Corroborando com esta ideia temos Lipovetsky (1989, p.34), discorrendo que a consumação da moda não é direcional do desaparecimento de conteúdos sociais e políticos, mas significa aflorar novos ideais, valores democráticos, além de aceleração das transformações históricas, maior abertura coletiva à prova do futuro, ainda que nas delícias do presente (LIPOVETSKY, 2009, p. 180- 181). E temos também Crane (2006, p.21), trazendo a perspectiva de que “O vestuário constitui uma indicação de como as pessoas, em diferentes épocas, veem sua posição nas estruturas sociais e negociam as fronteiras do status”.

Barthes (2005, p.262-263) apresenta a ideia de que o traje ou vestuário é pensado, criado com reflexo ou leitura particular de um significado geral e externo, exercendo um controle de visão e indissociável à história e evolução dos homens, discorrendo sobre a época, o país, valores da sociedade e até mesmo a classe social a qual o indivíduo pertence.

Segundo Lipovetsky (1989), após estes primeiros relatos é possível perceber que a forma de apresentação e destinação das roupas, inclusive no campo político, está diretamente relacionada às mudanças da sociedade e principalmente do indivíduo que as porta. Ressalta-se, assim, que a indumentária apresentada em conjunto é formadora de um sistema expressivo coletivo, mas também individual.

Ocorre, por fim, que moda não é apenas indumentária, mas faz parte do sistema e da possibilidade de ser linguagem, uma resposta visual às convenções impostas a todos, uma significação conjunta, com objetivo de se comunicar.

A portabilidade de quaisquer roupas ou adornos se mostra indispensável para o ser, pois faz com que o mesmo defina sua fala, seu pertencimento coerente à realidade, sua alocação no mundo, tudo de forma estabelecida ao

panorama destacado. Nesta perspectiva é possível, afinal, considerar que ao escolher cada forma de cobrir o corpo, o indivíduo tem a possibilidade de construir uma mensagem, inclusive uma diferente de sua realidade. Um falseamento do seu verdadeiro eu.

Com o exercício de falar sobre si pelas escolhas das roupas, o indivíduo aproveita-se da emissão de mensagens e constrói sua referência em conformidade com a vontade. Seguindo a ideia de vestir para significar, é preciso apreender, inclusive, que nesta prática, uma das possibilidades é adaptar-se ou transpor as grades de controle, por estas serem permeáveis e o sistema de emissão de mensagens, mesmo que não intencionais, materializarem-se pelas roupas e adornos. Crane (2008, p.163) diz que “a moda de consumo proporciona um meio para a construção e a apresentação do eu (...)”. E Maffesoli (1998, p.168), completa que: “(...) Pintar-se, tatuar-se, enfeitar-se com adereços, em suma, “cosmetizar-se”, tudo isso tem um papel sacramental: tornar visível essa graça invisível que é estar junto”.

As maneiras de conter determinadas escolhas são feitas de forma recorrente para que o ser seja classificado e alocado em esferas, segmentados e definidos por meio do controle cultural e social. Essa prática é marcante no discurso histórico. A composição da moda, sob esta perspectiva, é para exercer a segregação, isto é, desmembrar, separar os membros de determinada sociedade por controles nucleares ou conjuntos determinados.

Não são raros os relatos de que estes controles eram ou mesmo ainda hoje podem ser considerados rígidos e imutáveis, confrontando com a ideia conceitual do processo da moda e da comunicação, a volatilidade. Esse controle ocorre para evidenciar as diferenças e os discursos de cada esfera ou grupos, antigamente conhecidos por classes. Como nos apresenta Lipovetsky (1989, p.34), a separação em classes evidencia a função transformada da roupa, pois passou a assumir um papel a mais; além da proteção, tornou-se em um território de verdades e discursos, capazes de exprimir com significação o eu do sujeito.

Segundo Lauretis (1994, p.216), a representação ou auto representação afeta a construção social e determinação cotidiana definida pelo gênero.

Observando esta perspectiva de separação que a roupa exerce, mais disseminada por classes, evidencia-se ainda que ela não seja exclusiva, mas está associada à classificação por padrões biológicos, ou seja, a classificação parte de características físicas e reflete em suas alocações sociais, como apresentado por Crane (2006) e Lipovetsky (1989). Neste caso, o vestuário tanto servia para marcar a identidade de gênero como para insubordiná-la.

É com esta observação que criamos um paralelo com a ideia de que “a mulher já tem um papel no espaço público da cidade. Ali ela define os critérios de beleza. Seu primeiro poder estético.” (PERROT, 1998, p. 22). Formaliza, assim, a necessidade de esclarecer pelos detalhes um discurso de dever e obrigação segundo a divisão dos papéis que primariamente as delega. Ou seja, a relação estética coordena a alocação das mulheres, interferindo também em suas profissões e ressalta a dicotomia entre sua alocação pública e privada para que, propositalmente, sejam distanciados julgamentos de seu verdadeiro lugar, seu verdadeiro papel, que até hoje é instituído por suas escolhas de roupas.

3.2. Mulher na política: sua vida como representação de gênero

O simbolismo sexual criado pelo traje é bastante complexo e ganha significações mediante o estabelecimento de relações interpessoais que se alternam em razão das modificações socioeconômicas e culturais. Encontramos, assim, no vestuário, uma estrutura relacionada diretamente com o corpo humano, e que se presentifica nas relações plásticas que o constituem, apontando para o contexto em que o sujeito está inserido. Os seus arranjos são, pois, estabelecidos e normatizados pela própria ordem social que, ao mesmo tempo, os regula e os expressa. (CASTILHO, 2004, p. 111)

As expressões individuais pela instrumentalização de um código de conduta necessário ao universo que está inserido, a alocação social como uma forma de instrumentalização da vida social e as dinâmicas entre o masculino e o feminino exigem que as mulheres recorram às roupas para explicitar seus

papéis, escolhendo o repertório para estabelecer a relação do eu - destacando seu papel de gênero - o que torna viável narrar sua vida ou adequá-la ao que lhe é imposto e, por vezes, falseando-as, inclusive no ambiente político.

Ao observarmos o curso da história fica evidente que comportamentos do indivíduo são reflexos do comportamento da sociedade, dos movimentos sociais. É uma experiência compartilhada de ideias, sonhos e do imaginário social, fundada no cotidiano ético e estético, político e econômico, multicultural, o que inclui o vestuário, por considerarmos as representações instituídas por essas recorrências.

Afinal, “nas sociedades que pensam o político, isso se traduz por uma divisão racional dos papéis, das tarefas e dos espaços sexuais”, como apresentado por Perrot (1998, p.9). A autora, ainda aponta, que “entre o público e o privado, o político e o pessoal, os homens e as mulheres, as divisões apagam-se e recompõem-se uma paisagem.” (1998, p.12). É por esta perspectiva e compreensão do comportamento do corpo social, que se salienta a dicotomia entre as escolhas femininas e masculinas e discorre de forma concorrente a busca feminina em pertencer ao espaço público, às profissões. Historicamente, essas novidades no vestuário foram apontadas como afirmação de status social e desenvolvimento da consciência política, como também, reflexo de aumento de escolaridade entre as mulheres.

A ideia de que a natureza das mulheres a destine ao silêncio e à obscuridade está profundamente arraigada em nossas culturas. Restritas ao espaço privado, no melhor dos casos ao espaço dos salões mundanos, as mulheres permanecem durante muito tempo excluídas da palavra pública. A opinião revela-se, no entanto, cada vez mais decisiva na constituição e no funcionamento da democracia. (PERROT, 1988, p.59)

Não podemos desconsiderar que a imagem da mulher foi instituída de forma diferente da masculina nas sociedades e que ela não é desprovida de significados políticos, históricos ou mesmo destaque de um pensamento coletivo. “A natureza da participação da mulher está na imagem, em correspondência com seu lugar na cidade.”, Perrot (1988, p.199).

A participação da mulher em sociedade, a construção de sua imagem e as escolhas de suas roupas são meios de estabelecer a relação intrínseca e variável de determinação de gênero, segundo a necessidade, pois “As regras que regiam o uso do vestuário no espaço público eram caracterizadas por diferenças sutis, que dependiam de local, classe e gênero... de certo modo, roupas alternativas usadas em espaços públicos eram uma manifestação de mudanças radicais que ocorriam em espaços mais reclusos”, (CRANE, 2006, p.234) e complementa que “Através de um processo de inversão simbólica, itens ligados à indumentária masculina ganharam novos significados – mais especificamente a independência feminina – que desafiaram as fronteiras de gênero”, (2006, P.265).

De modo geral, a história apresenta que a performance feminina em sociedade, se observada de forma concomitante com a roupa, foi adaptada estritamente às formas de expressão e conduzidas por tentativa de alocações, seja no ambiente público ou no privado.

Crane (2006, p.197 – 268), apresenta a ideia de que o vestuário feminino serviu de instrumento de resistência não verbal, rompendo as fronteiras simbólicas, encontrando roupas alternativas para cada situação e ocupou o espaço público anteriormente dominado exclusivamente pelos homens. Alguns pontos mostram como ocorreram as mudanças sociais, sobressaltadas pelo discurso sexual e de classe, refletidas pelas escolhas do vestuário. Discorreu ainda que, dentre as mudanças mais visíveis está a dificuldade em deixar a saia e o uso das calças, afinal, primeiramente as mulheres incorporaram os paletós e as gravatas como forma de afirmação social. Essas peças indexadas ao dia a dia feminino contrastam por muito tempo com as mangas e saias volumosas. Essa mudança ficou conhecida como “símbolo da mulher emancipada no século XIX”, que buscava tornar o vestuário prático e confortável, tanto para o lazer como para o trabalho.

Um ponto de resistência ao uso de calças pelas mulheres era a necessidade de fixação e identificação de gênero pelas roupas, ou seja, caso fizessem uso da peça as mulheres eram classificadas como imorais, indecentes e repulsivas, o que fez com que este item ficasse limitado por muito tempo ao interior das fábricas.

Assim, a escolha das roupas é uma forma de percepção desta dinâmica e capacita um discurso do que está acontecendo em seu entorno, sendo de forma reativa ou proativa, como estruturação de um discurso. Dessa maneira, todas as escolhas convergem para demarcar o papel do ser na sociedade, ora distinguindo o grupo, ora do grupo, não sendo exclusivamente para definir a classe social, nem mesmo o gênero, mas capacitando-a para o posicionamento político.

Compreender essa função do vestuário é perceber a visualidade pelo imagético, seja por produtos ou por processos. Assimilando as comunicações proferidas pela aparência e suas falas visíveis, o encargo de ver e ser visto, considerando o indivíduo um ator contido em uma rede de significação é que, por consequência, permite-se a visibilidade.

Esta dinâmica é organizada pelas percepções, interpretações e dinâmicas da sociedade, proferindo uma linguagem composta por signos e códigos. A evolução da sociedade e os posicionamentos do ser, que podem ficar mais evidentes pelas escolhas das roupas, não são desvinculados das funções de proteção, suprir as necessidades, trabalhar a estima, socializar-se, realizar-se e, principalmente, comunicar-se com o mundo e para o mundo.

3.2.1. Representações de gênero recorrentes na política

Assim como as línguas naturais, que, num alto grau de abstração, obedecem a regras comuns do sistema linguístico, a moda também pode ser entendida e analisada dentro de um sistema semelhante. Nessa perspectiva, cada indivíduo se encontra vinculado a um modo de se vestir e a todos os nexos institucionais ou afetivos que fazem a ligação entre ele e o grupo ao qual pertence. (CASTILHO, 2004, p.109)

A estrutura dos papéis sociais é uma forma de perceber que a política é a possibilidade de demonstrar claramente os mecanismos que reproduzem assimetrias entre os gêneros e como estas causam prejuízos, diferentemente, à autodeterminação de mulheres e homens.

“Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino” (BEAUVOIR, 1980, p.99).

A presença e a perpetuação de costumes, ideias e culturas, pelo indivíduo, que estão ou foram constituídas de forma homogênea, sempre consideraram como classificação as formas tipicamente biológicas, consolidando o sistema binário, o masculino e feminino. Essa forma de classificação é uma possibilidade de constituição de gênero, mas também, deve-se perceber que as relações subjetivas e sociais são narrativas de gênero, incluindo as possibilidades de representações visuais, pelas roupas e seus códigos. O indivíduo é um ser inacabado, como o gênero.

Um sujeito constituído no gênero, sem dúvida, mas não apenas pela diferença sexual, e sim por meio de códigos linguísticos e representações culturais; um sujeito “engendrado” não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe: um sujeito, portanto, múltiplo em vez de único, e contraditório em vez de simplesmente dividido. (LAURETIS, 1994, p.208)

A sociedade é capaz de definir o ser humano e, ainda, de definir o gênero. Isso permite a distância da ideia de que é algo natural, biológico, o que é bastante recorrente na política.

Assim, olhar para o gênero que se deseja seguir não é uma escolha estagnada, definitiva, pois os acontecimentos são capazes de alterar a representação para estar inserido no universo político. É isso que permite o uso de ideologias, valores e atitudes para descrever ou mesmo construir sua imagem para o eleitorado, mesmo que ela seja conflitante com a sua apresentação imagética, inclusive pela roupa.

Essa dinâmica acontece e ressalta que o coletivo sobrepõe-se ao individual nas relações sociais. Tais relações sociais seriam responsáveis por mostrar que o indivíduo, na contemporaneidade, tem suas escolhas determinadas por formas de controle e necessidade de pertencimento e, por

consequência, seria gerada a possibilidade de apreensão do que compreendemos por sociedade do espetáculo¹³.

A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. (DEBORD, 2008, p. 18)

O processo de reprodução social e formação da identidade evidencia o ser político, produto da natureza, materializado pela cultura e baseada na pluralidade do indivíduo:

Não [há] mais grandes líderes para lhe dizer o que fazer e para aliviá-lo da responsabilidade pela consequência de seus atos; no mundo dos indivíduos há apenas outros indivíduos cujo exemplo seguir na condução das tarefas da própria vida, assumindo toda a responsabilidade pelas consequências de ter investido a confiança nesse e não em qualquer outro exemplo. (BAUMAN, p. 39)

Nesta sociedade, fica explícito o reconhecimento de papéis de gênero, inclusive pela noção de patriarcado, como nos apresenta (MONTORO e SENTA, 2016), destacando que a orientação do comportamento em sociedade está centrada na visão masculina, que designa os lugares e a definição da mulher, ressaltando que o convívio está na dominação e submissão, masculino e feminino, respectivamente.

O gênero e o sexo são possibilidades, argumentos que fornecem materiais como forma de construções sociais, inclusive sendo capazes de explicitar ou excluir a participação das mulheres em um território dominante masculino.

13 Para saber mais sobre o assunto leia DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. São Paulo. Contraponto: 2008. Apresenta a ideia de que a sociedade contemporânea se organiza pelo consumo de espetáculos e pelas relações sociais mediadas por imagens. Neste estudo, Debord (2008) explicita a ideia de que a sociedade valoriza as representações e destaca as relações intrínsecas por meio das imagens - o espetáculo - sendo isso motriz do ser em ter e do ter em aparecer. Portanto, fica claro que o fenômeno visibilidade é um dos pontos que motivam os indivíduos a buscarem conexões ou mesmo copiar o que lhes é apresentado e, com isto, ter um reconhecimento social. Não podemos afastar a ideia de que a vontade ou ambição de mostrar o poder está diretamente ligada à imagem. Dessa forma, apontamos a moda e todo seu universo como motor deste escopo

Em locais em que haja soberania masculina a diferença de personalidade entre homens e mulheres fica evidente, seja pelos contrastes marcados entre papéis sexuais e culturais, seja pelo controle de valores e imagens. Afinal, essa soberania expõe a recorrência de classificações e alocações que, na tentativa de relacionar o cenário político e a participação dos indivíduos na sociedade, sentencia seu papel.

A construção e reconstrução da identidade na política é a forma que melhor retrata como ocorrem as transformações evidentes na sociedade, com coerência formal e, ao mesmo tempo, transitória dos sujeitos, que se consolida por diálogos e questões que sempre evidenciam circunstâncias de que existem duas representações de gênero - o feminino e o masculino - mas com predominância do masculino, até mesmo pelo vestuário.

Para o estabelecimento e compreensão de uma sociedade contemporânea e em constante transformação é preciso observar a formulação de um discurso que retrata, particularmente, as relações e diferenciações entre homens e mulheres, inclusive observando o emprego de conceitos de gênero, sua aplicação de separação dos indivíduos e suas representações de uma forma mais incisiva pela escolha das roupas.

3.2.2. Roupas como representação de gênero na política

Uma roupa é a representação sintética e simultânea de muitos acontecimentos pessoais e coletivos, econômicos, sociais e políticos. É uma cunha fincada no corpo da história que permite se manejar com competências e sensibilidade, nela penetrar e, a partir de seu interior, colher os elementos importantes de uma época e de um ambiente. (SORCINELLI, 2008, p.29)

A roupa é uma permissão individual de se tornar coletivo. As escolhas e permissões sempre estão voltadas para o meio social. Ela pode ser instrumento de classificação para os indivíduos, comunicando sua classe social, seus valores, suas crenças e filosofia de vida, Barnand (2003). Cada escolha do vestir é considerada uma forma de comunicação não verbal de ou

para determinado acontecimento. Sorcinelli (2008) afirma que a roupa é a representação de acontecimentos pessoais e coletivos que ressaltam o discurso econômico, social e político.

Deste modo, é possível perceber que a roupa é um documento de alocação e comportamento humano que explicita a representação dos papéis sexuais, evidenciando que a percepção está ligada ao exercício de um papel social e é derivado do que compreendemos sobre papel sexual. “E é dentro dessa lógica que, no que se refere às questões de gênero, o universo feminino é retratado de forma a supervalorizar a beleza e a jovialidade, colocando-as como valores primordiais e morais.” (MONTORO e SENTA, 2016, p.67).

A escolha do vestuário está em conformidade com as posições sociais, com o discurso da cultura e exposição de gênero. A roupa é estrutura da personalidade, identidade e perspectiva de cada ser, sendo assim, construtora de um papel na sociedade. Seja ele um papel masculino ou feminino, mesmo que ela seja usada para a aplicação de gênero, como as que exprimem a atitude esperada de um comportamento individual de poder e ocupação social.

Essas representações trazem consigo modelos de conduta tomados como adequados, tendo em vista a manutenção do poder de uma classe dominante, modelos esses suficientemente reconhecíveis e atraentes para poderem ser aceitos de forma consensual pelos receptores da mensagem midiática. (MONTORO e SENTA, 2016, p.69)

E é neste momento que o vestuário e a política podem mostrar semelhança, como modo de documentar as formas de associação e percepção do comportamento de determinada cultura e expressões de gênero em um recorte do tempo. É o que apresenta Eco (1989, p.17), que considera que as roupas falam não em uma linguagem verbal, mas transmitindo significados por signos e pela forma, sendo escolhidas inclusive para propagar posições ideológicas.

Se pensarmos em ideologias fica evidente que a supremacia masculina impera no cenário político. São as formas de mostrar que o vestuário está ligado ao lado biológico, às associações físicas, mas podem ser trocadas para,

assim, tratar a representação de poder. A mulher, dessa maneira, consegue um papel e um discurso de autoridade política significativa, caso altere suas roupas. O discurso é a possibilidade de melhor compreensão das falas e intenções, como nos apresenta Foucault (2009, p. 111-112),

Deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Mas precisamente, não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discurso dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. [...] É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, espora, ponto de resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforçam, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo.

Com este panorama, é possível perceber que o discurso político e a construção de imagem do ser, inserido neste panorama, enfrentam, em seu processo de formulação, dificuldade de autonomia, autocontrole e dinamismo, pois ao observar o contexto que sintetiza a relação do indivíduo dentro da coletividade, consideramos que as escolhas são feitas como respostas aos acontecimentos do cotidiano e planejado pela sua percepção afetiva. É a forma de simbolizar o captar diário por respostas concretas e transmitir ao mundo sua interpretação, inclusive pela escolha de suas roupas.

É compreender que a escolha de cada parte da indumentária não está ligada só à parte biológica, mas existe uma diferença, pois cada preferência é reflexo do papel social que homens e mulheres exercem, sem haver uma grande distinção de gênero para o exercício da função. O dominante é a indumentária masculina. “A moda ‘dele-para-ela’, os ternos com cortes masculinos e a aparência masculina em geral podem fazer com que algumas de nós (mulheres) se sintam mais fortes e poderosas.” (FISCHER-MIRKIN, 2001, p. 19)

Afinal, o político, seja feminino ou masculino, procura pelo vestuário impor uma imagem de si que possa chamar atenção de seu público. As escolhas estão diretamente ligadas ao indivíduo como político, suas constituições e códigos. É por meio das roupas que o indivíduo frente a sua

força política e a de um grupo destacam uma identidade coletiva que simboliza o partido e suas convicções.

É possível perceber que a história da moda ou do vestuário sempre se confundiu com os caminhos econômicos, sociológicos, psicológicos e, até mesmo, políticos de determinada cultura, dentro de um recorte de espaço e tempo. É preciso salientar que ao se vestir o indivíduo escolhe uma forma de comunicação e expressividade dentro de diversas possibilidades. Assim, pode-se aproximar do conceito defendido por Dorfles (1984, p.13), que identifica a moda como algo frívolo, mas longe de ser superficial e epidérmico arraigado de hábitos comportamentais do indivíduo, de sua profissão, de seu gosto e mesmo da política.

E ao pensar na esfera e força política, pode-se traçar um paralelo com a indumentária. São duas áreas que envolvem seus atores em busca de distinguir e mesmo de se destacar frente às várias opções oferecidas, considerando sempre as conexões para o poder. “A política, outrora, eram ideias. Hoje, são pessoas. Ou melhor, personagens. Pois cada dirigente parece escolher um emprego e desempenhar um papel. Como num espetáculo”. (SCHWARTZENBERG, 1978, p.9).

Por isso, não se consegue desviar a ideia dos eleitores da de consumidores de moda, totalmente ávidos por mudanças, cheios de expectativas e construtores de diálogos por composições estéticas. Assim, é perceptível que ao direcionar seus votos, quem os faz também os escolhem por composições visuais e suas mensagens construídas.

Pensar vestuário e política, em um primeiro olhar, pode parecer desconexo ou até que não deveriam ser tratados na mesma perspectiva. Neste estudo, parte-se da ideia de que os dois campos são formas de expressão do indivíduo e carregam consigo a função de situá-lo em determinado período e ambiente. A conexão baseia-se na pluralidade de homens e da convivência entre diferentes, inclusive como formas de organizar o caos, frente às possibilidades da sociedade, sejam elas culturais, sociais, econômicas.

A roupa pode ser declarada como uma forma de comunicação articulada a determinado acontecimento. Pode-se perceber, então, que a moda se torna um suporte documental para percepção do comportamento contemporâneo. A política também.

E ao pensar em ideologias, aproxima-se do campo ritualizado da política, que tem grande representação para o indivíduo e pelo indivíduo, que se consolidam pelas filosofias, valores e princípios, homologados pelas regras partidárias e plataformas de governo, também sendo observadas no uso da roupa.

A moda não trata apenas de vaidades, mas é agente constituidor de um sistema, de possibilidades de ordenações entre itens que se transformam pelas interpretações sociais e não apenas um ato de se enfeitar. Assim, explana a possibilidade de fala sobre estas conexões e, com elas, é perceptível que o indivíduo se adapte e se expresse por meio de ideologias como eterno agente, seja da moda ou da política.

Portanto, é preciso compreender que ao perceber esses campos, pode-se vislumbrar um sistema cheio de significados, de noções de pertencimento e da possibilidade de adaptação ao meio pela roupa, o que

[...] possibilitou que cada indivíduo mudasse e inventasse a sua maneira de aparecer e expressar sua condição de existência; tem ligação com o prazer de ver e com o prazer de ser visto, é um instrumento de alargamento do culto estético do Eu; estetizou e individualizou a vaidade humana, conseguiu fazer do artificial uma finalidade da existência. (LIPOVETSKY, 1989, p. 39)

Outro ponto relevante é pensar o vestuário como registro ininterrupto da história e sua capacidade de perceber a roupa como forma de distinção, separação, segregação entre os indivíduos em relação ao outro. É abalizado que a roupa tem como função intrínseca dentro da moda, o feito de demarcar o lugar de cada ser, de suas possibilidades de exposição social, feitas de forma a classificar suas coordenadas.

São estas possibilidades que permitem compreender que a roupa é a chance de interpretar os momentos por uma situação concreta, tanto no âmbito individual, quanto no coletivo.

Considerando essas opções, individual e coletivo, é possível compreender a mensagem que o ator está transmitindo. É necessário esmiuçar, talvez até operacionalizar de forma racional cada item da escolha e, conseqüentemente, constituir o significado que a mensagem desejou emitir. Afinal, vestuário é um canal de comunicação para o indivíduo.

As roupas são estruturalmente formadas pelos tecidos; a moda pelas formas feitas pelo pano. Nesta perspectiva, é preciso assimilar que a sequência contínua fibra, fio, tecido, roupa são a contextualização das ideias do *designer* de forma prática. Para Moratori (2002, p.22), é a solução de necessidades, “Desde o homem primitivo que, a princípio, envergava as peles para se proteger do frio e depois passou a usá-las como meio de se afirmar como bom caçador [...]” e a materialização de diálogos, “[...] até as sociedades modernas, em que o indivíduo explora a mensagem embutida no vestuário conforme finalidades várias, as roupas funcionam como um emaranhado de signos aptos a manifestarem uma informação.”.

Essa busca de conexões e significados por um conjunto de informações é capaz de delimitar a identidade, como sugerido por Lipovestky (1989, p.24). Ao tentar encontrar explicações sobre a escolha das roupas, encontra-se que ela é reflexo de identidade, constituída pelo cotidiano e repostas que definem o indivíduo, na busca de respeito social, imitando os superiores ou destacando as diferenças entre os seres.

Ao compreender por qual motivo e como se constitui o processo de formação da identidade, pode-se entender que o indivíduo se posiciona, estabelece uma postura frente aos conceitos impostos por uma maioria, por acontecimentos históricos, por regras da sociedade, do tempo e ideias.

Nesta perspectiva, é compreensível que a roupa tem função precípua de servir para a exibição e definição social, gerando uma expectativa para quem a vê e consolidando a personalidade de quem a carrega.

Dentro da exibição é concebível que sejam discorridas características de classe, ocupação, comportamento, sendo flexionada a cada nova influência do cotidiano. Na definição social, são percebidos os desdobramentos das regras de contenção e estratificação social, resultado da economia a qual está inserido.

Se esses conceitos forem ponderados, é notório que o vestuário e a política são consolidações de expectativas por meio de resultados estéticos e capazes de discorrer fielmente sobre os parâmetros que lhes foram impostos, seja pela geografia, história, cultura, economia, dentre outros aspectos limitadores.

E é por esta postura, ou mesmo identidade, que os candidatos políticos condicionam a escolha de suas roupas, no processo eletivo, motivados para que seja uma forma de se posicionar com um objetivo claro, o de conquistar votos, na assimilação do eleitor de seu universo social, sua ideologia.

3.3. Mulheres vestidas para a política

A roupa é essencial para compreensão e observação dos fatos, pois tendo os mesmos trajes indica que os trabalhos exercidos tanto por homens quanto por mulheres tendem a ser iguais, porque segundo o autor, as mudanças da Moda têm suas origens no trabalho. “A divisão do trabalho nas sociedades afasta um sexo do outro.” (DE CARVALHO, p.211, 2010).

Com recorrentes transformações e a participação da mulher no ambiente público, dominado por grande período por homens, surge uma nova perspectiva. É impossível não observar que a política tem novas integrantes e que as roupas continuam sendo uma forma de demarcar a representatividade de cada uma delas neste ambiente. “É que nas análises políticas, o guarda-roupa de uma figura feminina é geralmente tido mais como uma debilidade do

que um ponto a seu favor – vejam-se os casos de Hillary Clinton e Angela Merkel. Mas May marca a diferença.”¹⁴.

Para fundamentar a pesquisa, foram escolhidas três mulheres que estão realizando um papel de destaque na política mundial, servindo de objeto para análise de escolha dos vestuários por se inserirem dentro deste panorama. A análise apresentará um breve histórico pessoal e observações sobre as roupas de cada uma. Nesta análise é preciso apontar características evidenciadas pelas escolhas, incluindo a modelagem e as cores.



Figura 12: Angela Merkel



Figura 13: Michelle Bachelet



Figura 14: Theresa May

O estudo não tem o intuito de julgar se a roupa escolhida é certa ou errada, real ou fantasiosa, partidária ou não, mas como a escolha tem capacidade de mostrar que os acontecimentos exercem uma força mobilizadora, implícita ou explícita, capaz de interferir ou construir a imagem frente ao outro. Tudo isso com o enfoque em destacar que o indivíduo emite mensagens e respostas, de forma reativa ou proativa, por suas roupas e adornos, constituindo sua fala.

¹⁴ “Theresa May, a primeira-ministra conservadora dos sapatos leopardo”, publicado em 02/11/2017. Disponível em < <https://www.publico.pt/2017/11/02/culto/noticia/teresa-may-primeiraministra-dos-sapatos-leopardo-1788211>>, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15.

As influências e controles cotidianos são evidenciados por PERROT (1998) e CRANE (2006), ao destacarem que as alternâncias de escolhas estão diretamente ligadas ao conceito desejado na construção de sua imagem, mesmo que ela seja pautada no controle social, cultural, profissional, econômico. Corroborando com estas afirmações, Barnard (2003) exemplifica:

Então a cada dobra, vinco, recorte que possam transformar uma simples peça, pode ser um detalhe que mostra a intenção de determinada mensagem. Ao escolher mudar suas vestes no filme Uma secretária de futuro, a personagem interpretada por Melanie Griffith adotou novas formas para compor seus looks de trabalho. [...] abandona as roupas baratas, características da classe trabalhadora (e também do namorado trabalhador) e rouba literalmente as roupas pouco agradáveis, “retas no traseiro”, da sua chefe, para parecer uma mulher de negócios e ser levada a sério [...] (BARNARD, 2003, p.97)

Para o exercício de vontades e imposições sociais, a ideia de feminilidade, alçada pelas mulheres, sempre foi destacada ao considerar-se a relação entre cabelo ou mesmo à cobertura da cabeça, além de o ato de cortar o cabelo estar ligado à emancipação feminina, como simbolismo de contrariedade às imposições de comportamentos coordenados pela sociedade.

Magnífico sinal de feminilidade, instrumento de sedução – vide Maria Madalena -, os cabelos das mulheres sempre causam problema, como sugerem a longa história do véu e suas atuais repercussões. Mais vale escondê-los do que mostrá-los. No campo as mulheres usam uma touca simplificada, na cidade, um boné, de que muitas vezes se livram. As burguesas distinguem-se usando um chapéu, sem o qual se sentem nuas. A uma cliente desafortada, uma vendedora exclamará: ‘não é porque você está de chapéu...’, a filiação de classe redobra aqui a conotação sexual” (PERROT, 1998, p.43).

Assim, ao referir-se ao cabelo como código de feminilidade, de alocação no ambiente privado, este não pode deixar de ser destacado no posicionamento da mulher no ambiente público, afinal, ele serve como objeto identitário, o que alterna a necessidade do dever de beleza para o exercício de funções e papéis profissionais.

Muitas vezes escondido em público, ou pelo menos preso em tranças, apertados em coques e soltos apenas na intimidade, esses longos cabelos das mulheres, armas de sua sedução e de sua beleza, são também grande preocupação. Modernizar-se, emancipar-se significará cortá-los, com frequência muito curtos, desde o começo do século XX. (PERROT, 1998, p.44)

Seguindo esta ideia conseguimos compreender que cada item escolhido na construção visual apresenta informações importantes para a formalização do discurso, desde as roupas e seus detalhes, como a classificação quanto à manga [a] longa, recato, formalidade; curta, descontração, informalidade, três-quartos (3/4), elegantes, formais; sem manga, informal, relaxado; bufante, romântico, feminino, pompa; japonesa, tradicional, origem, ou mesmo pensar no acessório, [a] pérola - com sólidas qualidades morais; ouro - valioso, riqueza, fortuna; brilhante - forte, fúlgido, luminoso; prata - forte, vistoso. Já os sapatos têm salto – atraentes/sensuais; tênis - saudável, atlético; sapatilhas - descolada, informal; bota - invernal, campestre. (SABINO, 2007, p.17 – 677).

Na observação dos sapatos é preciso compreender que eles foram sempre usados para limitar a mobilidade das mulheres, mesmo usando-se de qualificações de belo, o que destaca que o salto alto e bico fino, essenciais ao vestir feminino, são referenciais sexuais e sinal biológico de disponibilidade sexual, por a flexibilidade exigida dos pés não permitirem que fujam com rapidez, mesmo que torne um permear exaustivo, como discorre (Lurie, 2006).

Para formalizar as análises das três personagens escolhidas e, posteriormente, de outras participantes, destaca as dominâncias de significados que podem ser expressas por construções visuais e de discursos, tendo pelas formas das roupas possibilidades definidas e impregnadas de tradições, como sugere Jones (2005, p.35): masculinidade, Masculinidade Calça, gravata, ombros largos, tecidos pesados ou rústicos, roupas para atividades ao ar livre; feminilidade, Saia, decote, cintura marcada, tecidos delicados; maturidade, Roupas justas, tecidos transparentes ou com brilho, salto alto; imaturidade, Roupas desestruturadas e soltas, blue jeans, modelagem ou estampas infantis, cores vivas, sapatos baixos; dominação, Uniformes, tecidos desconfortáveis, ombros salientes, cor preta, couro, apliques de metal, chapéus largos e acessórios; submissão, Tecidos pouco

práticos, babados, cores claras, sapatos decorados; inteligência, Óculos de leitura, meia-calça preta, cores escuras, pasta de documento; conformismo, Roupas insípidas, peças de cadeias de lojas, vincos bem passados, cores discretas; rebeldia, Vestuário e cortes de cabelo extravagantes, tatuagem, piercings, sapatos esquisitos (ou não-sapatos); ocupação, Uniforme, ternos, roupas com acessórios de trabalho; origem, Indicada por roupas da cidade ou do campo e vestimentas religiosas; riqueza, Joias, roupas novas e limpas, caimento perfeito, etiquetas famosas, cores berrantes, roupas de pele, perfume; saúde, Roupas e marcas de moda esportiva ou casual, cortes que revelam o corpo, silhueta esguia, tênis; idade, apego a estilo do passado.

As leituras não verbais são fontes para que se possa interpretar e compreender o discurso formulado pelas roupas e a sugestão para interpretação da mensagem enviada.

3.3.1. Angela Merkel: estabilidade e prudência

Em seu quarto mandato como chefe de governo da Alemanha, Angela Merkel ganha destaque e status de mulher mais poderosa do mundo. Angela Dorothea Merkel nasceu em Hamburgo, Alemanha Ocidental, em 17 de julho de 1954, e cresceu em Tempi, região de Berlim. Formada em Física pela Universidade de Leipzig, iniciou-se na política em meio à reunificação alemã.

Começou a vida política em 1990, após a reunificação do país, tendo sido ministra da mulher e da juventude no terceiro gabinete de Helmut Kohl e eleita como membro do Parlamento Alemão. Atualmente, é a chanceler da Alemanha, cargo que ocupa desde 2005, pelo partido União Demócrata-Cristã.

Vale lembrar que em sua caminhada política teve que impor medidas mais severas, afastando-se de qualquer episódio de ostentação, fixando medidas de austeridade e muita discrição. É nessa mesma linha que ela escolhe suas roupas sóbrias e funcionais, com muita linha reta, remetendo à estabilidade, vigor e prudência frente aos holofotes. Ela encontrou uma fórmula

básica, abusa de calças e paletós, o que mostra sua vontade de ser discreta e quase imperceptível.

Angela Merkel está no centro das atenções mundiais, sendo uma referência em decisões políticas e na associação de sua imagem ao poder feminino, com auxílio de cores intensas, vivas e sem nenhuma restrição perceptível aos olhos mais atentos. Ela se contrapõe ao uso direcional e quase restrito de tons frio ou mais próximo às cartelas invernais no ambiente político, escolhendo também peças claras e solares.



Figura 15: Merkel com suas roupas tradicionais



Figura 16: Angela Merkel com membros da família real



Figura 17: Angela Merkel e Christine Lagarde

O uso de cores alegres, que ocasionam destaque pessoal, são formas de sentenciar que nem só o preto constrói sua imagem de poder. Dentre as combinações tem-se, ainda, o preto com azul mais profundo, como podemos perceber na figura 15, em mais um dia de trabalho. Nota-se, que seus sapatos possuem saltos grossos, o que além de mostrar conforto, passa uma imagem mais endurecida, firme e longe da sensualidade costumaz dos saltos. A escolha de sapatos com saltos mais grossos permite maior firmeza e controle no caminhar, contrário ao simbolismo instituído pelo uso de saltos altos e bicos

finos para que as mulheres sejam mais belas e controláveis pelas escolhas masculinas.

Outro destaque é o uso do estilo *power dressing*, tendência que destaca o poder pelo uso de paletó e calça. Por vezes, a gravata ou algo que remeta ao acessório, contrastando com o historicamente definido como feminino. O termo é difundido como uma corrente de moda para definir que ao usar determinadas peças, originalmente do universo masculino, a mulher que as porta busca a representação da tentativa de emancipação feminina em um ambiente predominantemente e tradicionalmente dominado por homens.

Na figura 16, registro do encontro com membros da família real, Merkel manteve as peças formais, mas com cores mais suaves; calça branca e paletó azul claro. As cores carregam consigo significados em função de comunicação interpessoal, neste caso o azul claro destaca simpatia, a harmonia, a amizade e a confiança. O branco é a transparência das ações, do bem, da tranquilidade, da honestidade. Essa combinação de cores cria uma imagem mais suave, carismática e aberta, afastando a sisudez e assertividade marcantes na postura e nas mensagens pelas roupas. A escolha não deixa de ter a força identificada, mas não pelas cores e, sim, pela modelagem; as peças são destacadas pelas ausências de cortes mais fluidos considerados marcantes nas mensagens de identificação mais feminina, pois os trajes são padronizados, endurecidos, imutáveis, profissionais, com linhas retas e longitudinais.



Figura 18: Na inauguração da Ópera de Oslo



Figura 19: Festival de Bayreuth em 2018

Em 2008, após participação da inauguração da Ópera de Oslo, como convidada pelo rei Harald V da Noruega e com a publicação de uma foto no tabloide 'Bild' e, replicada pela imprensa, foi questionada a tradição e o recato, pelo vestir¹⁵. Na ocasião, a chanceler usou um vestido de noite em tons de preto e azul escuro, com um decote mais profundo, despertando alvoroço na imprensa.

O episódio, retratado pela figura 18, ressalta a vivência de um controle e possível constrangimento, por tamanha exposição pela escolha da roupa. Trouxe consigo comentários, críticas que ditaram desequilíbrio entre suas escolhas e função exercida. Dentro dos questionamentos foi feita a associação do cargo com falta de seriedade, honra, além da necessidade de ter uma conduta recatada e de bons hábitos, para o exercício do cargo. Como pode perceber no pronunciamento sobre o caso, como publicado na imprensa¹⁶: "Angela Merkel não se mostrou ofendida com os títulos dos jornais, incluindo o "Bild", que publicou, da cena, uma foto de página inteira. "Ficou apenas um pouco surpreendida", disse esta segunda-feira o porta-voz do governo alemão, Thomas Steg. "A chanceler - acrescentou - não esperava provocar tal furor com o traje de noite, que apenas obedeceu à intenção de sair da rigidez do vestuário de um chefe de governo numa noite de ópera". Para contrapor este movimento de massificação de controle, que se mostrou explícito neste caso, a política adotou roupas mais fechadas em eventos posteriores, que se adequavam ao controle moral do cargo exercido pela sociedade.

A literatura de moda já conseguiu estabelecer algumas classificações que ajudam na compreensão do discurso pretendido com cada detalhe, ou seja, para cada decote, uma destinação: profundo - sensual e provocante; ausência de decote - fechado, mostra recato e vontade de pouco se mostrar [...] (SABINO, 2007, p.17 – 677). Esta observação mostra que as modelagens

¹⁵ "Chanceler alemã se surpreende com 'furor' por causa de seu decote", publicado em 14/04/2008. Disponível em <<https://www1.folha.uol.com.br/paywall/login.shtml?https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2008/04/391938-chanceler-alema-se-surpreende-com-furor-por-causa-de-seu-decote.shtml>>, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15

¹⁶ "Merkel se diz surpresa por furor por causa de seu decote", publicado em 14/04/2008. Disponível em < <https://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/merkel-se-diz-surpresa-com-quotquotfurorquotquot-por-causa-de-seu-decote/n1237683457529.html>>, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15

discursam sobre cada detalhe, ou seja, um decote profundo, está associado a uma pessoa provocante, sensual, que não estaria voltado para escolhas ou funções mais formais, como aconteceu com o julgamento da chefe de estado em um evento social.

No ano de 2009¹⁷, essa foto (figura 18) foi resgatada pela oposição, durante o processo eleitoral e legendada com os dizeres “Nós temos mais a oferecer”. Essas críticas permitiram que fosse percebido, inclusive, que ao exercer determinado cargo político, a opinião pública é implacável na classificação de comportamentos e padrões pelas roupas, endossando um controle rígido de como deveria se portar em público, com recato, discrição e refletindo a imagem do país.

Esse tipo de situação, o julgamento social, evidencia ainda que o controle das roupas é feito de forma mais ampla, não existindo separação da mulher no privado ou no público, quando carrega consigo uma função de destaque na sociedade. É um controle que mostra que cada roupa está para cada alocação social e não só em função do indivíduo. Sua essência será questionada, controlada, cobrada e não deverá fugir de determinada convenção, implícita ou explícita.



Figura 20: Angela Merkel em visita oficial ao Brasil Figura 21: Angela Merkel em campanha

¹⁷ “Política alemã usa decote de Merkel para atrair eleitores”, publicado em 12/08/2009.

Disponível em < <https://noticias.bol.uol.com.br/internacional/2009/08/12/ult2682u1271.jhtm> >, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15.

As peças com corte mais reto, sem marcar o corpo, cobrindo totalmente os braços, são adaptações dos trajes tradicionalmente masculinos. Estas adequações estão destinadas à busca de autoridade, respeito, destaque como profissional e adoção de uma postura afirmativa, de que não existe fragilidade no exercício da função, como vemos nas figuras 20 e 21. As escolhas de Merkel são bem singulares, não alternando na forma das roupas, mesmo em função dos compromissos sociais. Seus vestidos de festa são retos, com tecidos encorpados, firmes e com ausência de detalhes, recortes e decotes que possam colocar a pele em evidência.

Se, no dia a dia, a escolha imposta é tradicional na modelagem, que opta por peças com pouca exposição de pele, com formas mais retas, quadradas, que não valorizam o corpo ou a feminilidade, com seu usual 'uniforme', calça escura, sapatos com saltos quadrados ou rasteiros, Merkel contrapõe esse controle moral quando traz algumas cores, intensas ou pastel, como vermelho e pink, nos paletós. As mais recorrentes: azul, verde e roxo. Usualmente, as cores mais quentes são utilizadas em encontros com chefes de Estado e em situações mais tensas. Os tons neutros, como bege, preto ou cinza são escolhidos para ocasiões mais descontraídas. Para complementar as produções, um colar de metal prateado, um aro; e nunca usa brincos ou outro tipo de acessório, como lenços, broches e chapéus.

Como pode ser levantado no conhecimento teórico, os cabelos também foram destacados como ponto de expressão de individualidades ou de controles entre o ambiente público e o privado. O que pode ser percebido na escolha de Angela Merkel é o uso recorrente de cabelos curtos, parecidos com cortes usuais de cabelos masculinos, expondo, ainda hoje, a emancipação feminina, mas também servindo de referência de uma imagem menos delicada, afinal, a feminilidade ainda está incutida no uso de cabelos longos, soltos.

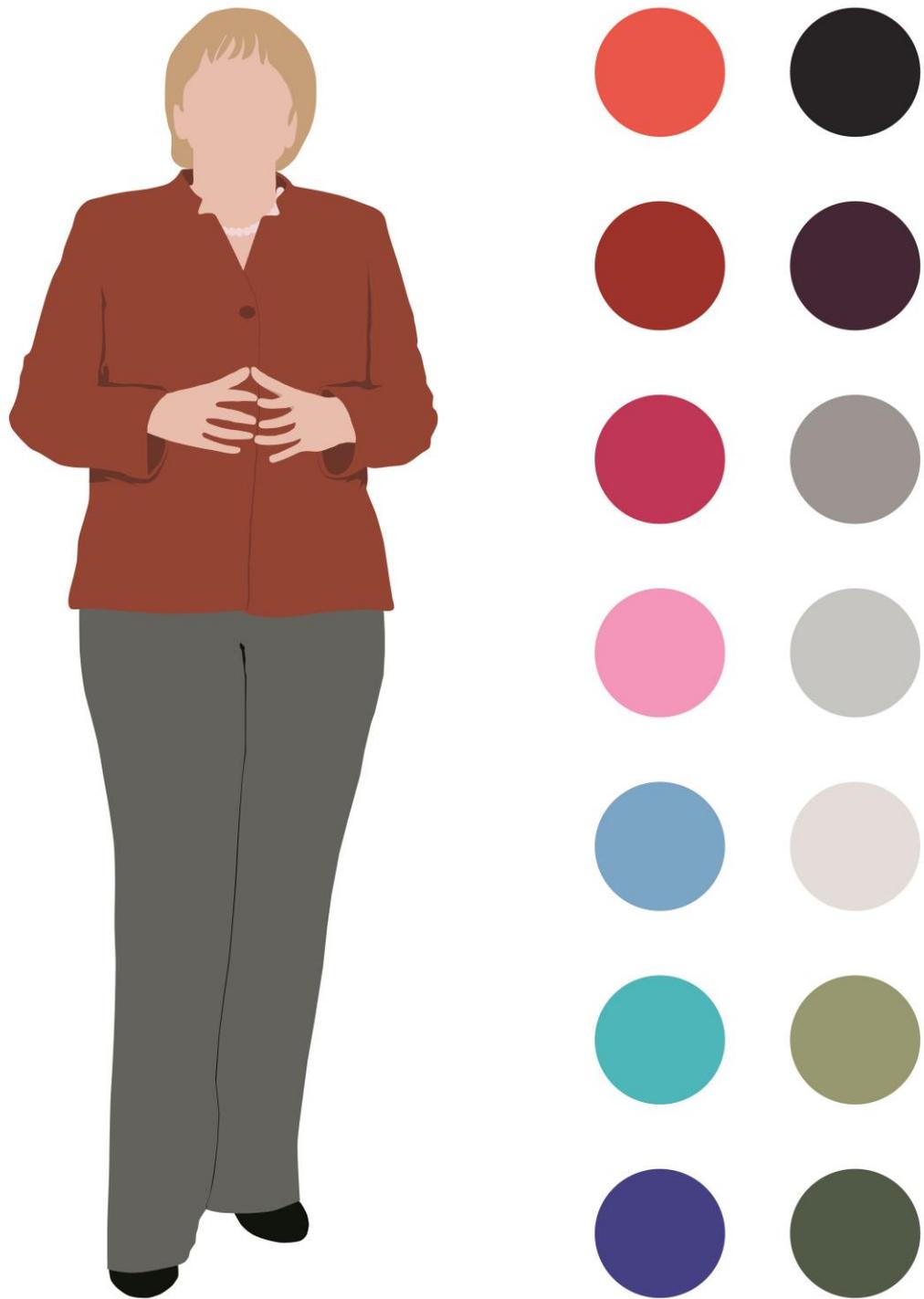


Figura 22: ilustração Angela Merkel e paleta de cores

Fonte: elaborado pela autora

3.3.2. Michelle Bachelet: resiliência política

A primeira mulher a se tornar presidente do Chile, no ano de 2006, voltou a ocupar o cargo no ano de 2014, após o cargo ter sido ocupado por quatro anos por Sebastián Piñera, totalizando oito anos nesta função. Verónica Michelle Bachelet Jeria nasceu em 29 de setembro de 1951.

Sua história é marcada por recortes históricos congruentes aos do país, como a morte de seu pai, morto pela ditadura militar de Augusto Pinochet, instituída no ano de 1973. Seu pai era o general de brigada Alberto Bachelet, morto torturado por colegas de farda que apoiavam Pinochet, afinal, ele era colaborador do governo socialista de Salvador Allende.

Nesta época, Bachelet tinha por volta de 20 anos, cursava o quarto ano de Medicina e participava de questões políticas, como ativista estudantil. Devido à situação do país, Bachelet foi colocada, por um ano, com sua mãe, em centro de reclusão, aonde foi torturada. Exilou-se na Austrália e depois foi para a Alemanha, onde estudou Medicina.



Figura 23: Michelle Bachelet e Cristina Fernández de Kirchner
Figura 24: Michelle Bachelet e Angela Merkel

Em 1979 retorna ao seu país de origem, mesmo com a ditadura vigorando, e conclui seus estudos, especializando-se em pediatria e saúde pública. Em 2000, foi convidada para exercer o cargo de Ministra da saúde. Dois anos depois, foi nomeada Ministra da Defesa, conciliando militares e civis.

Atualmente, trabalha na Organização das Nações Unidas (ONU), defendendo o direito das mulheres.

Em uma sequência de oito imagens, com registros do exercício de sua função política, observam-se alguns detalhes importantes, presente nas escolhas de Michelle Bachelet. As fotos servirão de suporte para mostrar incorrências na escolha do vestuário. Dispondo-se das repetições de elementos nas construções diárias de seu vestuário, as imagens expõem que as escolhas ressaltam um discurso de linearidade, tradição e uma estrutura corporal mais reta, quadrada, discreta, não só pelo fato de escolher paletós, peça usualmente do universo masculino e, incorporada para o feminino, combinados com saias retas na altura do joelho.

Se fosse apontada uma combinação usual seria saia e paletó, como nas figuras 23 a 27; as calças são mais raras, figura 28. Mesmo ao escolher as saias existe a ideia de ressaltar a linha vertical das roupas, sem marcar cintura e as formas, cobrindo os joelhos, mostrando recato e distanciamento de qualquer mostra mais orgânica, fluida, do corpo e da roupa, tão usual do universo feminino.



Figura 25: Michelle Bachelet primeira posse



Figura 26: Michelle Bachelet segunda posse

Suas escolhas para a posse, nos dois momentos, foi o tradicional paletó, com uma versão mais feminina, combinados com saia, o conhecido *tailleur*. As roupas das posses continuaram com linhas retas e, controladas pela moralidade exigida da função, ou seja, o perfil masculinizado fica evidente, mesmo que haja toques que possam querer emitir um posicionamento feminino.

Outro ponto que merece ser observado é a escolha da cor nestas roupas; no primeiro momento, branco, e no segundo momento, preto, como nas figuras 25 e 26, sucessivamente. Se observarmos os significados das cores, segundo HELLER (2013, p.153 - 177), o branco explana a vontade de limpeza externa e a pureza mais profunda. Assim, fica visível a emissão de uma cessão momentânea, da nova criação, de um novo cenário, da possibilidade de um novo início. Vale lembrar que essas definições não são limitadoras, mas direcionam algum significado, que é flexível em determinada situação, ou seja, o próprio preto poderia ter a função de mostrar o poder pela elegância, decoro e austeridade.

Ao mudar do branco para o preto, a candidata estava emitindo uma mensagem, mas deve-se prestar atenção que as escolhas continuavam centradas na discricção, tanto na modelagem, quanto na escolha dos acessórios.

Refletindo a respeito da escolha das cores, o branco poderia mostrar a vontade de comunicar uma nova oportunidade, possibilidades, um livro em branco pronto para novas histórias. Já no segundo mandato, o preto transmitiria um discurso de decoro, de compromisso e até mesmo de neutralidade, por já conhecer o sistema político a fundo.



Figura 27: Michelle Bachelet e Pepe Mujica



Figura 28: Michelle Bachelet em evento oficial

Outro ponto de destaque observado na opção, recorrente em outras representantes femininas no ambiente político, Bachelet se veste com peças classificadas como regradas, moderadas e adequadas. São quase imperceptíveis linhas diagonais, não deixando à mostra o colo e braços, exceto uma curta linha na altura do decote. No momento em que usa o paletó fechado por botões, o abotoamento é organizado em sequência vertical, determinando regularidade e equilíbrio, pela equidistância dos botões nos trajes. Não são percebidos detalhes brilhosos, sejam pelo tecido, botões que imitam pedras ou metal, aplicações/bordados ou transparência.

Quanto às cores, há predominância de produções monocromáticas, uso do preto e branco, ou mesmo de tons mais fortes, como vermelho, verde e azul, em encontros importantes. Já as estampas, tipicamente femininas são praticamente ausentes e, quando aparecem, trazem grafismo e mais linhas retas ou figuras geométricas, como na figura 28. Outro ponto observado é a falta de diversidade de tecidos, pois carregam características, visualmente, de tecidos planos, firmes, sem brilho.

Em todas as fotos selecionadas, Bachelet se orna com brincos e colares de pérola, que demonstram a tradição clássica feminina, refinada e apegada a padrões discretos, que segundo SABINO (2007) e O'HARA (1992), remetem à ideia de sólidas qualidades morais e, ao combiná-las ao ouro, transparece o valioso, riqueza, fortuna. Os sapatos, em sua maioria são na cor preta, com saltos baixos e grossos, alguns tendo detalhes, como broches e pedras. Vale salientar que esses detalhes a aproximam um pouco mais do universo

tipicamente feminino, mas a estrutura do salto e os bicos dos sapatos restringem a feminilidade e fetichismo no exercício de sua função.

Dentre os pontos de destaque na imagem da ex-presidente chilena, os cabelos curtos, um modelo de Chanel e uma leve franja lateral, remete à ideia de autonomia feminina no ambiente público, feita por uma intervenção ou ato de disciplinar do corpo para construir imagem de força.



Figura 29: Michelle Bachelet em visita a África

Figura 30: Michelle Bachelet discursando

Os julgamentos de suas roupas chegaram a incomodar, como podemos perceber em uma entrevista para a revista Marie Claire, realizada por Marina Caruso¹⁸: Hillary Clinton disse que, por ser mulher, prestam mais atenção na sua roupa e no seu penteado do que nos discursos que faz. A senhora já sentiu isso?

Resposta: Claro! E de todas as maneiras imagináveis, desde que era candidata. Nas prévias, a oposição dizia que era a disputa da morena elegante, a senadora Soledad Alvear, com a loira gordinha. Queriam me diminuir afirmando que eu tinha o apoio do povo porque era simpática, não competente. Se me emocionasse fazendo um discurso e ficasse com olhos cheios d'água, era porque eu era histérica, não sabia controlar as emoções. Já meu

¹⁸ Entrevista do mês: Michelle Bachelet: "Não pensava em roupas. Tentava mudar o país", Disponível em: <<http://revistamarieclaire.globo.com/Revista/Common/0,,ERT296697-17735,00.html>> , acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15.

antecessor, era um “homem muito sensível”. Eu sempre era a gorda malvestida. E os homens mais cheinhos, eram os fortes, poderosos. Quando entrei para o governo, uma das coisas que mais me impressionou foi um artigo de uma revista feminina dizendo: “Inacreditável: a presidenta do Chile usou o mesmo vestido duas vezes na mesma semana”. Me chocou profundamente. Como jornalistas mulheres não são solidárias? Você acha que eu tinha tempo para pensar se tinha ou não usado aquela roupa na semana? Estava tentando mudar um país!

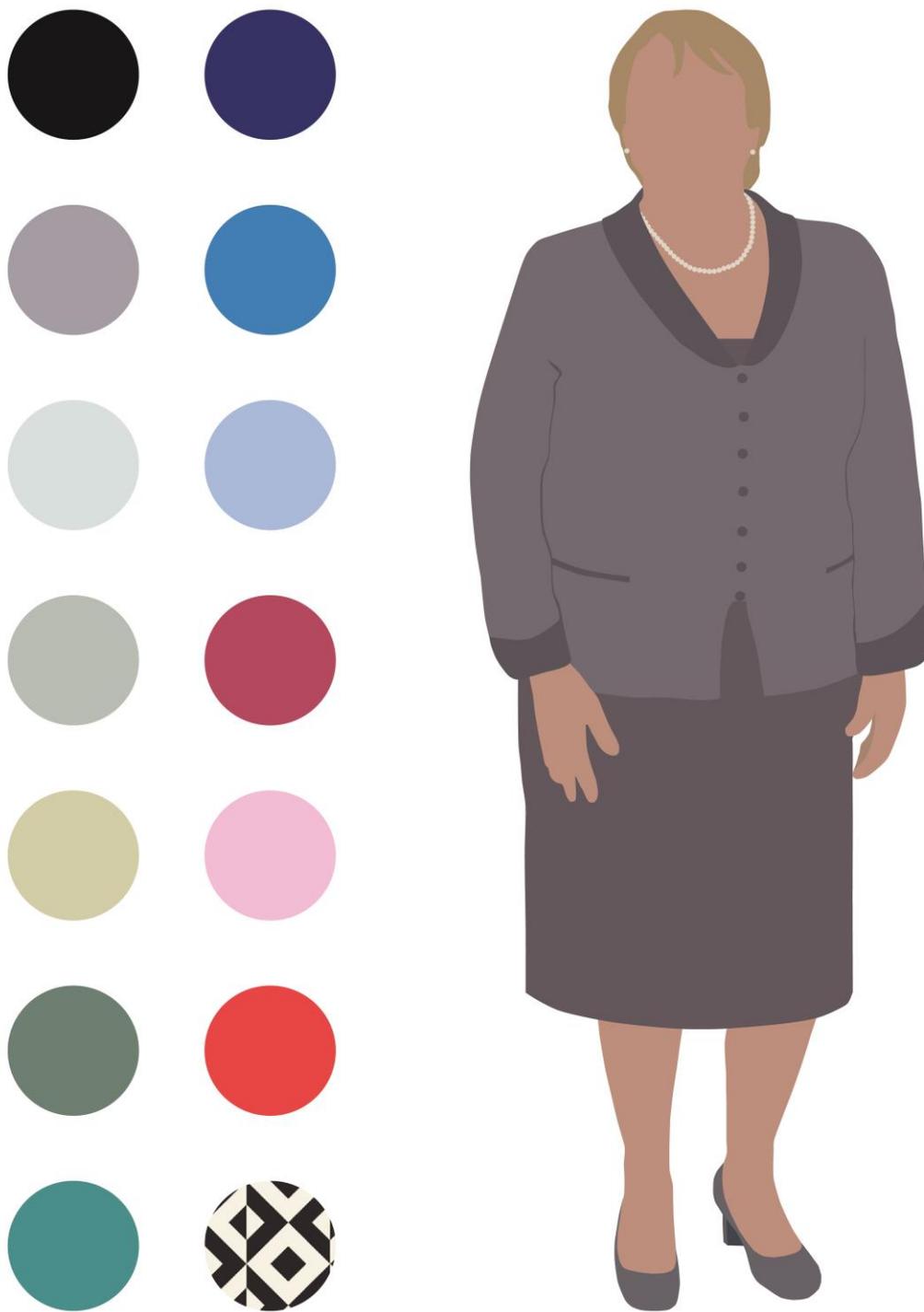


Figura 31: ilustração Michelle Bachelet e paleta de cores

Fonte: elaborado pela autora

3.3.3. Thereza May: política fashion

Extravagante, fashionista, fora de contexto, qualquer um desses adjetivos já foram usados para classificar a primeira-ministra do Reino Unido, Theresa May. Nascida em primeiro de outubro de 1956, na cidade de Eastbourne, localizada no sul da Inglaterra, tendo em seu litoral o Canal da Mancha. Theresa Mary May, inicialmente, Theresa Mary Brasier.



Figura 32: Theresa May usa acessórios extravagantes



Figura 33: Peças extravagantes e coloridas



Figura 34: Detalhes mais ousados

Formada em Geografia pela Universidade de Oxford, construiu uma carreira no Banco da Inglaterra. Sua carreira na política começou como vereadora no distrito londrino de Merton, entre os anos de 1986 e 1994. Desde 1997, Theresa ocupou diferentes cargos pelo Parlamento do Reino Unido, até ser a primeira secretária-geral do Partido Conservador.

Defensora da permanência do Reino Unido na União Europeia (EU), Theresa assumiu o cargo de primeira ministra do Reino Unido, após renúncia de David Cameron, em julho de 2016. Ela é a segunda mulher a ocupar o cargo; a primeira foi Margaret Thatcher, entre 1979 e 1990.

Com uma sólida carreira na política, Theresa sempre foi questionada sobre suas escolhas de indumentária¹⁹, que expõem o conservadorismo usual dos cargos políticos a toques mais modernos, incluindo estampas e cores marcantes. A cobrança pode ser ligada tanto aos cargos que ocupou, quanto às convenções de um país reconhecidamente ligado às tradições.



Figura 35: Em audiência com a Rainha da Inglaterra



Figura 36: Theresa May em evento oficial

Theresa seria uma boa opção para mostrar que existe um conservadorismo estruturado pelas roupas dentro do ambiente político, ressaltando que existe tabu de peças que fujam do padrão moral estabelecido²⁰, como por exemplo, quando é adotada uma forma que se mostra orgânica. Considerando o *status quo* de que a mulher, no exercício de suas funções deve estar adequada, ou seja, fazer uso de opções mais conservadoras, pelo uso do paletó e da ausência de elementos que refletem o universo feminino, há a quebra de tal conceito por meio de suas escolhas, que remetem ao mundo definido como feminino.

Cores, estampas, vestidos dramáticos e acessórios chamativos; a primeira ministra Thereza May se destaca e contrapõe o “esperado” de

¹⁹ “A roupa extravagante de Theresa May”, publicado em 26/03/2017. Disponível em < <https://www.sabado.pt/social/internacional/detalhe/a-roupa-extravagante-de-theresa-may> >, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15.

²⁰ “Theresa May, a primeira-ministra conservadora dos sapatos leopardo”, publicado em 02/11/2017. Disponível em < <https://www.publico.pt/2017/11/02/culto/noticia/teresa-may-primeiraministra-dos-sapatos-leopardo-1788211> >, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15.

políticos. Ela pode ser apontada, constantemente, pela diferença de roupas das demais representantes políticas, tanto de seu país, como mundo afora. Nas fotos escolhidas, que registram o cotidiano da premier, destaca-se que suas escolhas não são apenas em linhas retas, apresentando linhas diagonais, amplas e que criam uma imagem mais flexível, menos enrijecida, mais feminina e mais orgânica, o que caracteriza uma identidade mais maleável.

Um ponto de destaque em suas produções são os acessórios, que complementam os tradicionais ternos e vestidos, tão presentes nas escolhas das mulheres no ambiente profissional. Dentre esses acessórios se destacam sapatos com animal *print*²¹, sapatos mais elaborados e até mesmo botas *over knee*²².

As modificações rápidas dizem respeito, sobretudo, aos ornamentos e aos acessórios, às sutilezas dos enfeites e das amplitudes, enquanto a estrutura do vestuário e as formas gerais são muito estáveis. A mudança de moda atinge antes de tudo os elementos mais superficiais, afeta menos frequentemente o corte de conjunto dos trajes. (LIPOVETSKY, 1989, p.32)



Figura 37: Theresa May em casamento real



Figura 38: Theresa May em encontro de líderes



Figura 39: Theresa May em casamento real

²¹ Estampa que remete a pele de animais, como zebra, onça, tigre, em padrões e possibilidade de cores.

²² Palavra estrangeira que significa que o comprimento cobrem os joelhos, neste caso uma bota.

Esses detalhes permitem destacar que os sapatos não apresentam linearidade e engessamento, como as recorrências em outras representantes políticas, que se restringem aos saltos grossos, o que abre a possibilidade do controle da mobilidade e inserção de fetichismo; do belo em um ambiente predominantemente masculino.

Vale lembrar, que nem sempre Theresa se arriscou nas escolhas quebrando a limitação das roupas impostas pelo controle moral, mas parece incorporar os complementos com o nítido objetivo de se diferenciar dos demais, elaborando uma nova mensagem e a complementação do que deseja transmitir. Ao longo dos anos, no ambiente político, ela arriscou nos detalhes que a fizeram adotar, inclusive, roupas mais ajustadas e cortes assimétricos.

'Uma mulher pode ser inteligente e gostar de roupas', disse a primeira-ministra britânica.²³ A fala explicita o controle visual que as pessoas fazem ao empregar o entendimento de que para determinada função ou profissão é necessário um 'uniforme', e que qualquer forma distinta desse padrão é questionada.

As roupas da primeira-ministra evidenciam sua personalidade forte, corajosa, determinada, transpondo características mais engessadas e recorrentes no cenário político, que são costumazes por se distanciar da feminilidade; o que, como já explanado, pode ser percebido visualmente nas roupas de Angela Merkel e Michelle Bachelet.

Nas figuras 32,33 e 38 podemos observar uma ruptura dos padrões no ambiente político ou mesmo governamental, que de forma tácita afasta referências de moda das escolhas no vestuário. May recorre às botas longas para combinar com casacos coloridos e estampados. As cores fortes, como vermelho e verde, são contrastantes e complementares ao considerarmos a teoria das cores, o que imprime uma força visual e a afasta da sobriedade e neutralidade de cores escuras. Outro detalhe observado no vestuário é a textura dos materiais com tramas em relevo, como nos apresenta BARNARD

²³ "Theresa May posa para a vogue e fala sobre paixão por moda", publicado em 21/03/2017. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/ela/moda/theresa-may-posa-para-vogue-americana-fala-sobre-paixao-por-moda-21090991>>, acessado em 29 de setembro de 2018, às 21h15.

(2003, p.121), “Um tweed de lã grosso e felpudo pode significar rusticidade e campo, enquanto que uma lã penteada, bonita e macia pode significar sofisticação urbana.”.

Na figura 34, a tradicional combinação paletó e saia reta ganham uma releitura, com cintura marcada por um cinto com um laço e a gola arredondada. Esses detalhes não usuais em roupas profissionais alertam para o desejo de imprimir feminilidade, mas sem perder o visual profissional. As roupas são formas de camuflar o corpo, mas a interferência também é destacada pelo corte de cabelo mais próximo ao masculino. Como meio de disfarce, utiliza-se de um recurso para se aproximar do universo masculino.

May usa diferentes acessórios, do tradicional aos mais modernos, como colares de pérolas ou luvas diferentes. Nas figuras 37 e 39, ela participa de eventos sociais, dos casamentos reais, mas não afasta o conceito mais formal e, assim, adota linhas mais retas nas roupas e casacos. As linhas mais orgânicas são usadas nos chapéus, que acompanham as cores das roupas, recorrendo à monocromia mais uma vez.

Em eventos mais formais, como o encontro com a Rainha Elizabeth, a política deixa de lado sua personalidade mais contemporânea e recorre ao uso de peças retas, sem muitos detalhes, com algum contraste, como na figura 35, na qual se observa que a roupa, predominantemente, preta ganha detalhe em amarelo. Outra exceção é o uso de texturas diferentes, porém em tons neutros ou escuros, como percebemos nas figuras 36 e 38.

Como Michelle Bachelet e Angela Merkel, a primeira ministra do partido conservador também é constantemente vigiada e controlada por cada nova aparição, seja pelo uso de sapatos mais dramáticos, colares com bolas ou elos grandes, casacos coloridos ou a repetição do mesmo casaco por diversas vezes ou, ainda, o uso de uma pulseira com imagem de uma mulher que se destacou na luta por causas feministas, mas também conflitante, a socialista Frida Khalo.



Figura 40: ilustração Theresa May e paleta de cores

Fonte: elaborado pela autora

Capítulo 4 – Percepções: roupa, ambiente e realidade

A dissertação foi conduzida pela análise do vestuário de mulheres no ambiente público. O objetivo da discussão centrou-se na forma como a indumentária foi incorporada à construção da imagem e gênero do ser político, explorando a linguagem, a escolha de elementos que contribuem para o fortalecimento de cada mensagem e a forma que estabelece um discurso de poder que será assimilado pelo eleitor. Respondendo à questão central do estudo: **como as mulheres recorrem as roupas para se imporem no ambiente político e até que ponto as roupas são elementos de auto representação?**

Considerando três personalidades, Michelle Bachelet; Thereza May e Angela Merkel foi possível analisar o comportamento de escolha e a possibilidade de visualizar se as roupas caracterizam a diferença de masculino e feminino. O que a pesquisa documental mostrou sobre as três personagens escolhidas, desde situá-las em suas culturas e escolhas de vestuários, além de possibilitar o cruzamento dos três eixos norteadores do trabalho - vestuário, política e gênero - foi essencial para a condução desta dissertação, que foi construída para que fosse feita uma crítica reflexiva por meio de uma bibliografia.

Assim, ao compreendermos as conexões entre os temas e as vivências de três representantes de destaque no ambiente público, percebe-se a repercussão da articulação entre vestuário, política, gênero, os controles nos ambientes ou na sociedade. Esta revisão e observação permitiu que fosse percebida a necessidade de elaborar um recorte mais próximo da realidade geográfica, ou seja, surgiu com a formulação de um questionário para que seja possível conhecer e demonstrar a representação social, pela imagem, reputação dada e construção de identidade no ambiente público brasileiro, e como são formuladas, destacando os aspectos mais relevantes para isso.

Elaborar questionário/entrevista que explicita as formas de representação social pelas roupas, é uma direção que sucede a ambientação

com o tema de estudo, que foi viabilizado pela análise das três políticas, o que nos possibilitou compreender a realidade do tema a ser pesquisado. Vale salientar, que a formulação das questões está diretamente ligada aos interesses e objetivos da pesquisa, a fim de compreender a realidade das participantes.

A escolha das personagens para a aplicação do questionário seguiu, primeiramente, a alocação funcional, ou seja, a pesquisada deve atuar em posição de destaque no ambiente público. A função política, constituída pelo controle de poder, apresenta a relação histórica da mulher, que ainda é feita de forma mais restrita, o que tem influência direta na constituição social, como explanado nos capítulos anteriores, reportando a inter-relação entre sua função profissional e escolha das roupas. A escolha das profissionais atende também a expectativa de expressividade imagética e de representação social, incluindo o uso de cores, formas, controle do corpo por meio da cultura e comportamento, além de explicitar um aprofundamento do tema.

Para tanto, é preciso compreender os critérios que direcionaram a pesquisa e a aplicação da análise de conteúdo dos materiais coletados, tendo como referência Bardin (2010). A escolha foi feita após breve histórico pessoal de três figuras marcantes do cenário mundial e de aferir respostas de 13 mulheres representativas da política nacional.

Para a pesquisa, foi realizado um percurso histórico-social, o que pautou a aplicação de um questionário formulado para que fossem levantados dados e, assim, fossem discutidas as diferenças e similaridades entre a abordagem da perspectiva internacional e abordagem nacional, posteriormente, considerando ser o melhor método a análise de conteúdo, por sua definição:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas – desde o cálculo de frequências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos – é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência (BARDIN, 2010, p.9)

Bardin (2010) ainda complementa que os processos de análise de conteúdo são formas de estruturar pesquisas que oscilam entre dois polos, a objetividade e a subjetividade²⁴, abarcando a ocasionalidade dos dois para que fundamente o estudo de forma necessária a realidade suplantada pelas hipóteses e focada em atingir o objetivo.

Essa adaptabilidade²⁵ fez convergir os preceitos apontados por Bardin (2010) e as possibilidades para execução da pesquisa, afinal, após uma ampla revisão bibliográfica, uma análise de *corpus* de três mulheres com destaque internacional, a formulação de questionário²⁶ e diante do que foi exposto, pode-se concluir que as possibilidades de aplicação da análise de conteúdo (AC), se origina da ideia de captar a maior observação do coletivo, mesmo que tenha recortes geográficos. Vale ressaltar que o processo permite uma elaboração flexível, mas que deve seguir determinadas etapas de forma organizada, em torno de três polos cronológicos, conforme Bardin (2010): 1. A pré-análise; 2. A exploração do material e, por fim, 3. O tratamento dos resultados: a inferência e a interpretação. (1977, p.95).

A pré-análise, tem como aporte um objetivo operacional, fase que sistematizamos as ideias preliminares, fundamentadas em quatro etapas. A primeira, é a leitura flutuante (etapa a), na qual há contato com os documentos coletados; em seguida, na escolha de documentos (etapa b), o pesquisador

²⁴ “ De facto, para além dos aperfeiçoamentos técnicos, duas iniciativas desbloqueiam, então, a análise de conteúdo. Por um lado, a exigência da objetividade torna-se menos rígida, ou melhor, alguns investigadores interrogam-se acerca da regra legada pelos anos anteriores, que confundia objetividade e cientificidade com a minúcia da análise de frequências. Por outro, aceita-se mais favoravelmente a combinação clínica, com a contribuição da estatística. Mas, para além do mais, a análise de conteúdo já não é considerada exclusivamente com um alcance descritivo, antes se tomando consciência de que sua função ou o seu objetivo é a inferência.

²⁵ “A técnica de análise de conteúdo adequada ao domínio e ao objetivo pretendidos, tem que ser reinventada a cada momento [...]

²⁶ “Por outras palavras, a análise de conteúdo de mensagens que deveria ser aplicável – com maior ou menor facilidade, é certo – a todas as formas de comunicação, seja qual for a natureza do seu suporte (do tam-tam à imagem, tendo evidentemente como terreno de eleição o código linguístico) possui duas funções, que na prática podem ou não dissociar-se:

- uma função heurística: a análise de conteúdo enriquece a tentativa exploratória, aumenta a propensão à descoberta. É a análise de conteúdo para ver o que dá.
- uma função de administração da prova. Hipóteses sob a forma de questões ou de afirmações provisórias servindo de diretrizes apelarão para o método de análise sistemático para serem verificadas no sentido de uma confirmação ou de uma informação. É a análise de conteúdo para servir de prova.

busca compreender quais devem ser escolhidos e analisados após primeiro contato. Posterior a esta leitura, formula-se as hipóteses e os objetivos (etapa c), como também a referência dos índices e elaboração dos indicadores (etapa d), por meio de recortes de texto nos documentos de análise (BARDIN, 2010, p.95-100).

A segunda fase representa a exploração do material que se forma pela codificação, classificação e categorização, com definição de categorias (sistemas de codificação) e identificação de unidades de registro (unidade de significação a codificar corresponde ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, visando à categorização e à frequência) e das unidades de contexto nos documentos (unidade de compreensão para codificar a unidade de registro que corresponde ao segmento da mensagem, a fim de compreender a significação exata da unidade de registro). Considerada uma fase analítica, permite a percepção e riqueza das inferências e interpretações, por meio de um estudo detalhado do *corpus*, direcionado pelas hipóteses e referenciais teóricos. (Bardin, 2010).

O capítulo, além de se pautar nos aspectos metodológicos de análise de conteúdo difundidos por Bardin (2010), apresenta o estudo exploratório com objetivo de conhecer as possibilidades e engrenagens que regulam ou mesmo regulamentam as escolhas das roupas no ambiente público. Esta parte do estudo busca ainda identificar características mais restritas ao cenário nacional, buscando a relação entre a escolha das roupas e o exercício profissional no ambiente público.

Para isso, utilizaram-se informações dos seguintes instrumentos: questionário e análise de corpus. A aplicação dos instrumentos para mulheres com perfil delimitado, por características destacadas, em momento posterior à análise de três personalidades de alcance mundial, apresentará o resultado da entrevista com personagens que possam corroborar com a busca de respostas para a questão central. Esta escolha de método é para viabilizar a coleta de dados que coordena o objetivo estabelecido na pesquisa.

4.1. Descrição do processo

A fim de analisar e compreender como as mulheres recorrem às roupas para se apresentarem e representarem, destacando pontos norteadores e limitadores, no ambiente político, foi desenvolvido um questionário dividido em três blocos de perguntas: o primeiro com quatro perguntas de ambientação; o segundo, oito questões dicotômicas com justificativas e, então, sete questões subjetivas sobre o tema.

O questionário foi elaborado a partir do interesse em articular o projeto de dissertação, focando em ideias, conceitos e análise de perfis, para investigar a representação de gênero pelas roupas de personagens femininas, suas ocorrências e a construção de discurso no ambiente público. Foram estruturadas questões que mostrassem a relação com a roupa, em diferentes situações, desde sua escolha no ambiente profissional, passando pelos momentos de lazer, expressão de identidade, além da representação de gênero. O importante era coletar o maior número de informações, reflexões, com o mínimo de interferências e induções nas respostas.

A justificativa em estruturar estes instrumentos foi para aprofundar-se ao máximo na opinião sobre a questão central do estudo, distanciar-se dos achismos e validar de forma qualitativa, por meio de tópicos estruturados, como: a exaustividade, onde se buscou o esgotamento na totalidade dos textos; homogeneidade, em que deixa claro separação entre os temas a serem trabalhados na extensão do estudo; exclusividade, destaca-se que um mesmo elemento só pode estar em uma categoria; objetividade, destacando que qualquer codificador consegue chegar aos mesmos resultados; adequação ou pertinência, adaptação aos objetivos de estudo. Por fim, formulação e reformulação das hipóteses retomada da etapa exploratória na leitura exaustiva do material e o retorno aos questionamentos iniciais. (Bardin, 2010)

Os questionários foram aplicados de forma online, pela disponibilidade e facilitador de acesso às participantes, por um período de 15 dias. Para captação de mulheres com o perfil delimitado, verificou-se, inicialmente,

características levantadas após a revisão teórica, para que as participantes estivessem investidas em cargos de destaque e funções políticas, não havendo limitação da faixa etária ou alocação geográfica, dentro do cenário nacional.

Desta forma, a pesquisa teve um alcance de 13 questionários respondidos, por mulheres que estavam dispostas e referenciadas como membros instituídos da identidade feminina no ambiente público e no exercício dos cargos de poder como: gerentes executivas e de relações governamentais, chefe de gabinete de presidência de órgão federal, além de políticas, desde candidata a presidência da República, representantes na esfera federal (câmara e senado) e estadual (deputada e vereadora). Outro aspecto levantado é que a faixa etária predominante das participantes está compreendida entre 31 a 40 anos, seguido por mulheres acima de 50; detalhes observados na pré-análise, quando há o primeiro contato com os resultados.

4.2. Alcance e direção dos questionários

Diante de um material elaborado e enviado para 40 mulheres, e partindo do pressuposto de que o vestuário é responsável pela articulação de possibilidades no ambiente público, por ressaltar e mesmo descrever perspectivas sociais, econômicas e políticas, além de ressaltar comportamentos hierárquicos, dos papéis definidos e o posicionamento do discurso, obteve-se contato com o material coletado e a sua interpretação.

Vale ressaltar que neste tipo de pesquisa qualitativa levou-se em consideração que a entrevista, que é o “Encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (Marconi & Lakatos, 2007, p. 94), seria importante, afinal, um encontro presencial é relevante para obter informações constituídas inclusive por observações de gestuais e comportamentos, pois “utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Consiste de ver, ouvir e examinar fatos ou fenômenos” (Marconi & Lakatos, 2007, p.90).

Esse tipo de instrumento serve para qualificar informações relevantes, ou seja, destacar e delinear dados que seriam relevantes, mas a não aplicação não inviabiliza os dados obtidos pelo estudo. Afinal, diante do perfil das entrevistadas e após muitas tentativas infrutíferas, foi considerado inviável esse tipo de instrumento e alterado o foco para a aplicação dos questionários.

Os resultados foram agrupados por semelhanças e também por divergências de informações, surgindo as categorias, por exemplo; categoria A, o ato do vestir; categoria B, roupa: público x privado; categoria C, masculino e feminino; categoria D, grades e contenções do vestir que estabeleceram relações de proximidades entre a roupa, o ambiente profissional e o discurso das entrevistadas, podendo as questões ser analisadas tanto separadamente quanto em conjunto.

Em seguida, foi feito um levantamento mais aprofundado de cada questão, possibilitando a formulação de uma síntese do estudo e, a possibilidade de destacar o que era mais relevante no geral e em cada questionário, inclusive traçando temáticas a serem exploradas para a fundamentação da segunda e terceira etapa, comumente conhecidas por elaboração do material ou codificação e tratamento dos resultados obtidos, seguido de interpretação.

4.2.1. Categoria A: o ato de vestir

Logo após o primeiro bloco de perguntas, o de ambientação, foi solicitado que a entrevistada escolhesse, de forma livre, as cinco primeiras palavras que viessem à mente ao relacionar a escolha de roupa consigo. Ao responder a questão, *cite cinco (5) palavras que venham a sua cabeça quando pensa em vestuário (roupas)*; as palavras que mais apareceram, dentre um total de 55 citações diversificadas, foram: “conforto” (6), “elegância” (5), “estilo/moda” (3), “personalidade/praticidade/cor/imagem/ identidade” (2).

Essas palavras sugerem, inicialmente, a relação da escolha no vestir de cada participante com sua vivência, o que destaca principalmente conceitos que poderiam até ser conflitantes, em uma primeira impressão, como conforto e elegância, mas que pode ressaltar o desejo em expressar a vontade de que ao se vestir, a entrevistada não pretende se tornar prisioneira de peças de roupa, mas que dentro delas não tenha perda de características que a destaque e a adeque às situações vividas.

Outras palavras que foram citadas - estilo e moda - por vezes são consideradas como sinônimas. São formas de organizar o pensamento sobre a roupa e também inferir que ao se vestir existe uma preocupação em determinar sua identidade ou até estarem atentas às mudanças temporais, inclusive de tendências, que podem influenciar a escolha de cores ou fortalecimento da imagem, considerando em sequência as palavras citadas.

Por fim, e complementando a última referência, foram citadas personalidade, praticidade e identidade. É possível perceber que estas citações são buscas de não perder muito tempo em cada escolha, o que pode influir no condicionamento do vestir, de forma a explicitar que a escolha é coordenada pelo outro. Essa coordenação pelo outro interfere na expressividade, ou seja, na exposição da personalidade e identidade. Assim, é o ato de relacionar a roupa com a possibilidade de situar as pessoas frente aos acontecimentos da sociedade, seja pela visão de si ou pela visão do outro.

A ambientação e, como ela afeta a escolha da roupa recaem na pergunta seguinte, que questionou a relação entre a roupa e a mensagem, *Você considera que as roupas emitem uma mensagem?*, ou seja, todas as entrevistadas consideraram que sua escolha está condicionada a emissão de uma mensagem, desde a adequação ao ambiente, compromisso com a situação, os valores e o padrão comportamental, inexistindo uma inconsciência ou indiferença da imagem apresentada, como exemplificada pelos argumentos a seguir:

A roupa é o primeiro elemento que a outra pessoa enxerga ao olhar para nós. Então, aquilo que você veste gera uma pré-leitura de quem você é. (participante F)

Demonstra cuidado com a aparência pessoal e passa imagem de credibilidade ou não, dependendo do tipo. Claro que pode ser desqualificada depois, mas primeira impressão é muito importante para que o ouvinte te escute e te veja com bons olhos, com certa receptividade. (participante G)

Outros pontos foram levantados nas respostas, como referência ao humor, ao estilo, à postura, além de relações de formalidade e informalidade. De forma complementar, outra entrevistada destaca um ponto relevante para a pesquisa, de que pode haver formas diferenciadas nas escolhas, conforme as possibilidades e as vivências, sendo feita de forma reativa ou mesmo proativa, de forma consciente ou mesmo inconsciente.

As pessoas escolhem o que vestir, tomando decisões conscientes e inconscientes, baseadas em sua educação, cultura, contexto, disposição, expectativas e desejos. E as pessoas também leem, consciente e inconscientemente, esses elementos nas roupas usadas pelas outras. (participante H)

Isso destaca um vetor importante que pode interferir na escolha de nossas roupas e controlar inclusive a expressividade e discurso; a possibilidade de crítica por roupas usadas no ambiente de trabalho, seja pelo citar o que definiria a escolha da roupa, seja pela reflexão sobre a roupa e sua mensagem.

4.2.2. Categoria B: roupa: público x privado

Na estrutura do questionário foram pensadas ainda questões para que fosse verificada como a escolha da roupa ocorre no ambiente público e no ambiente privado; as possíveis similaridades e diferenças; suas características evidentes, além dos agentes controladores. Vale lembrar, que na revisão teórica foi apontado que a relação público-privado pode interferir de forma direta na escolha do vestir, seja na exposição de gênero, na adequação de discurso de poder ou mesmo reflexiva da cultura e sua relação impactante na vida de homens e mulheres, determinando os papéis vivenciados dentro da sociedade.

Ao observar as respostas, a primeira evidência que foi apurada, nesta etapa, foi a ausência ou presença de críticas nas escolhas de roupas para o trabalho. A pergunta dicotômica, *Já recebeu críticas sobre as escolhas de suas roupas para o ambiente de trabalho?*, seguida de pedido de justificativa, destacou que 13 entrevistadas já haviam sido criticadas em suas escolhas, o que indica que de alguma forma existe um controle na adequação do vestir para aquela função e a possibilidade de ter um código, um parâmetro usual para vestir no ambiente público. As justificativas destacaram que existe uma dualidade marcante entre as escolhas das entrevistadas que, relembramos, são mulheres em cargos de destaque. Observou-se a ocorrência de críticas que apontaram a inadequação das roupas, seja pela simplicidade, seja por carregar consigo um conservadorismo nas peças. Outras afirmações que foram recorrentes destacaram as seguintes características: informalidade, deselegante, séria demais, conservadora ou mesmo parecer um moleque. Apenas duas entrevistadas apontaram que escutaram elogios, que se resumiram à elegância.

O relato de uma das entrevistadas, quanto à crítica, mostrou inclusive que o controle ocorre no ambiente familiar, privado, situação que mostra que os códigos estão inerentes ao viver em sociedade, não tendo o regramento só no ambiente de trabalho. Na resposta, fica evidente que a compreensão do regramento no vestir era percebida pelos familiares.

Que não era a melhor escolha, mas a crítica veio de pessoas próximas, em casa, antes de sair. Meu ambiente de trabalho é extremamente formal. Homens de terno, ou calça jeans e camisa. Mulheres seguindo a mesma linha. (participante D)

Ao observarmos o controle, conforme a pergunta, outro ponto destacado é o de como as relações de hierarquia e os valores dos superiores são impostos aos outros, seja de forma tácita ou como mostrado pela entrevistada, de forma explícita. De acordo com a participante F, o controle é indireto.

Não diretamente. Mas vamos sendo 'direcionados', ainda que por observação ou indução massiva quanto ao que devemos vestir. O novo presidente da empresa pública na qual trabalho, chega às

reuniões e pergunta aos gerentes: 'Cadê a gravata? '. Isso traz uma mensagem para todos os outros empregados. (participante F)

A fala da entrevistada mostra um comportamento um tanto coercitivo e direcionador para o outro, é o regramento do vestir para fora, para o outro, para que esteja adequado ao que deseja ser reconhecido, o que nos faz lembrar do vestir-se para algo, vestir-se para ser alguém. É uma crítica estética, mas que também evidencia o comportamento em grupo, o reflexo cultural, a distinção pelas roupas e a possibilidade dela determinar o local do indivíduo na hierarquia social. As roupas foram evidenciadas como meio de julgar o outro, de destacar que por vezes ela limita as possibilidades de exercício profissional e do discurso que ela formula pela modelagem, "Que não representam roupa de alguém que exerce papel de liderança. Roupas muito neutra e ampla", como afirma a participante M.

Hierarquia e controle acabam sendo dois tópicos referenciados por 13 entrevistadas nas respostas, ao responderem: *Você acredita que a roupa maximiza a aceitação e o respeito no ambiente profissional?* Assim, estruturam as formas de escolha do vestir para permanecer no ambiente público, pois estão em busca da aceitação e respeito, de uma assertividade constituída por regras protocolares, que seguem a cobrança e de um referencial estruturado, como percebemos, inclusive nas respostas, que ressaltam que "Ainda há um protocolo em que engravatados são mais respeitados", segundo a participante C.

Pelas falas, é possível verificar que o posicionamento social afasta uma flexibilização da imagem e destaca um padrão, como o da referência, de que engravatados são notáveis, o que acaba evidenciando obstáculos para a mudança na construção visual, ligadas à qualificação e à capacidade profissional ao vestir determinada roupa e acessório. "Porque existe uma forma socialmente definida de aceitação. Julga-se muito pela aparência", como afirmou a participante D, e as respostas evidenciam que " A pessoa elegante e bem vestida sempre terá tratamento diferenciado no ambiente profissional, questão de preconceito", como é destacado pela participante I.

É um processo que coordena as ações e os tratamentos no ambiente profissional, o olhar sempre classifica, inclusive pelo comportamento cultural. Com isso, verifica-se que as entrevistadas ressaltam que a roupa é a expressão de si, qualificando-as, traduzindo o perfil, a personalidade, a necessidade de dizer quem se é ou quem se deseja ser, mas sendo controlada por um ambiente conservador e impulsionando mudanças no vestir, direcionadas pela alocação hierárquica e suas funções, como apontado nos questionários e referenciado por três respostas:

É nítido que o tipo de roupa representa critério de aceitação e respeito. Se não fosse assim, ao "subir" de função/cargo as pessoas não se preocupariam em mudar seu estilo. E isso sempre acontece. (participante F)

Pessoas que se vestem inadequadamente para o ambiente de trabalho, por mais profissionais que sejam muitas vezes não são respeitadas como profissionais competentes, não geram credibilidade quanto seu profissionalismo. (participante G)

Somos muitos "movidos à aparência", mesmo sem querer. A roupa é repleta de significados e emite sinais que são interpretados por quem nos vê. As pessoas deduzem ou concluem a partir do que vestimos, se somos "respeitáveis" ou não, conservadores ou avançados, discretos ou extravagantes, individualistas ou coletivistas etc. Podem fazer avaliações equivocadas e podem descobrir, com o tempo, que erraram – mas o impacto inicial é inevitável. E não é, como se poderia pensar, uma característica de quem é mais conservador e/ou preconceituoso. Quem se considera progressista também faz suas avaliações positivas e negativas a partir da roupa das outras pessoas – apenas o "positivo" e "negativo" é aplicado de outra maneira. (participante H)

Ao considerar a ideia de engravatados, percebe-se que há concordância entre as entrevistadas, que destacam que esta é a imagem clássica para escolhas profissionais e, de certa forma, coordena a aceitação e indica a possibilidade de transitar por diferentes espaços. Tal escolha facilita o acesso em diferentes camadas hierárquicas, como exposto pela participante A, "Em geral, roupas mais clássicas transitam em vários ambientes e permitem acesso de questões operacionais à direção". Sobre isso, destaca-se que:

A imagem e as mensagens transmitidas pelo tipo de roupa que se usa influenciam bastante a aceitação e respeito no ambiente profissional. O pré-julgamento pelo tipo de vestuário é inevitável, independente do gênero. As roupas, com certeza, comunicam muito sobre quem as veste. (participante B)

É esta comunicação eminente que as profissionais consideram agentes articuladores em cada escolha, como percebemos no relato a seguir:

A todo o momento, devido à natureza do meu trabalho, participo de grupos de discussão grandes, com pessoas do governo, altos executivos, técnicos, de diferentes países... Representando uma empresa muito reconhecida da área, então a expectativa, o pré-conceito" é inevitável. Busco sim que minha imagem reflita o que a empresa representa...E acho isso que isso me ajuda, me posiciona... basta visualizar a surpresa que todos demonstram caso um homem mal vestido, (amarrotado, desalinhado, sujo) se apresenta como CEO, presidente, de uma empresa. Vira assunto por semanas. Ninguém se mostra não-surpreso, até quem defende que qualquer um se veste como quiser se apega a um exemplo desses, caso ocorra, quando ocorre.... caso eu não me importasse, todo o reconhecimento viria de qualquer jeito? Viria, mas não no primeiro segundo. Poderia vir no segundo ou quinto segundo de tempo, mas não no primeiro, pois a imagem chega antes. Por isso prefiro contar com essa ajuda, para antecipar as impressões e depois apenas corroborar. Meu resultado busco que combine com o que visto, com como me mostro. (participante D)

Para compreender melhor as possíveis semelhanças e diferenças entre a escolha de roupas para o ambiente público e privado, foi questionado se as escolhas profissionais seguiam a mesma dinâmica de outras roupas, ou seja, qual a forma em que se amparam suas compreensões de construção de imagem profissional e como é constituída sua identidade e personalidade pelas roupas. Segundo 8 respondentes, relativo à pergunta *A escolha das roupas profissionais seguem o mesmo padrão da escolha de suas outras roupas?*, existe uma clara diferenciação entre roupas para o trabalho quando se ocupa determinada função e qualquer outra escolha, desde a valorização do conforto, a análise de contexto, uma exigência de roupas austeras, com preocupações estéticas por peças limpas, alinhadas, apropriadas, que sigam critérios e observações de cada situação, mas com desejo em adequar a personalidade aos padrões estabelecidos, distanciando-se das escolhas de finais de semana, como referenciado por “ambientes diferentes pela formalidade imposta no escritório corporativo.”, como explicitado a seguir:

Trabalho com um processo extremamente formal, por isso, eu participo de reuniões com altos executivos e fornecedores. Isso me leva a utilizar cores mais neutras no trabalho. Raramente uso pontos de cor. Quando trabalho, represento a empresa, então me adequo ao que o ambiente exige (as pessoas esperam que seja assim e nós tendemos a isso). Em minhas escolhas pessoais, sou mais despojada e colorida. Amo estampas, saias e vestidos florais. (participante F)

Depende! Muitas vezes, sim, mas tem roupas que uso fora do trabalho que são bem diferentes, que demonstram um jeito mais descontraído! O que não acontece no trabalho, que sempre busco uma maior formalidade e menos sensualidade. (participante G)

Em complemento à questão anterior, foi questionada a motivação na escolha das roupas, *O que a motiva na hora de escolher uma roupa para o trabalho?* Na análise dos resultados foi apontado que há diferença entre as escolhas profissionais e de outras roupas por 8 entrevistadas, como a formalidade, austeridade, a imposição protocolar, uma imagem profissional, alinhamento, elegância, padrões estabelecidos, uma roupa com imagem mais dura. “Adequação ao processo no qual trabalho. A maior parte das roupas de trabalho é somente para o trabalho.”, participante F. Já para outras situações, no ambiente privado, há predominância de cores, estampas, roupas mais confortáveis, leves, até com permissão de sensualidade, feminilidade. Esse mecanismo é referenciado nas respostas a seguir:

Buscar imagem alinhada com o que eu sou, ou que sempre busco ser, no trabalho: organizada, alinhada, eficiente, segura... pronta para: fazer uma apresentação, dar uma entrevista, participar de uma reunião de alto nível. (participante D)

Primeiro de tudo, o conforto térmico – passar calor ou frio prejudica demais o meu rendimento. Segundo, analiso a agenda: se tenho sessão plenária, palestra ou evento solene, escolho ao menos uma peça de roupa mais “formal”, exemplo: se vou de calça jeans, visto uma blusa e não uma camiseta, sandália e não tênis. Nos outros dias, posso sair de jeans, camiseta e tênis... (participante H)

A impressão que irei passar. Pois sempre procuro transparecer segurança. (participante I)

Com os posicionamentos das entrevistadas é possível perceber evidências de que no ambiente público há um maior controle no vestir, um julgamento validado pela posição vivenciada, uma padronização nas escolhas, uma necessidade de adotar inclusive peças do vestuário masculino e distanciamento de referências mais femininas, como estampas florais, cores suaves, saltos finos e peças com modelagens mais orgânicas ou aderentes ao corpo, como destacado nas respostas à pergunta *Exemplifique qual roupa você escolhe para mostrar poder no ambiente profissional? Usa acessórios, quais? Como são os sapatos? Descreva.*

Terno ou vestido bem cortados, de tecidos de boa qualidade, preferencialmente na cor preta; camisas bem estruturadas, de manga longa, podem ser brancas ou de outras cores; colar e brincos de pérolas; sapatos de salto, em couro, confortáveis. (participante B)

Salto. Cores sóbrias: preto, Azul marinho, off white, verde musgo. Sem estampas. Bom corte, como se fosse sob medida, alfaiataria. Não dou atenção aos acessórios, mas busco um brinco sóbrio, pequeno, sapatos de salto sem ser de festa. Salto alto, mas não fino verniz ou textura "crocodile", frente fechada. Comprimento abaixo do joelho, cobrindo o joelho. Minha bolsa perfeita. (participante D)

Um vestido básico preto com um blazer de cor ou um macacão. Uma calça preta e blazer também são ótimas escolhas. Geralmente, com um *scarpin* preto ou colorido, caso a roupa seja toda da mesma cor. Acessórios, apenas relógio e brincos mais discretos. (participante G)

Calça preta de alfaiataria, camisa branca de botões, brincos de perola, colar discreto de preferência uma joia dourada discreta, cabelo semipreso, scarpin de bico fino alto e uma bolsa vermelha. (participante I)

Por fim, ao pedir que colocasse em ordem de prioridades palavras-conceitos²⁷ que motivam a escolha do vestuário profissional, *Coloque em ordem de prioridades as motivações de sua escolha do vestuário profissional: Qualifica – Expressa – Identifica – Representa – Limita – Controla*, ou seja, o vestir no ambiente público; qualifica, atribui uma qualidade, opina a respeito de

²⁷ Os termos serão tratados ao longo do estudo, mas adianto a definição feita em dicionário. (Michaelis - Moderno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, online)

algo, avalia, classifica; expressa, comunicar-se, revelar-se, fazer-se conhecer, dar a entender ou conhecer por meio de algo; identifica, estabelecer identidade, ficar ou fazer igual a outro, se fazer reconhecer; representa, ser imagem ou representação de algo, imagem ou símbolo; limita, servir de limite, restringir, confinar; controla, exercer ou se submeter as regras, comandar, dominar. Não houve repetição entre as respostas, mas foi constatado um maior número de citações em cada posição, o que pode mensurar o pensamento sobre a escolha pessoal para as roupas profissionais, como pode ser percebido.

Verifica-se que foram feitos 13 arranjos diferentes entre as palavras. A sequência das citações em cada posição que mais apareceram foram: representação (5), expressa (5), identifica (6), qualifica (6), controla/limita (6), limita (6), nesta ordem. Essa interpretação identifica aspectos relevantes, entre a roupa e o exercício de sua função, levando em conta todos os fatores, sejam internos ou externos, para a escolha.

A ordem sugere que ao escolher a roupa para o ambiente profissional, a maioria das entrevistadas considera que sua maior motivação é representação ou construção de sua imagem, seguida da vontade de se comunicar, revelar sua intenção para o mundo por meio das roupas; identifica, que demonstram a vontade das entrevistadas em estabelecer sua identidade; em seguida vem qualificação, que permite uma classificação frente ao outro. A sequência foi composta, ainda, por controla, que destaca que as escolhas são dispostas por aceitar a submissão às regras 'impostas', inclusive de maneira tácita. E, por fim, limita, que é a forma de restringir a escolha, sendo que esta apareceu na quinta e sexta posição com maior número de citações.

4.2.3. Categoria C: masculino e feminino

A terceira categoria determinada pelo método de Bardin, tem como objetivo destacar a presença ou ausência de comportamentos padrões ou distoantes no ambiente público, considerando o masculino e o feminino, e se essa classificação é relevante. Ao questionar se existem roupas de mulher e

roupas de homem, com a pergunta *Acredita que existem roupas de mulher e roupas de homem?*, optou-se pela escolha de um relato que sintetizou o pensamento das entrevistadas, que sugerem que as escolhas seguem:

[...] critérios culturais que determinam que certas roupas sejam produzidas para mulheres ou homens. Em nosso país, saias e vestidos são para mulheres, terno e gravata para homens... Podemos contestar isso na prática, mas o fato de poder ser contestado confirma que existe uma concepção original (se não, não haveria o que contestar). (participante H)

Infere-se que existe uma maior aceitação de adoção de roupas masculinas pelas mulheres, que o contrário: “ Ainda não me acostumei muito a ver homens de saia longa. Por outro lado, mulheres de smoking ficam super *fashion*” (participante A). Dentre as respostas, percebe-se, ainda, o realce de peças que são consideradas tipicamente masculinas e femininas, depreendendo-se que ao responder esta questão, a entrevistada considera também a escolha para o ambiente profissional, limitada pelo sexo, como percebemos:

Terno e gravata (roupa de homem) e saia mídi (roupa de mulher). É um conceito que até poderia mudar para mim, mas hoje, é assim que está minha crença... Não sou tão radical a respeito, mas se falar roupas de homem ou roupas de mulheres, as imagens que virão na minha cabeça não irão coincidir. (participante D)

Vestidos e ternos! São bem característicos, apesar de mulher usar terninhos! (participante G)

Pelo simples fato de não enxergar o homem vestindo roupas de mulher. (participante I)

Exemplo: vestido, mulher. Terno, homem. Conforme convencionado culturalmente. (participante J)

No contexto social, validado pelas respostas apontadas, em diferentes momentos, há presença e controle também em relação ao masculino pelas escolhas das roupas. Uma competência que acontece, inclusive, de forma

tácita, delimitando pelas roupas o enquadramento e julgamento, tanto no público como privado. A escolha destaca que existe uma diferença clara entre o masculino e o feminino na construção de um discurso de poder, evidenciado pela roupa, afinal, “De certa maneira, acredito que há algo arraigado na sociedade que reforça esse entendimento. Pessoalmente, acho desconfortável ver homens usando saias.”, apontou a participante F. Outra complementa, “Acredito que ainda vivo em padrões sociais que impõem este enquadramento. Recentemente, um colega do sexo masculino não pode participar de uma audiência por não estar de terno e gravata”, participante M.

Se há uma maior quantidade de opções ao pensar nas roupas femininas, no universo masculino há uma maior restrição, o que recai nas escolhas para o ambiente profissional, e mesmo para a vida particular, apontando que a cultura é o que altera essas percepções. Uma das entrevistadas coloca que,

Ainda que atualmente haja uma tendência de flexibilização quanto às roupas e o gênero de quem as veste, ainda acredito, considerando o contexto cultural em que vivo que algumas roupas, como vestidos e saias, sejam mais afeitas as mulheres. Do mesmo modo e em maior variedade, outras tantas independem de gênero, como calças, shorts, camisas, camisetas, blazer, etc. (participante B)

Apenas duas respostas não concordam com esta abordagem, quer dizer, a de que existem roupas de mulher e roupas de homem. Há, também, uma pequena divergência nas respostas coletadas ao considerar que as escolhas delimitam o gênero no exercício da profissão. Tal posicionamento foi verificado através das respostas à questão: *Você acha que deve ter uma delimitação de gênero pelas vestes no exercício da profissão?*.

Nove respondentes concordam que existe essa separação e quatro não, o que alerta para exigências ou não de um protocolo determinado, ou mesmo flexibilização por situações e hierarquias, distante de uma unicidade e destacando a bivalência de opções nas escolhas, principalmente para as mulheres, “É bem estranho homens de saia!! Apesar de mulher usar camisa, calças, blazers, e até mesmo gravatas...”, como relata a participante G; outra

aponta que “[...] a personalidade de quem veste deve definir, independente da profissão. No entanto, entendo que nossa sociedade ainda é demasiadamente conservadora para a disseminação do conceito de moda sem gênero”, participante M.

Esse pensamento destaca a dinâmica do ambiente profissional e a percepção dos protocolos instituídos, afinal, como disse a participante B: “A delimitação deve estar relacionada mais ao perfil da empresa/instituição (cultura organizacional), como também a atividade e a representatividade da profissão/função exercida, do que ao gênero”.

Dentre ressalvas nas respostas, as entrevistadas apontaram que era preciso sempre observar que a primeira impressão era a mais relevante e determinavam um conceito visual de quem era visto. Além disso, indicaram a necessidade de um respeito aos padrões e decoro estabelecidos e quase inalterados, mesmo com mudanças históricas, inclusive com a participação feminina em ambientes tipicamente masculinos.

As respostas ainda evidenciaram lugares e situações, em sua maioria com maior controle de protocolo do vestir, presentes no dia a dia das entrevistadas, não havendo permissividade de determinadas peças ou de uma previsão da presença feminina, inclusive com alterações contemporâneas para acesso feminino, como relatado pela participante A: “O caso de exigirem saia ou vestido das mulheres no Poder Judiciário, antigamente”. Ou ainda o que apontou a participante C, quando relembra que “Certa época o STF não permitia que mulheres entrassem em sua sede com calças. Protestamos e eles recuaram.” - alteração realizada no final da década de 90²⁸. Outras respostas mostram a ausência feminina, anteriormente, em ambientes de poder, seja em cargos de iniciativa privada ou no serviço público, conforme excertos abaixo, respectivamente:

²⁸ “Sepúlveda Pertence derruba obrigatoriedade do uso de vestido ou saia no plenário do STF”, publicado em 24/05/1997. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/brasil/fc240526.htm>>, acessado em 23 de abril de 2019, às 21h15.

Não acho que tem que ter. Mas no meu ambiente de trabalho, creio que a formalidade dos locais, eventos e reuniões levam a isso de forma automática, uma vez que isso traz menos opções para os homens... Eles podem ousar mais na gravata e nas meias, então ficam facilmente identificáveis, delimitados, em seus ternos tons variando de preto, azul e cinza... Mas sem dúvida DEPENDE DA PROFISSÃO. Nem em todas isso acontece de forma tão automática. (participante C)

Na Câmara Municipal de São Paulo, o regimento prevê traje obrigatório em plenário: terno e gravata. Para homens, claro... não há qualquer previsão regimental de roupas para mulheres, ou seja, não se previu nossa presença (?). A regra é uma forma de discriminação por gênero que não deveria existir. (participante G)

Com estas normas evidentes é possível concluir que a maioria das entrevistadas tenham se sentido obrigadas a adotar determinado estilo, escolher determinado vestuário por uma imposição, mesmo que de forma implícita. Em resposta à seguinte questão, *Você já se sentiu obrigada a adotar determinado estilo devido a alguma posição, mesmo que de forma implícita?*, 10 de 13 respostas declararam que suas escolhas são direcionadas por este regramento, que está refletido inclusive por sua posição hierárquica, também para o homem, no ambiente público.

Meu ambiente de trabalho anterior era mais informal, os homens não usavam terno, nem calça social, nem gravata. Então eu ficava um pouco inibida de usar minhas "roupas de trabalho" padrão, e passei a buscar um meio termo para não destoar e continuar confortável. (participante D).

Ressalta-se que a dicotomia ou mesmo similaridades entre homens e mulheres seja sentida no exercício profissional e na escolha, ou mesmo controle do vestir. A presença da figura masculina ainda é muito presente em posições hierárquicas de destaque e a roupa ainda serve de mecanismo para determinar, caracterizar ou mesmo limitar as ações ou resultados no ambiente profissional.

Em meu primeiro mandato, eu fazia questão de usar calça jeans, camiseta e tênis sempre; no segundo, escolhi me vestir de maneira mais caprichada, porque quero respeito a minhas pautas que podem não ser muito ortodoxas. É importante, para mim, que as pessoas

não me vejam como “porra-louca”, “rebelde” ou “café com leite”.
(participante H)

4.2.4. Categoria D: Grades e contenções no vestir

Com o intuito de revelar a compreensão de como consiste o controle do vestir pelo próprio vestir, ou seja, procurar respostas para compreender como e se a escolha pessoal teria alguma autonomia, foi formulado mais um bloco de perguntas, sendo o primeiro questionamento uma tentativa de evidenciar se a subjetividade é limitada e se isso ocorre na escolha das roupas no ambiente profissional.

Quanto à questão, *Você acredita que a subjetividade é limitada e isso também ocorre na escolha das roupas no ambiente profissional?*, 11 das 13 respostas assinalaram que acreditam que a escolha subjetiva da roupa é feita de forma controlada, ou seja, acreditam que a intimidade, seu mundo interno e interesse particular em relação ao externo, o comportamento ditado pelo social, são regidas por um sistema de contenção. Ao considerar os apontamentos das mulheres entrevistadas ficou mais evidente que existe uma percepção de que “Toda subjetividade é limitada no convívio social, não só no ambiente profissional”, como ressaltou a participante H, além de destacar que “Quanto mais tradicional e formal for a profissional, mais limitada tende ser a escolha das roupas”, como apontou a participante M. Dentre os relatos, ainda há o apontamento de que “É uma escolha ceder aos limites”, considerando que há uma opção em seguir ou não a dimensão cultural imposta, o que é antagônico a outras respostas, que explicitam a ideia de ser:

[...] bastante concreta a escolha das roupas no ambiente profissional, especialmente quando há um código de vestuário pré-estabelecido.
(participante B)

[...] acho que há um limite em praticamente todas as profissões. Não há ambiente profissional onde todos podem trabalhar nus sem estranhamento ou punição. Então limite há, em alguns maiores e em

outros, menor. Acho que não existe subjetividade ilimitada para roupas em ambiente profissional. (participante D)

Em cada retorno positivo, de que há um controle de subjetividade ao escolher a roupa para o ambiente público, foi destacada uma forma singular por crenças e valores coletivos, que direcionam o poder de escolha, na qual “Roupas informais, decotadas, transparentes ou justas influenciam na percepção sobre a seriedade ou capacidade da profissional”, participante A, e aponta que, mesmo que haja uma individualidade, ela é sobreposta por um código maior:

[...] que cada um tem sua personalidade e que isso deve ser refletido em suas escolhas. Porém, nem todos entendem a respeito de adequação e com isso, usam vestes inadequadas, como transparências em excesso, decotes profundos, roupas extremamente justas e curtas. Acredito que no ambiente de trabalho o estilo pode ser revelado, mas com limites quanto à adequação ao ambiente de formalidade que representa. (participante F)

Considerando que existe um mínimo de controle na escolha da roupa no ambiente profissional foi questionado se haveria uma mudança de estilo se não houvesse uma imposição, através da pergunta *Qual estilo você usaria se não houvesse imposições?*. As entrevistadas fizeram relatos que justificassem a mudança, apontando algumas direções, dentre elas destaca-se três palavras-chaves mais citadas: despojada (7), confortável (6), esportivo (5).

Com a opção de uma mudança, as palavras escolhidas conduzem para uma maior liberdade nas escolhas, afinal, a palavra mais citada, despojada, traz uma significação de não ter uma ligação com a ambição, ser despretensiosa, descontraída, informal e livre da opinião do outro. Tratando-se do fato de a segunda palavra mais descrita ter sido conforto, fica evidente que existe uma necessidade de pela roupa, as entrevistadas estarem seguras e envoltas ao bem-estar no vestir, além de estarem livres de problemas, incômodos e tensão; o que gera uma tranquilidade e comodidade. Ao também citarem esportivo, em meio às respostas, explicita outro ponto relevante, que destaca características como simples, informal.

Assim, as palavras destacadas têm significados encadeados e indicam uma direção que contrapõe as estruturas e orientações usuais no ambiente profissional que, como relatado anteriormente, são pautadas em peças mais clássicas, estruturadas, formais e sóbrias.

[...] Como disse, minha mudança de figurino foi uma escolha estratégica... Eu poderia continuar usando as roupas de sempre, mas admito a influência do figurino nas reações das pessoas e hoje me sinto bem andando mais arrumada do que andava antes. (participante H)

Dentre os relatos, ficou evidente que ocorrem julgamentos a qualquer tentativa de fugir do padrão institucionalizado ao escolher a roupa profissional, sugerindo a incorporação de peças estampadas, cores fortes e vibrantes.

Enfim, foi perguntado se a roupa serve de auto representação e se havia um limite para esta prática: *Até que ponto acredita que a roupa serve de auto representação?*. Dentre as respostas, isso só ocorreria se houvesse liberdade de escolha, colocando em dúvida se isso ocorre no ambiente público, inclusive por revelar uma obrigatoriedade, uma adequação ao papel social, como frisado por alguns trechos: “Acredito que as roupas nos representam sempre, mas de acordo com o papel social que precisamos assumir em cada momento.” (participante F); “Até o ponto em que eu seja obrigada a usar um estilo de que não gosto.”, (participante C); “Bem significativo, por ela ser uma forma de comunicação e a tradução de quem a veste”, (participante L), ou ainda, “Você veste o que tem a ver com você, por isso é uma auto representação”, (participante J).

A compreensão de uma dinâmica de escolhas e da função do vestir no exercício profissional resgatam questões anteriores, de outras categorias, como a ocorrência do vestir, as diferenças no público e no privado, o masculino e o feminino, além de um objeto constituinte de um discurso. A fala das entrevistadas ditam essas compreensões.

A primeira impressão é a imagem de boa aparência, elegância e profissionalismo que desejo passar, que corrobora com a profissional que sou. (participante G)

É nossa primeira “manifestação” no contato com outras pessoas, antes de dizer qualquer palavra. Depois nossa fala e nossos gestos podem “desmentir” o que as roupas dizem, mas sem dúvida elas falam e é bom estarmos cientes disso. (participante H)

Com esta percepção da roupa e da importância em cada escolha, principalmente para o exercício profissional, pode ser percebido que existe uma contenção coordenada por um sistema organizador de comportamentos, inclusive social. A liberdade é limitada, isso

[...] quando há liberdade de escolha. No caso de um ambiente uniformizado, ou que você não tem poder de escolha (quando outra pessoa compra ou escolhe suas roupas), são os únicos casos onde não se aplica, em minha opinião. (participante D)

4.3. Personalidades e questionários: refletindo inferências e correlações

Dentro do estudo, após análises de três personalidades femininas no ambiente político, Angela Merkel; Michelle Bachelet e Thereza May e das respostas ao questionário por 13 mulheres em posição de destaque no ambiente público, foi necessária a conexão destes processos como forma de tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação (Bardin, 2010), para assim, termos um panorama de similaridades e diferenças nas experiências, observando algumas categorias.

Para tanto, as percepções colhidas pelo questionário foram sobrepostas às observações captadas das três representantes internacionais, destacando e expondo as formas de construções do sujeito no ambiente público, ou seja, da mulher no ambiente profissional considerando suas vestes, inclusive como limites e coordenadas para as vivências.

Dentre as observações estão as posturas de mulheres impregnadas pela cultura difundida no ambiente público, que podem ser alteradas no decorrer do

tempo e ainda são responsáveis pela representação de gênero, considerando a utilização da roupa como elemento de auto representação e sua capacidade de construção de um discurso reativo ou mesmo proativo, além de mostrar a predominância do masculino ou do feminino, destacando elementos que estruturam também o poder.

Desta forma, ao refletirmos sobre as três personalidades internacionais e como formalizam suas imagens por uma aparência mais próxima ao universo masculino, temos como pontos relevantes a adoção de peças estruturadas, como o paletó, e mesmo os vestidos, que seriam tipicamente femininos, possuem uma modelagem que não evidencia o corpo, com linhas retas. Essas escolhas potencializam a ideia de como ocorrem as representações de gênero no ambiente público, recaindo nas observações de Scott (1995) e Lauretis (1994), apresentadas ao longo deste trabalho, mais concentrado no capítulo 2, que discorre sobre as relações e aparências vinculadas às formas de construção de identidades dentro da sociedade e tendo também como estrutura, o corpo, idealizador inclusive do gênero e suas expressões.

Já a aparência coletada pelas respostas do questionário inferiu um panorama próximo à realidade vivida pelas políticas internacionais em relação ao controle do vestir, mas também, levantaram outros pontos, como algumas escolhas que estão centradas em uma simplicidade das peças, como o jeans, sapatilhas e camisetas. O despojamento da roupa seria o retrato das mulheres que se definiram como ocupantes de cargos no legislativo, mas que suscitaram haver maior propensão a críticas ao modo de vestir, inclusive por falas que as colocam como nada femininas e molecas, como apontou explicitamente a participante H, “Ser informal demais, deselegante, parecer um moleque”.

As condições das escolhas destacam uma lacuna com outras funções captadas pelas questões formuladas, quer dizer, as tentativas de mudança acontecem, mas geram julgamentos e preconceitos, o que pressupõe que sua imagem deve ser construída na opção de peças mais aproximadas de Merkel, Bachelet e May.

Outro destaque, nesta perspectiva, é o conceito difundido por Perrot (1988, p.172), “[...] mostrar os laços entre formulação de uma questão e o tipo

de sociedade que a produziu, em particular o tipo de relação entre os sexos que a estrutura”, afinal as construções culturais são apoiadas de forma bem estrita na relação entre o público e o privado, mais especificamente nos papéis sexuais, enfatizando que cada escolha, inclusive das roupas, serve para designar a postura, o discurso e alocação hierárquica de quem as veste. Inicialmente, a condição ou engessamento do ser público ou a mulher seria mais condicionado, que o ser privado ou o homem, mas existem pontos que nos fazem refletir que esse controle acontece aos dois, mas de forma diferente ou provisionada.

Este pensamento foi organizado por meio de análise de corpus e de questões que tentaram evidenciar se existia uma diferenciação entre as roupas masculinas e femininas, se ocorriam delimitações por meio delas, por meio de seus corpos no exercício da profissão e, ainda, se seriam capazes de posicioná-lo no ambiente profissional. Ao considerar as respostas das entrevistadas inferiu-se que ainda hoje existem controles visuais patentes no ambiente público, o que corrobora com as observações das personalidades internacionais, apresentado no capítulo 3 desta dissertação.

Julgadas e mesmo expostas em busca de efeitos controladores e de segregação para o exercício do cargo, ao escolher as roupas a mulher tem sua capacidade questionada, ou mesmo diminuída, a cada aproximação com peças mais orgânicas, que evidencie o corpo feminino. Como ocorre em âmbito internacional, o recorte nacional trouxe como conhecimento que as escolhas ficam centradas na potencialidade de adotar um visual mais endurecido, restrito e com determinações, tanto por familiares, como por membros públicos, considerando a escala hierárquica.

O condicionamento das escolhas destaca que as diferentes culturas determinam, de forma uniforme, a predominância do gênero masculino frente o feminino para construção de uma identidade e de um discurso de poder, no qual é percebida a aceitação de peças masculinas para as mulheres, mas a recriminação de peças femininas para os homens.

Essa dinâmica mostra que esse controle no vestir é para que seja evitada uma ideia de fragilidade, suavidade e afeição masculina ao adotar

peças com orientações femininas ou formas orgânicas. Já com a escolha de um vestir mais estruturado, a mulher compõe uma fala mais alinhada para o poder, sentenciado para o homem, distanciando-se da sedução feminina, como destacado no episódio vivido pela chanceler alemã, ao usar um decote em evento social. Ou ainda, destacando que as escolhas podem evidenciar uma capacidade inferior para exercer o cargo, como aconteceu com a presidente chilena, que ao repetir o mesmo vestido na mesma semana foi criticada pela falta de cuidado com a imagem que lhe é exigida.

A crítica também pode ser usada como senso comum caracterizando que a mulher sempre cuida de sua aparência de forma a não ser contestada, mas como ocorreu com Merkel e Bachelet, além de situações relatadas pelas entrevistadas, observa-se pelos resultados do estudo - que mostram exatamente o contrário - um engessamento do permitido para determinada função. Afinal, ao considerar que as escolhas da primeira ministra do Reino Unido são atípicas para o cargo, destaca o império masculino do vestir, reflexo da cultura estruturada ainda pelo sexo, enfatizando que “A mulher e a política: é ainda um vasto campo de reflexão para nossos esforços conjuntos” (Perrot, 1988, 173), e constituem campos um tanto desconexos, ainda.

De modo geral, além do controle da sexualidade para o exercício de suas funções em ambiente público, as mulheres ainda precisam pautar suas definições do estilo ou forma de construção de discurso, sendo reativa ou proativa, para seguir uma definição e classificação para atingir a demanda situada por comportamentos tipicamente masculinos. Assim, ao serem questionadas por suas decisões profissionais, as mulheres estudadas ao longo da pesquisa, foram interpeladas, aliando-se sua capacidade funcional ao uso de peças do universo feminino ou mais simples. Com isso, evidencia-se que ainda hoje o controle de coordenadas sociais é mais aceitável por homens, ou seja, as decisões masculinas não serão questionadas pelo vestir. Porém, caso as deliberações sejam feitas por mulheres e estas não agradem a uma maioria, elas terão suas posturas profissionais criticadas pelas formas que se vestem.

Se as ocorrências parecem distantes, as mulheres que responderam ao questionário destacaram que os padrões permanecem inalterados e que a

participação feminina ainda é visualmente construída por peças tipicamente masculinas, ou seja, os arquétipos e estereótipos ficam evidentes, por haver a crença de que as roupas são armaduras que colocam os homens vestidos de terno como mais fortes frente aos outros e, em uma hierarquia, superiores às mulheres. Esse entendimento, acaba obrigando às mulheres a incorporação do terno no seu dia a dia, tornando-se, inclusive, um elemento de auto representação no cotidiano daquelas que exercem cargos de destaque no ambiente público, para que criem um discurso cheio de autoridade, formalidade e força, como sugere Fischer-Mirkin (2001).

A vivência das entrevistadas e mesmo as análises das representantes internacionais evidenciou que os controles são estruturais para determinar a roupa como auto representação, o que destaca a falta de previsão, inclusive por regimentos, da presença feminina em ambiente anteriormente dominado por homens. E neste processo, as mulheres tornam-se alvo de críticas quanto às roupas, visando diminuir sua capacidade no exercício profissional e destacando a existência de um controle de gênero mensurador da capacidade, o que sentencia o que se deve vestir ou não, evidenciando um padrão predominante, como percebemos nas escolhas de Angela Merkel e Michelle Bachelet.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do vestuário pelas mulheres no ambiente público tornou possível a construção das ponderações apresentadas até o momento, buscando compreender as ocorrências, a relevância da representação de gênero e as limitações de subjetividades; neste panorama, procurando respostas que auxiliem na compreensão de como as mulheres recorrem às roupas para transitarem no ambiente político e, até que ponto, as roupas são elementos de auto representação. Essas escolhas são validadas na construção do discurso, inclusive pelas subjetividades, desvendando pontos relevantes que responderam os objetivos específicos, como (1) compreender quais representações de gênero estão inseridas no ambiente público; (2) perceber como são feitas as escolhas de vestuário e, por consequência, de discurso identitário em cada escolha; (3) determinar de que forma a roupa pode interferir na receptividade dentro do ambiente profissional; (4) explorar e responder como os indivíduos utilizam conceitos de poder pela roupa para estreitar o relacionamento com o outro.

Neste ponto faz-se necessário retornarmos aos pontos que consideramos mais relevantes para nortear a pesquisa. Para tanto, argumentou-se que o tema merecia um desdobramento respeitando três eixos - a política, o vestuário e o gênero - considerando conhecimento empírico e teórico, suas dimensões e complexidades, incluindo análise de corpus e aplicação de questionário para aproximar da realidade geográfica brasileira.

Para alcançarmos a compreensão do primeiro objetivo, foram feitas análises concentradas no capítulo 2, que permitiram desenvolver um repositório com variáveis e percepção da complexidade do assunto, possibilitando um método comparativo entre as possibilidades, destacando pontos relevantes sobre as observações feitas pelo uso das roupas no ambiente público, inicialmente para as mulheres, mas não distanciando as ocorrências também para o masculino; realidade ainda citada por algumas participantes da pesquisa no item 4.2.

Os resultados do questionário evidenciaram que existe um controle pela forma de vestir, mas que não se restringe às mulheres. Destaca-se uma liberdade controlada pela hierarquia e fortalecimento da codificação, o que contrapõe a ideia inicial de que ele era centrado apenas no feminino.

É fundamental compreender que a representação ou divisão de gênero, apesar de muita diversidade e nomenclaturas, no ambiente público, é feita pela percepção entre as ocorrências visuais do feminino e do masculino, conforme evidências que estão intrínsecas por todo o trabalho, desde a explicação teórica até as observações destacadas por cada entrevistada. Nestas considerações é possível perceber que a presença feminina tem conseguido burlar ou, ainda, apontar quando há falta de previsões para o exercício de funções de poder ao salientar que ataques às escolhas são feitos na tentativa de diminuir sua capacidade profissional.

O capítulo 3, coordenado com o capítulo 4, este último construído pelas respostas das participantes da pesquisa, atendem aos outros objetivos, apresentando os mecanismos e a percepção de como são feitas as escolhas de vestuário e, por consequência, o discurso identitário em cada escolha. Assim, outro ponto que merece destaque é a compreensão de que o ato do vestir se aproxima ao ato político - o político é o público - por a escolha recair na relação normatizada por esferas de poder e leis instituídas para o exercício de cada função e ainda destaca que o gênero está inserido nesta engrenagem. Ao perceber o gênero, ela destaca inclusive a localização geográfica, a proporção de poder e o vestir.

Se observarmos a construção simbólica do poder, ela está ligada ao gênero. O gênero influencia a imagem pública e é por meio dele que expomos as nossas participações, nossas performances pautadas em regras definidas, de forma tácita ou normatizada e tradicionalmente repetida, sentenciando o vestir.

Ainda no segundo capítulo desta pesquisa, com o intuito de explicar o terceiro objetivo, constatou-se que a presença feminina no ambiente público até hoje é questionada e controlada por meio de arquétipos, estereótipos e, até mesmo, níveis hierárquicos instituídos visualmente pelo uso das roupas, tendo

o corpo como suporte. O corpo, ao sustentar a roupa, também ressalta as diferenças de expressões ou representações escolhidas para se inserir no ambiente público, destacando que a cultura impacta de forma direta nos padrões, escolhas e aceitações do que vestir, constituindo uma reincidência da imagem de poder por determinadas escolhas e limitações.

Dentre os pontos, destacamos a interconexão entre a escolha do vestir, a necessidade de camuflar as formas orgânicas do corpo e a necessidade de seguir um decoro que destaca as dualidades entre a posição permitida, entre o feminino e masculino, o ambiente público e privado, além de poder. Poder que foi destacado com a incorporação de peças tipicamente masculinas pelo feminino, ressaltando uma imagem mais forte e apropriada para o exercício de determinada função. Já a incorporação de peças mais próximas ao universo feminino pelo masculino sofre resistência.

E, por fim, o quarto objetivo foi discutido nos itens 2.3 e 3.3, apresentando observações após o questionamento de mundos femininos e masculinos. Destaca-se que apesar de percebermos que a hierarquia é patente na escolha das roupas e nos controles sociais no geral, as mulheres ainda são mais suscetíveis ao julgamento de qualificação de sua capacidade em cada ato do vestir, como o condicionamento às regras, em sua maioria de forma tácita, por não haver previsão institucionalizada para cada mulher destacada, inclusive retratada pela exposição ao longo do trabalho. Tudo isso nos faz perceber que a escolha do vestir é dicotômica e se faz por um motivo reativo - quando ocorre algum julgamento ou coação para uso de escolha determinada - ou mesmo proativo, quando o uso da roupa é praticado como forma de proteção a qualquer julgamento.

Pesquisas decorrem de incômodos e esta não se fez diferente, pois surgiu ao sentir-se a necessidade de compreender as escolhas das mulheres para se posicionarem no mercado de trabalho, sendo inicialmente analisadas nas observações de personalidades políticas femininas. O desejo em expandir a pesquisa para mulheres brasileiras foi para compreender como elas auto representam a si mesmas e suas carreiras utilizando-se das escolhas das roupas, e pudemos perceber, após pesquisas bibliográficas, o caminho da

mulher no ambiente de trabalho e como estão ligadas as transformações históricas, econômicas, culturais e das cidades.

O objetivo do estudo é repensar a dinâmica do vestir e estimular que mais pessoas compreendam o mecanismo que rege essa ação de construção visual, da sua imagem, de todos os simbolismos que estão arraigados em cada escolha de roupas e complementos. É ainda o desejo de que o indivíduo consiga ser autêntico, verdadeiro e expresse sua identidade sem falseá-las, sem ser contido por grades rígidas, do masculino (público) e do feminino (privado), de uma sociedade da espetacularização, mas com personagens restritos, o gênero masculino ditando a representação em posições de destaque, no ambiente profissional.

Reconhece ainda dentro do estudo que, considerando o recorte escolhido, as limitações da investigação tornaram-se evidentes na etapa da aplicação de questionário e entrevistas, por ter uma dificuldade de acesso às mulheres que exercem funções de poder. Por fim, com base nos levantamentos desta pesquisa, um ponto que se destacou e merece atenção, suscitando questões que podem ser estudadas futuramente com metodologia diferenciada, é a escolha das roupas dos homens e a forma como eles são controlados no exercício de funções de poder, inclusive qual a relação entre as opções e a construção da imagem profissional, o que interfere na performance. Ou ainda, como ocorrem as escolhas de roupas por pessoas que têm uma identidade de gênero diferente de seu sexo atribuído, a exemplo dos transgêneros.

REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Trad. Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro. Lisboa, Edições 70, 4ª edição, 2010.
- BARNARD, Malcolm. *Moda e comunicação*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BARTHES, Roland. *Imagem e Moda*. Trad. Ivone Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BAUMAN, Zygmunt. *Introdução: o segredo mais bem guardado da sociedade de consumidores*. In: BAUMAN, Zygmunt. *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
- BEAUVOIR, Simone de. *O Segundo Sexo-Fatos e Mitos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. Vol.1. Trad. Sergio Milliet. págs.07-23.
- BERGER, Peter L. *Perspectivas Sociológicas*. Petrópolis: Vozes, 1986
- BIROLI, Flávia. *Mulheres e política nas notícias: Estereótipos de gênero e competência política*, Revista Crítica de Ciências Sociais [Online], 90 | 2010, colocado online no dia 15 outubro 2012, criado a 30 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/rccs/1765>
- BUTLER, Judith. *Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?* Tradução, Renato Aguiar. — Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- CAPARICA, Márcio. *Entenda as 56 opções de gênero do Facebook*, 2014. Disponível em: <http://www.ladobi.com.br/2014/02/56-opcoes-genero-facebook/>. Acesso em: 01 de agosto de 2018.
- CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. São Paulo: Ubu Editora, 2016.
- CASTILHO, Kathia.; MARTINS, Marcelo M. *Discursos da moda: semiótica, design e corpo*. 2 ed. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005.

CASTILHO, Kathia. *Moda e linguagem*. 2. ed. rev. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2004

CATRACA LIVRE. Nova York passa a reconhecer 31 gêneros diferentes, 2016. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/nova-york-passa-reconhecer-31-generos-diferentes>. Acesso em: 01 de agosto de 2018.

CRANE, Diane. *A moda e seu papel social: classe, gênero e identidade das roupas.*/ Diana Crane: tradução Cristina Coimbra. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2006.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. São Paulo. Contraponto: 2008.

CARVALHO, Flávio de. *A moda e o novo homem: dialética da moda*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2010.

DELEUZE, Gilles. Post-scriptum, sobre as sociedades de controle. In: DELEUZE, Gilles. *Conversações, 1972 - 1990*. Trad. Peter Pal pelbart. Rio de Janeiro: Ed 34, 1992, p.219 – 226

DORFLES, Gillo. *Psicologia do Vestir*. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

DOWLING, G.. *Creating Corporate Reputation: Identity. Image and Performance*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

ECO, Umberto. *O hábito fala pelo monge*. In: ---. *Psicologia do Vestir*. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

EHRENBERG, Alain. *O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa*. Org. e Tradução Pedro F. Bendassolli. Aparecida, SP: Editora Ideias e Letras, 2010.

FISCHER-MIRKIN, Toby. *O código do vestir: os significados ocultos da roupa feminina*. Tradução de Angela Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

FLYNN, Terry. *Corporate reputation management and branding*. Curso de especialização comunicação empresarial. Syracuse University 12/04/2007. In: GARCIA, Alain. *A Cultura Organizacional como alicerce da reputação corporativa*. Salvador, 2007.

FOUCAULT, Michel. *A história da sexualidade: a vontade de saber*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2009. v. 1.

_____. L'écriture de soi. *Corps Écrit*, no 5, p. 3-23, fév. 1983. A escrita de si. In: FOUCAULT, M. 4 O que é um autor? Lisboa: Vega, 1992, p. 129 – 160.

FREIRE, Gilberto. *Modo de homens e modas de mulher*. 4ª edição. Rio de Janeiro: Record, 2002

GARCIA, Carol. MIRANDA, Ana Paula. *Moda é Comunicação*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2005

GOLDENBERG, Mirian (Org.). *Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HELLER, Eva. *A psicologia das cores*. São Paulo: Gustavo Gili, 2013.

HIME, Flavia A. *Sexualidade da mulher*. In: MEIRELLES, Valeria (org.) *Mulher do século XXI*. São Paulo: Roca, 2008.

JONES, Jenkyn Sue. *Fashion Design: Manual do estilista*. São Paulo: Ed. Cosak Naif, 2005.

JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1987.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Fundamentos de metodologia científica*. 6. ed. 5. reimp. São Paulo: Atlas, 2007

LAURETIS, Tereza de. *A tecnologia do gênero*. In: HOLLANDA, H. B. de. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LIPOVETSKY, Gilles. *O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

LURIE, Alison. *A Linguagem das roupas*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1997.

MAFESSOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1998.

MATTOS, Izabel Missagia da Silva. Uma outra mulher na História. In: AUAD, Sylvia (org.) *Mulher*. Belo Horizonte: CREZ, 1999.

MONNEYRON, Frédéric. *A moda e seus desafios*. São Paulo: Senac, 2007.

MONTORO, T. S. ; SENTA, C.R.M.D . O toque suave da transgressão: afetividades e subversão de estereótipos em Irina Palm. In: Rosa Berardo. (Org.). *Desenredos: Cultura, Identidade Cultural e Representação da Alteridade*. 1ed.Goiânia: Gráfica da UFG, 2016, v. 9, p. 65-79.

MORATORI, Deborah Marques Lopes. *O hábito fala pelo monge*. Monografia graduação. UFJF, 2002.

O'HARA, Georgina. *Enciclopédia da moda: de 1840 à década de 80*. Tradução de Glória Maria de Mello Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OLIVEIRA, Sandra Ramalho e. *Moda também é texto*. São Paulo: Edições Rosari, 2007.

PEREIRA, Marcos Emanuel. *Psicologia social dos estereótipos*. São Paulo: E.P.U, 2002

PERROT, Michelle. *OS excluídos das história: operários, mulheres e prisioneiros*. Tradução Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SABINO, Marco. *Dicionário da Moda*. Rio de Janeiro: Ed. Elsevier, 2007

SANT'ANNA, Denise B. de. "Apresentação". In:_____. (Org.) *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995 a, p.11-18.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard. *O Estado Espetáculo*. Rio de Janeiro e São Paulo: DIFEL, 1978.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, vol.16. n.2, Porto Alegre, p.5-22, 1995.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade* tradução Lygia Araujo Watanabe. - São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SILVA, André Luiz da; VENTURA, Raissa Wihby; KRITSCH, Raquel. *O gênero do público: críticas feministas ao liberalismo e seus desdobramentos*. PUBLICADO em Dossiê: Contribuições do pensamento feminista para as Ciências Sociais, 2009.

SMITH, Henry Clay. *Desenvolvimento da personalidade*. Trad. André Luiz Gaiarsa. Ed. McGraw-Hill do Brasil, 1977.

SORCINELLI, Paolo. *Estudar a moda*. São Paulo: Senac, 2008.

SOUZA, Gilda de Mello e. "A moda como arte". In: *O espírito das roupas, a moda do século dezenove*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

APÊNDICE

TERMO DE CONSENTIMENTO

Esta pesquisa tem como objetivo principal investigar a representação de gênero pelas vestes de personagens femininas, suas ocorrências e a construção de discurso no ambiente público. Trata-se de uma pesquisa destinada a contribuir para o desenvolvimento da dissertação de mestrado intitulada, provisoriamente, “Política vestida: a indumentária como forma de discurso do design”, de autoria da pesquisadora Karla Beatriz Barbosa de Oliveira (RG 1997713 / CPF 720800861-20), aluna regular do curso de mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Design da Universidade de Brasília (matricula 17/0134032), sob a orientação de Professora Doutora Shirley Gomes Queiroz.

Partindo do pressuposto de que o vestuário sempre serviu de agente articulador de perspectivas sociais, econômicas e políticas, e com a possibilidade de vislumbrar que existem concepções de hierarquias, definições de papéis e, que influencia nas formas de posicionamento de poder e discurso, inclusive no ambiente público. Seu trabalho, de cunho exploratório, se propõe a levantar indícios capazes de verificar a pertinência desta hipótese considerando a presença da mulher no exercício de funções ou cargos com características políticas. Por este motivo, nesta fase empírica, a proposta se limita à realização de questionários qualitativos com uma pequena amostra de participantes brasileiras, as quais foram intencionalmente selecionadas pela pesquisadora, a fim de contrapor com a análise de três grandes representantes mundiais: Angela Merkel, Michelle Bachelet e Thereza May.

É importante, portanto, destacar que as informações obtidas nas entrevistas não são passíveis de generalização e que isto será considerado pela pesquisadora na etapa de análise de conteúdos obtidos. Para que esta análise possa ser realizada, será necessária a resposta do questionário e se possível, em ocasião posterior, entrevista individual ou grupo focal, sendo gravados com auxílio de gravador de áudio (voz). A pesquisadora, contudo, compromete-se a

preservar as identidades de todas as participantes, garantindo que seus nomes e documentos não constarão na dissertação a ser publicada.

As participantes estarão livres para solicitar mais informações adicionais sobre o estudo e, também, para interromper suas participações individuais a qualquer momento sem que isto implique dano, custo ou penalização.

Tendo lido as informações descritas acima, e me sentindo suficientemente esclarecida quanto a minha participação na referida pesquisa, bem como em relação ao estudo ao qual esta pesquisa se destina a contribuir.

Nome _____

RG n° _____ Cargo/função _____

Declaro para os devidos fins que participarei voluntariamente da pesquisa proposta e certifico que estou plenamente de acordo com a realização deste trabalho.

Muito obrigada!

Karla Beatriz Barbosa de Oliveira

e-mail: barbosa.karlab@gmail.com

QUESTIONÁRIO

1. Qual sua idade?
 - a. de 21 a 30 anos
 - b. de 31 a 40 anos
 - c. de 41 a 50 anos
 - d. Acima de 50
2. Exerce cargo de direção e afins?
 - a. Sim
 - b. Não
3. Cite cinco palavras que venham a sua cabeça quando pensa em vestuário (roupas):
4. Você considera que as roupas emitem uma mensagem? Justifique
 - a. Sim
 - b. Não
5. Já recebeu críticas sobre as escolhas de suas roupas para o ambiente de trabalho? Quais?
 - a. Sim
 - b. Não
6. Acredita que existem roupas de mulher e roupas de homem? Exemplifique
 - a. Sim
 - b. Não
7. Você acha que deve ter uma delimitação de gênero pelas vestes no exercício da profissão? Justifique
 - a. Sim
 - b. Não
8. As roupas são capazes de posicionar seu gênero no ambiente profissional?
 - a. Sim

- b. Não
9. Você acredita que a subjetividade é limitada e isso também ocorre na escolha das roupas no ambiente profissional? Justifique
- a. Sim
 - b. Não
10. Você acredita que a roupa maximiza a aceitação e o respeito no ambiente profissional? Justifique
- a. Sim
 - b. Não
11. A escolha das roupas profissionais seguem o mesmo padrão da escolha de suas outras roupas? Justifique
- a. Sim
 - b. Não
12. O que motiva na hora de escolher a roupa para o trabalho?
13. Exemplique qual roupa você escolhe para mostrar poder no ambiente profissional? Usa acessórios? Como são os sapatos? Descreva
14. Você já se sentiu obrigada a adotar determinado estilo devido a alguma posição, mesmo que de forma implícita?
15. Qual estilo você usaria se não houvesse imposições?
16. Até que ponto acredita que roupa serve de autorepresentação?
17. Coloque em ordem de prioridades as motivações de sua escolha do vestuário profissional: Qualifica – expressa – identifica – representa – limita – controla
18. Comentários e/ou sugestões.